

# **A Fisiologia da Exposição Mediática Criminal e a sua relação com as Atitudes Políticas: Uma Análise Exploratória**

INÊS MARIA BARRADAS LEMOS COUTO DE SOUSA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA

À FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM

CRIMINOLOGIA

TRABALHO REALIZADO SOB A ORIENTAÇÃO DE  
PROFESSOR DOUTOR PEDRO MANUEL ROCHA ALMEIDA

## Resumo

Na contemporaneidade do século XXI, os *media* constituem um veículo informativo, “nuclear”, passível de moldar a realidade perceptiva dos indivíduos e de influenciar o seu posicionamento político. Contudo, pouco se sabe acerca dos seus efeitos afectivos numa vertente pública. O presente estudo constitui uma componente exploratória da fisiologia da exposição mediática à notícia do crime, por meio de uma abordagem multimetodológica auto-reportada, psicofisiológica e de análise de conteúdo, e uma subsequente compreensão da sua relação com uma componente atitudinal política. Para uma correcta persecução do supracitado objectivo foram desenvolvidos dois estudos empíricos.

O primeiro estudo – Estudo Piloto – teve como principal objectivo a edificação de uma base de estímulos noticiosos criminais, provenientes de duas fontes jornalísticas – SIC e CMTV – e uma subsequente procura de diferenças fisiológicas entre as suas componentes estilístico-editoriais, diferenciais. Não foram encontrados valores estatísticos significativos passíveis de suportar a existência de uma componente de activação afectiva, diferencial, entre fontes mediáticas distintas. Os anteriores resultados são debatidos, criticamente, na secção de discussão do estudo piloto.

O segundo estudo - Estudo I – teve como principal meta a compreensão de padrões de resposta fisiológica associados a uma exposição mediática longa, ecológica, a um segmento de telejornal – TVI – maioritariamente, mas não exclusivamente, constituído por notícias de índole criminal e da sua relação com uma componente atitudinal política. A evidência produzida no actual estudo é sugestiva de relações importantes, limitadas a determinadas condições, entre os padrões fisiológicos gerados e uma componente atitudinal (anti)imigratória. Os anteriores resultados são debatidos, criticamente, numa secção de argumentação final da presente dissertação.

**Palavras-Chave:** *Media; Crime; Psicofisiologia; Atitudes Políticas; Imigração; Autoritarismo; Multi-Metodologias;*

## **Abstract**

In the contemporaneity of the 21st century, the media are considered a “nuclear” vehicle of information capable of shaping the perceptive reality of the individuals and of influencing their political views. However, little is known about their affective consequences to the public. This study aims to investigate the physiology of media exposure to crime news and its relationship with political attitudes, through a multi-methodological approach that is mainly self-reported, psychophysiological and analytical. In order to do so, two empirical studies were developed.

The first study – The Pilot – focused on the assembling of a crime news stimulus base, consisting of videos retrieved from two mediatic sources – SIC and CMTV – and on the investigation of physiological differences between the two stylistic news modules. No significant statistical values were found that could prove the existence of a differential affective activation component between diverse media sources. Further discussion is presented in the study.

The second study – Study I - aimed to comprehend the physiological response patterns associated with a long, ecologically-driven, mediatic exposure to a TV newscast – TVI - composed, mainly, but not exclusively, by crime news and its relationship with political attitudes. The evidence produced in this study, although limited to the conditions in which it took place, is suggestive of important relations between the physiological patterns generated and an attitudinal political component of (anti)immigration. Further discussion takes place in the final section of the present dissertation.

**Keywords:** *Media; Crime; Psychophysiology; Political Attitudes; Immigration; Authoritarianism; Multi-Methodologies;*

## **Agradecimentos**

*Ao meu orientador, por acreditar neste projecto desde o início, mesmo quando poucos o fizeram. Por ter tanto de genialidade como de imprevisibilidade e por manter um discurso científico constante nas situações mais complexas que exigem uma procura explicativa para a qual não estamos, ainda, preparados. Por todos os ensinamentos académicos. E, mais importante, por todos os ensinamentos de vida. Por acreditar em mim.*

*Ao Pedro Moreira, pela quantidade de horas incansáveis dedicadas ao projecto, quer em cenários de programação, quer em cenários de tratamento de dados e análise estatística. Um verdadeiro pilar indispensável para a finalização desta etapa. Por todas as pep talks. Sem ti não havia mestrado, Pedro.*

*Ao Tiago Gama Rocha pelo apoio na área da comunicação social e por se disponibilizar, desde logo, a participar no projecto com os seus ensinamentos, mesmo numa etapa tardia do mesmo.*

*À Bárbara, Luís, António, Chaves, Nuno e a todo o pessoal da Mindprober pelo apoio que me deram na segunda (difícil) fase de recolha de dados. Se só foi difícil, e não impossível, foi graças a eles.*

*A todos os voluntários que participaram em ambos os estudos e tornaram este projecto possível.*

*À minha família de sangue e à minha família de circunstância. Aos meus amigos, acima de tudo, sem referir nomes porque (felizmente) são muitos, que estiveram comigo desde o início até ao fim. Que me aturaram nas mil e uma vezes em que quis desistir. Que me inspiraram. Que não me abandonaram, mesmo na minha ausência.*

*Aos meus pais, que me fizeram a pessoa que sou com todo o amor do mundo.*

\* A presente dissertação não segue as regras do novo acordo ortográfico.

Resumo.....	I
Abstract .....	II
Agradecimentos.....	III
Índice de Anexos.....	VIII
Índice de Tabelas.....	IX
Abreviaturas .....	X
Introdução.....	1
<b>Capítulo I – Enquadramento Teórico .....</b>	<b>3</b>
1. Componente Introdutória: O Pânico Moral.....	3
2. Os Media: As Notícias, a sua Estrutura e Função .....	9
2.1. Teoria do Espelho, Teoria da Acção Pessoal e Teoria Organizacional.....	9
2.2. Teoria de Acção Política.....	12
2.3. Teoria Construtivista, Teoria Estruturalista e Teoria Interaccionista.....	14
2.4. Tendência Divisionista vs. Tendência Unionista .....	18
2.5. Crime como Notícia.....	19
2.6. Consumo e Efeitos Mediáticos .....	20
2.7. Media e Afectividade.....	22
3. Afecto, Emoção e Disposição .....	23
3.1. Distinções Conceptuais.....	23
3.2. Modelos Dimensionais - Modelo Circumplexo Afectivo (MCA).....	25
3.3. Operacionalização Afectiva/Emocional .....	29
3.3.1. Arousal e Actividade Electrodérmica (EDA) .....	30
3.3.2. Auto-Relato Afectivo, Arousal e Valência .....	34
3.3.2.1. Medidas de Itens-Singulares.....	35
I. SAM – Self Assessment Manikin .....	36
4. Atitudes .....	38
4.1. Conceptualização.....	38
4.1.1. Modelos de Orientação Corporal .....	39
4.1.2. Modelos Afectivos .....	41
4.1.3. Modelo Tripartido .....	43
4.1.4. Modelo Homeostático.....	46
4.2. Atitudes Políticas: Dimensão Autoritária-Libertária.....	48
4.3. <i>Attitude Change</i> e Afectividade no Julgamento Social .....	49
4.3.1. Modelo Heurístico-Sistemático .....	49

4.3.2. Hipótese do Afecto como Informação .....	51
4.3.3. “ <i>Negativity Bias</i> ”, Modelo de Arousal e Sensibilidade Fisiológica .....	52
4.4. Operacionalização das Atitudes.....	55
<b>Capítulo II: Componente Empírica.....</b>	<b>56</b>
5. Estudo Piloto .....	56
5.1. Objectivos e Hipóteses .....	56
5.2. Caracterização do Estudo .....	57
5.3. Procedimentos e Método .....	58
5.4. Amostra .....	60
5.5. Variáveis e Instrumentos .....	61
5.5.1. Exposição Mediática (Variável Independente).....	61
5.5.2. Activação Afectiva (Variável Dependente) .....	62
5.5.2.1. Reactividade Fisiológica – Psicofisiologia (EDA e HR) .....	62
5.5.2.2. SAM – Self Assessment Manikin.....	63
5.6. Estratégia Analítica.....	63
5.7. Resultados.....	63
5.7.1. Medida Auto-Reportada.....	63
5.7.2. Medidas Fisiológicas .....	65
5.8. Discussão .....	66
6. Estudo I (Estudo Central).....	68
6.1. Objectivos e Hipóteses .....	68
6.2. Caracterização do Estudo .....	69
6.3. Amostra .....	70
6.4. Procedimentos e Método .....	71
6.5. Instrumentos e Variáveis .....	73
6.5.1. Exposição Mediática (Variável Independente).....	73
6.5.2. Activação Afectiva: <i>EDA e HR</i> (Variável Mediadora).....	74
6.5.3. Hábitos de consumo Mediático (Variável de Controlo) .....	74
6.5.4. European Social Survey (ESS) .....	75
6.5.4.1. Atitudes Imigração (Variável Dependente).....	76
6.5.5. Atitudes Autoritárias-Libertárias (Variável Dependente).....	78
6.5.5.1. Pré-medida: Itens da escala de Adorno et al. (1950).....	79
6.5.5.2. Itens Autoritarismo do ESS .....	80
6.6. Estratégia Analítica.....	82

6.7. Resultados.....	83
6.7.1. Estatística Descritiva.....	83
6.7.2. Estatística Inferencial.....	86
6.7.2.1. Pré-Medida de Autoritarismo .....	86
6.7.2.2. Género, Reactividade Fisiológica e Atitudes .....	87
6.7.2.3. Reactividade Fisiológica e Atitudes .....	88
6.7.2.4. H2: Hipótese de Mediação .....	90
6.7.2.5. Horas de Exposição Mediática, Reactividade Fisiológica e Imigração .....	91
<b>Capítulo III: Discussão .....</b>	<b>92</b>
Bibliografia.....	98
Anexos.....	115



## Índice de Anexos

Anexo I: Percentagens de Audiência SIC, SIC Notícias, CMTV .....	115
Anexo II: <i>Boxplots</i> : Comparação de Médias de Activação Fisiológica CMTV e SIC .....	117
Anexo III: Gráficos de GSR/Min, por conteúdo .....	120
Anexo IV: Gráficos de Activação Electrodérmica/Minuto.....	123
Anexo V: Resultados dos Testes de Normalidade (KS e SW) para as variáveis em estudo..	131
Anexo VI: Identificação de Outliers em Gráfico de Dispersão .....	132

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Comparação de Médias Comportamentais entre Conteúdos Noticiosos Criminais CMTV e SIC ( <i>t-tests</i> ) .....	64
Tabela 2: Comparação de Picos por Minuto entre Canais e por Conteúdo.....	66
Tabela 3: Percentagens Descritivas das Variáveis Categóricas .....	85
Tabela 4: Estatísticas Descritivas, Quantitativas, Gerais e por Género .....	85
Tabela 5. Coeficientes de Correlação: Pré-medida, Idade e Número de Picos por Minuto.....	87
Tabela 6. Coeficientes de Correlação: Atitudes Imigratórias e Reactividade Fisiológica para o Sexo Masculino .....	88
Tabela 7. Coeficientes de Correlação: Atitudes Imigratórias e Reactividade Fisiológica para o Sexo Feminino.....	88
Tabela 8. Coeficientes de Correlação entre Variáveis de GSR, Variáveis de Exposição Mediática e Variáveis Atitudinais .....	89
Tabela 9. Comparação de Atitudes Imigratórias de Acordo com o Número de Horas de Televisão Semanal Visualizadas .....	91

## **Abreviaturas**

A – *Arousal* (Ativação)

AFD – Alternative für Deutschland (Alternativa para a Alemanha)

BAS – Behavioral Activation System (Sistema de Ativação Comportamental)

BIS – Behavioral Inhibition System (Sistema de Inibição Comportamental)

BSA – British Social Attitudes

CMS – Circular Mood Scale

CMTV – Correio da Manhã TV

D – Dominância

DP – Discriminatory Power (Poder Discriminativo)

EDA – Electrodermal Activity (Actividade Electrodérmica)

EEG – Electroencephalogram (Electroencefalograma)

ESS – European Social Survey

F - Feminino

FDUP – Faculdade de Direito da Universidade do Porto

FFF – Freeze, Fight, Flight (Resposta de Luta, Fuga ou Paralisação)

FPO – Freiheitliche Partei Österreichs (Partido da Liberdade da Áustria)

GfK - Gesellschaft für Konsumforschung (Crescimento pelo Conhecimento)

GSR – Galvanic Skin Response (Resposta Galvânica da Pele)

GSR/Min – Galvanic Skin Response per minute (Resposta Galvânica da Pele por minuto)

HR – Heart Rate (Ritmo Cardíaco)

H-S – Heurístico-Sistemático

Hz – Hertz

IAPS – International Affective Picture System (Sistema Internacional de Imagens Afectivas)

L-A – Libertária-Autoritária

M - Masculino

MCA – Modelo Circumplexo Afectivo

MTMM – Multitrait-Multimethod Matrix (Matriz Multi-traços/Multi-métodos)

NS-SCRs – Non-Specific Skin Conductance Responses (Respostas de Condutância Eléctrica da Pele não específicas)

P – Prazer

PM – Pânico Moral

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SAM – Self Assessment Manikin

SCL – Skin Conductance Level (Nível de Condutância Eléctrica da Pele)

SCRs – Skin Conductance Responses (Respostas de Condutância Eléctrica da Pele)

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

SNS – Sympathetic Nervous System (Sistema Nervoso Simpático)

SQP – Survey Quality Predictor (Preditor de Qualidade de Questionário)

S-SCRs – Specific Skin Conductance Responses (Respostas de Condutância Eléctrica da Pele específicas)

TVI – Televisão Independente

V – Valência

X – Média Amostral

$\mu$ S – Microsiemens

## Introdução

A presente dissertação encontra a sua inspiração, fundamental, nas eleições presidenciais americanas de 2016, com todo o envolvimento mediático que estas comportaram, e o verdadeiro *shift* paradigmático, envolvente, que produziram na geopolítica mundial. Uma marca desenvolvimental antecipada e, agora, desconstruída, pela filtragem, teórica, intrínseca à filosofia de Chomsky (1988), culminante numa alegada manufacturação de consentimento público, intermediada pelos veículos informativos, jornalísticos, na sua multiplicidade formal, estilístico-editorial, e na sua cobertura de conteúdos estrategicamente seleccionados, enaltecidos ou neutralizados. Um jogo de poderes que, não raramente, adopta um posicionamento central numa rede societária, progressivamente, mais individualista, apoiada pelas, exasperadamente emocionais, temáticas noticiosas do século XXI, incidentes, ulteriormente em motivos criminais, acidentais ou catastróficos. A relação que os *media* estabelecem com uma unidade pública admite, adicionalmente, especial relevo na panóplia de efeitos, tidos como empiricamente demonstrados, e que se estabelecem a três níveis; Sejam (1) Afectivos e Cognitivos (Cohen, 2002; Altheide, 2003; Chiricos, Padget & Gertz, 2000; Heath & Gillbert, 1996; Weitzer & Kubrin, 2004); (2) Comportamentais (Huesmann, 1986; Huesmann, 1988; Anderson et al., 2003; Huesmann & Taylor, 2006; Huesmann & Eron, 2013); ou (3) Atitudinais (Mutz, Sniderman & Brody, 1996; Dowler, 2003; Petty, Cacioppo, Strathman & Priester, 2005; Renshon, Lee & Tingley, 2015), merecem especial destaque em áreas como a Criminologia, Psicologia, Ciência Política, Sociologia e Marketing, num mundo em constante desenvolvimento, albergado por índices sociais e económicos mutáveis e imprevisíveis, dadas as condições de risco inerentes a uma era Schengen pós-globalização. O presente corpo de trabalho reconhece o relevo da actual temática e parte desta concepção para promover uma análise exploratória da fisiologia da exposição mediática, incidente sobre a notícia do crime, e da sua relação com uma componente atitudinal política. Para a persecução do supracitado objectivo e uma correcta organização do espaço de trabalho, a dissertação encontra-se dividida em 3 capítulos.

O Capítulo I, de carácter teórico, introduz as noções conceptuais, essenciais, ao estado de arte dos principais constructos de investigação. Após uma breve abordagem, intrínseca ao âmbito da sociologia criminológica, sediada na edificação literária de Pânico Moral, nas suas categorizações processuais e atributivas, segue-se uma plasmação descritiva, inerente à temática jornalística, com as devidas correntes divisionistas/unionistas, explicativas dos módulos estruturais, funcionais e de produção noticiosos, culminantes numa vertente de

representação social do crime como notícia e do consumo/efeitos consequenciais mediáticos. Posteriormente, o objecto psicológico é desconstruído na sua conceptualização de distinção emocional/afectiva/disposicional, com uma contextualização dimensional, cimentada por uma modelação circunplexa e integrada pelos vários módulos auto-reportados, (psico)fisiológicos e comportamentais de operacionalização dos constructos afectivos. Por fim, o módulo final, apresentado no capítulo inicial, faz referência ao conceito de atitude e às várias formulações literárias designadoras do seu cerne, com adicional alusão aos modelos autoritários-libertários, numa óptica atitudinal política e aos modelos heurístico-sistemático/modelos do afecto como informação, numa abordagem tendente com uma visão de *attitude change*, persuasão (tida como altamente relevante, na visão de Perloff (1993), embora, por ausência de espaço, não discorrida na presente tese) e influência afectiva no julgamento social. Como nota teórica final são condensados alguns parâmetros operacionais relevantes ao actual estudo.

O Capítulo II, de índole empírico-metodológica, é introdutório de um primeiro estudo piloto da actual dissertação, com o principal objectivo de exploração preliminar de diferenças formais, estilístico-editoriais, entre notícias criminais derivadas de duas fontes televisivas – CMTV e SIC - tidas como mais ou menos activadoras, emocionalmente, consoante a opinião pública. Neste subcapítulo são explicitados os objectivos e hipóteses de estudo, com uma subsequente caracterização amostral, procedimental e designadora da tipologia de desenho aplicado. São ainda apresentadas as principais variáveis de investigação, com a utilização, instrumental, de *softwares* de estimulação e recolha psicofisiológica, *PsychoPy* e *Psychlab*, e de medidas auto-reportadas *SAM*, e os resultados subsequentes derivados da sua aplicação. Como nota final, faz-se uma breve alusão a uma componente argumentativa em forma de discussão final. O segundo capítulo referencia, adicionalmente, um outro estudo empírico central à presente tese – Estudo I – incidente sobre a investigação psicofisiológica dos padrões de activação mediática de um segmento de telejornal - TVI - e da sua relação com uma componente atitudinal política. Neste subcapítulo são explicitados os principais objectivos e hipóteses de estudo, componentes procedimentais, amostrais e designadoras do desenho de investigação. São também apresentadas as principais variáveis de estudo, com a utilização, instrumental, do *software* de recolha e estimulação psicofisiológica, e de medidas auto-reportadas, tendentes com os constructos teóricos supracitados. Faz-se, subsequentemente, uma breve apresentação dos principais resultados, descritivos e inferenciais, derivados da sua aplicação.

O Capítulo III trata uma componente de finalização dissertativa, com a consagração de um módulo de discussão final. Neste, as principais interpretações decorrentes do Estudo I são exploradas, numa lógica indutivo-dedutiva, assim como são explicitadas as principais limitações inerentes ao actual corpo de trabalho. Como nota final é apresentado um conjunto sugestivo de propostas de investigação futura direccionadas para a temática presentemente tratada.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

### 1. Componente Introdutória: O Pânico Moral

A ascensão de extremismos políticos partidários, numa Europa ocidentalizada do século XXI, com patriotismos exacerbados, típicos de movimentos radicais, como a Frente Nacional (França), o AFD (Alternativa para a Alemanha), o FPO (Partido da Liberdade da Áustria) e o Jobbik (Hungria); A eleição anedótica de um líder republicano americano, fundamentalmente economista e com um pano de fundo político inexistente; Os trâmites jornalísticos contemporâneos, enquadrados por estilos de produção e edição de consumo rápido, favorecedores de catarses emocionais em prol de uma competitividade mercantil delimitadora da indústria; A amplificação do desvio ordinário, do terrorismo europeu e da lesão desportiva e a banalização da moldura constitucional dos países de terceiro mundo. Representações pictóricas actuais que, inegavelmente, elevam a conceptualização do termo “Pânico Moral” de Cohen a uma realidade altamente intemporal. Utilizando como material probatório, de base, um Reino Unido dos anos 60/70 e as suas subculturas juvenis mais famosas – *os Mods e os Rockers* – a tese de doutoramento do autor, exploratória dos riscos que estas comportavam para a ordem social de uma *cultura de controlo*, não descarta o papel mediador essencial dos *Mass Media* reaccionários e das instituições de controlo social, fulcrais no seu papel promotor de rótulos e identidades desviantes, artificialmente induzidas. Numa interpretação nuclearmente sintetizada, o Pânico Moral, constructo central do seu trabalho, pode ser definido como um episódio esporádico de ansiedade, medo, preocupação, em que um evento/condição/indivíduo, à partida ordinário, assume uma nova faceta de ameaça a valores e interesses societários; faceta, essa, construída e desenvolvida por veículos de amplificação – os *media* – que transformam as problemáticas, iniciais, em temas de discussão centralizados a nível nacional e, por vezes, até a nível global, com uma atenção próxima exigida aos órgãos de controlo social, agendas

políticas e olhares públicos. Nas palavras de Cohen, “*As sociedades parecem estar sujeitas, de tempos a tempos, a períodos de pânico moral. Uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para se tornar uma ameaça definida aos valores e interesses societários; A sua natureza é apresentada de forma estilizada e estereotipada pelos mass media (...) Por vezes o pânico passa e é esquecido, excepto na memória colectiva e popular; Outras vezes, tem repercussões mais sérias e duradouras e pode produzir alterações ao nível de políticas legais e sociais ou mesmo na forma como a sociedade se concebe a si mesma*” (Cohen, 2002, p. 9). Ora, trata-se de um fenómeno complexo e fragmentado, passível de ter, na sua origem, uma panóplia de objectos facilmente previsíveis que, por estarem associados a fórmulas discursivas específicas, transferem essa sua qualidade para estas últimas. Sejam parâmetros novos, adormecidos e de difícil reconhecimento social, ordinários e rotineiros, ou indicadores antigos, tradicionais e camuflados, podem ser prejudiciais em si mesmos ou meros sinais de aviso; Transparentes, perceptíveis pela generalidade popular ou opacos, dotados de uma necessidade de desconstrução profissional latente; São realidades intrincadas e contrastantes, sobreponíveis, pelo que os modos analíticos neles incidentes pressupõem uma clareza excepcional. O modelo conceptual de Cohen é, eminentemente, *processual* (Cricher, 2003, p. 13), com trâmites assentes em fases distintas, complementares, interligadas e fundamentais à edificação bem-sucedida de um Pânico Moral. A existência de (1) *um inimigo adequado* – um alvo frágil, facilmente denunciável, com pouco poder e, preferivelmente, sem acesso aos campos de batalha da cultura política é tão importante como a (2) *existência de uma vítima ajustada* – alguém com quem o público se identifique, passível de denunciar uma fragilidade latente à sociedade; Fragilidade, essa, suportada por uma retórica vitimológica que pressupõe um receio público de vulnerabilidade. Quanto mais identificável com o colectivo for o recipiente vitimado no evento inicial, maiores serão as projecções estatísticas do risco, repletas de subjectividade - não coincidentes com as taxas objectivas da criminalidade - e maior será o sentido de *empatia* popular. Por fim, a (3) *perspectivação das crenças/acções denunciadas como partes integrais da sociedade*, e não como entidades isoladas, com a necessária adopção de medidas de controlo aptas a contê-las, denota-se especialmente relevante na tese do autor. No entanto, a condensação dos parâmetros supracitados só é possível na introdução de um verdadeiro elemento intermediário, tido como peça-chave na difusão e comunicação da fenomenologia do constructo sociológico. Nas palavras do autor: “*Os portadores arquetípicos do Pânico Moral são os cabeçalhos dos jornais britânicos*” (Cohen, 2002, p. XIII) que actuam como verdadeiros veículos; Decisores de categorizações criminais; Delimitadores de um sentido oculto e



paradoxal próprio à noção de liberdade de imprensa. A não interveniência estatal nos órgãos mediáticos sugere um retorno aos cânones constitucionais ditadores das liberdades individuais; O abuso sensacionalista relembra as falhas inerentes à condição humana, portadoras de perigos latentes – citam-se as imagens de vigilantismos virtuais e multidões enraivecidas. E de notar são, todavia, os filtros políticos que comentam os esforços noticiosos. Para os conservadores, os órgãos jornalísticos glorificam e enaltecem o crime, trivializando inseguranças públicas e minando a autoridade moral instituída; para os liberais, os mesmos veículos, exageram os riscos criminais e fazem emergir pânico morais com o objectivo de uma defesa institucional de políticas de controlo criminal autoritárias (Cohen, 2002, p. 19). O jogo dos *media* é dissimulado e duplo. As suas audiências são expostas a vários significados e reagem distintivamente a mensagens idênticas - facto que estes órgãos utilizam como estratégia de negação da sua responsabilidade. Dados os seus estatutos homogeneizados, corporativos e dotados de poder, acusam outros seus idênticos, sem qualquer tipo de noção de que o seu próprio efeito é tangível, “*modelador de discursos populistas e influenciador de agendas políticas*” (Cohen, 2002, p. 20). A título de exemplo, e na plenitude de agenda que a problemática atingiu recentemente, Cohen utiliza o caso ilustrativo dos refugiados no Reino Unido e a respectiva cobertura mediática, amplificação societária do evento e rotulação ocorridas no seu seguimento. Nesta circunstância, em particular, o governo Britânico estabeleceu uma relação simbiótica com os *mass media* para edificar um consenso público, precoce, coincidente com a exclusão da maioria dos estrangeiros refugiados do espaço geográfico da Grã-Bretanha; Isto foi conseguido através da promulgação de estereótipos exacerbados subjacentes à figura do *procurador de asilo*. Qualquer refugiado comportava uma faceta de dissimulação e deveria, por conseguinte, ser submetido a rigorosos critérios e testes de credibilidade. Fala-se, neste ponto, de uma cultura de descrença instauradora de uma dicotomia falso/genuíno, mau/bom, exterior/interior, presente em cerca de 58% dos artigos jornalísticos do período de 1990-1995 – vejam-se exemplos no The Guardian, The Independent e The Times (Cohen, 2002, p.23). Esta representação exemplificativa é diferente das restantes apresentadas pelo autor por ser (1) *uma mensagem singular, ininterrupta e virtual de hostilidade e rejeição* (Idem); (2) Por se tratar de um caso particular em que as reacções mediáticas *são mais abertamente políticas do que quaisquer outras*; (3) E porque os governos Britânicos não só adoptaram um papel activo na precipitação do caso como também legitimaram a hostilidade pública num discurso indistinguível do dos tabloides. O abuso lexical dos órgãos de comunicação social manteve um nível constante de fanatismo ao longo do tempo e em Maio de 2002 o partido trabalhista

anunciou uma nova ronda de planos cunhados sob o termo: “Aceitação Zero”. Sob esta premissa anunciaram o fecho do campo de refugiados de *Sangatte* no lado francês do Túnel do Canal; A interceptação de barcos que transportassem pessoas ilegais e o aceleração dos processos de deportação. Sucintamente, e nas linhas processuais do modelo de Cohen, o evento ilustrativo, supracitado, atravessa 5 etapas essenciais na edificação de um PM: (1) Algo ou alguém é percebido e definido como uma ameaça às normas sociais e aos interesses da comunidade – os refugiados; (2) Os *mass media* e os restantes membros da comunidade iniciam um processo de representação da ameaça por meio de simbolismos simplistas que rapidamente se tornam facilmente reconhecíveis – estereótipos, dicotomias pejorativas; (3) Rapidamente, uma preocupação generalizada abata-se sobre a sociedade, decorrente das formas simbólicas utilizadas pelos meios de comunicação para retratar a ameaça; (4) As autoridades e os políticos respondem à ameaça, seja ela real ou percebida, através de novas leis e políticas – Agenda do Partido Trabalhista cunhada “*Aceitação Zero*”; (5) O Pânico Moral e as acções daqueles encarregados pela gestão societária provocam alterações palpáveis de ordem social. O modelo processual é, frequentemente e erradamente, associado a um enaltecimento exclusivo do papel mediático ao nível da formação de um PM; Existem, pelo contrário, 4 agentes fundamentais integrantes: *os Media, os Empreendedores Morais, a Cultura de Controlo e o Público* (Cricher, 2008); Apesar do cerne da presente tese passar, essencialmente, pela acção dos *media*, que são particularmente importantes na fase mais precoce da reacção social – o *inventário* – através do seu papel de produção de imagens processadas ou codificadas actuando, por isso, ao nível de 3 processos essenciais à presente condição: (1) a *exageração e a distorção* – da realidade, recipientes e indivíduos, através de linguagem, semântica e grafismos editoriais exacerbados; (2) a *predição* – das consequências hipotéticas, precipitáveis em cenários de passividade política e pública (3) e a *simbolização* – a associação do evento inicial a uma condição de ameaça; É necessário compreender, contudo, que só a rede de interacções complexas existentes entre os 4 grupos de intervenientes é passível de definir o constructo nuclear de Cohen; Constructo, esse, melhor clarificável numa abordagem de 1994 (2ª ed. de 2009) conduzida por Goode & Ben-Yehuda, baseada numa identidade teórica de Construcionismo Social dos anos 60, na qual os elementos constitutivos do Pânico Moral são separados e iluminados cautelosamente.

Num modelo de calibre *atributivo* (Cricher, 2008), Goode & Ben-Yehuda definem o conceito de Pânico Moral como sendo constituído por 5 elementos fulcrais. O primeiro, a *Preocupação – Concern*, deverá existir num elevado grau, objectivamente mensurável através

de estudos de opinião pública, comentários sociais, propostas legislativas, taxas de detenção/encarceramento e movimentos de activismo societário. Trata-se de um elemento não confundível com uma componente afectiva de medo, mas sobreponível a esta fenomenologia emocional, no sentido em que ambas são percepcionadas, pelos indivíduos que as experienciam, enquanto respostas razoáveis às ameaças perpetradas, e amplificadas, pela comunicação social, notadas como palpáveis e altamente realistas. Nesta visão, a reacção pública consagra, não raramente, uma discrepância de intensidade, culminante numa desproporcionalidade comportamental, muitas vezes prevista na origem de movimentos de justiça populista e vigilantismo exacerbado; Numa extensão admissível, na origem de políticas retributivas, repressivas ou exacerbadamente punitivas, em nada utilitárias. Um segundo elemento, desconstruído pelos autores, a *Hostilidade – Hostility*, também exigível em níveis acentuados, deverá ser direccionada ao grupo ou categoria representada como causa da condição de Pânico Moral. Fala-se aqui de uma designação do inimigo, do responsável, da ascensão da dicotomia já referenciada nós/eles, bom/mau, respectivamente, que acaba por designar os *outgroups* de uma sociedade, os marginais, os chamados *folk devils* (Cohen, 2002, p.11-12). Trata-se de uma categoria dotada de uma carga emocional excepcional e é facilmente mensurada através de simples análises de conteúdo a edições mediáticas ao longo da história. Subsequentemente, o *Consenso – Consensus* - representa o terceiro elemento da análise de Goode e Ben-Yehuda e retrata um mínimo de concordância exigível numa sociedade, relativa aos elementos supracitados. Não existe uma etapa específica onde seja possível afirmar, objectivamente e quantitativamente, que um pânico existe; contudo, se não existir uma conformidade mínima societária, se as opiniões populares forem demasiadamente difusas e desconectadas, então o Pânico Moral não é real. Comenta-se, adicionalmente, neste ponto, a possibilidade de os consensos camuflarem pretensões elitistas de grupos específicos e de interesses paralelos; Dos filtros subtis de uma sociedade. Contudo, o consenso é um elemento essencial do Pânico Moral. Por fim, os últimos constituintes do constructo central de Cohen são a *Desproporcionalidade e a Volatilidade – Disproportion e Volatility*. O primeiro, directamente relacionado com a preocupação, trata, numa analogia a um conceito criminológico, invertido, de *cifra negra*, o vácuo, a discrepância existente entre o fenómeno gerador de pânico e o fenómeno realisticamente existente. A exageração mediática culmina na exageração comportamental pública. Amplificações qualitativamente distintas, mas com um substracto idêntico. De notar, no entanto, que existe uma limitação inerente a este elemento do Pânico Moral – a sua mensuração objectiva. Tal como Cohen (2002, p. 24) nota, a própria utilização do termo Pânico

Moral implica que a reacção societária seja desproporcional à verdadeira seriedade (risco, dano, ameaça) do evento. A reacção deverá ser mais severa – exagerada, irracional, injustificada – do que a condição. Daí o termo “pânico” resultar, numa perspectiva de metáfora extensível, não linear (Cohen, 2002, p. 23). Mas porque é esta premissa assumida? A assumpção de desproporcionalidade é problemática. Não existem preceitos quantitativos, objectivos que permitam aferir que R (a reacção) é desproporcional a A (a acção) nem existem, tão pouco, critérios universais, morais, que permitam julgar R como inapropriada perante a gravidade moral de A. Questões de simbolismo, emoção e representação não podem ser traduzidas em sets estatísticos comparáveis. Há quem argumente, inclusivamente, que a desproporcionalidade é um conceito vazio e sem significado (Waddington, 1986; Cornwell & Linders, 2002 *cit in* Goode & Ben-Yehuda, 2009). Os autores respondem a estas críticas de forma bastante confiante. Segundo eles, algumas vertentes da ameaça/dano podem ser mensuradas contra reivindicações societárias e, durante alguns períodos de intensidade emocional, essas mensurações serão desejáveis; igualmente, só através do conhecimento empírico da natureza de uma determinada ameaça poderá ser determinado o grau de desproporcionalidade; desproporcionalidade, essa, essencial ao conceito de Pânico Moral (Goode & Ben-Yehuda, 2009). Por fim, em jeito de conclusão, o último elemento descrito na presente teorização funciona como agregador da restante informação já postulada. Os pânicos como, de forma argumentável, tudo na vida humana, são voláteis, impermanentes. Apesar de poderem permanecer adormecidos durante longos períodos temporais, de poderem ser repetíveis ou de se tornarem rotinizados e institucionalizados, por meio de preocupação societária culminante em movimentos sociais organizativos, legislativos, punitivos ou reforçadores de práticas, funcionam à semelhança dos *micro-sistemas* de poder de Foucault (Cohen, 2002, p. XXXVII) com lógicas idênticas e ritmos semelhantes. Mas porquê este carácter limitado do PM? As respostas originais de Cohen sublinham 4 possibilidades: A (1) *História Natural* – o evento/condição segue o seu rumo natural e termina em esbatimento, aborrecimento, falta de combustível; (2) Os *Ciclos de Moda*; (3) O perigo putativo decepciona, os *media* acabam por ser descreditados; (4) A informação foi aceite mas é facilmente *reabsorvida* na vida privada e pública – aquilo que os situacionistas designam como *recuperação* (Cohen, 2002, p. XXXVII). A ideia de volatilidade tem que ser analisada com precaução. Hoje em dia os *media*, conscientes e fragmentados, tornam a noção original do pânico espasmódico ultrapassada. O pânico é, antagonicamente e de acordo com McRobbie & Thornton (1995, p.560), um modo de representação no qual eventos diários são regularmente trazidos à atenção do público: “São uma

*resposta estandardizada, familiar, às vezes fatigada, até uma retórica ridícula, em vez de uma intervenção de emergência excepcional. Utilizados pelos políticos para orquestrar consentimento, pelos homens de negócio para promover as suas vendas em certos nichos mercantis e pelos media para tornar assuntos domésticos e sociais material noticioso, os pânico morais são construídos numa base diária”.* Trata-se de um esforço mediático e político paradoxal. Por um lado, o repertório da comunicação social e os discursos políticos devem desenhar convenções especiais que transformem anomalias em ansiedades diárias e a longo prazo. Por outro, o seu formato-identidade transitório e espasmódico deve ser mantido – tal como ditam os cânones de volatilidade. Estas particularidades devem ser tidas em conta aquando da análise do constructo na sua extensão.

Como nota final, a plenitude introdutória do pânico moral explora as várias facetas de reacção societária consequencial das chamadas acções mediáticas contemporâneas, orientadas e orientadoras de cernes políticos agendados, com repercussões, intermediárias, em parâmetros públicos afectivo-cognitivos. Embora contenha limitações à sua testagem empírica, pela introdução de conceptualizações altamente abrangíveis, pressupõe um bom marco inicial para a construção, posterior, da presente dissertação, explorando, sociologicamente, os vários elementos de proposta à actual tese. Propõe-se, com esta desconstrução inicial uma localização sociológica da temática dissertativa e uma tentativa de orientação do subsequente corpo de trabalho.

## **2. Os Media: As Notícias, a sua Estrutura e Função**

### **2.1. Teoria do Espelho, Teoria da Acção Pessoal e Teoria Organizacional**

A segunda etapa de desconstrução literária, edificada no prólogo da presente dissertação, recai sobre um debate de cientificidade, e reflexividade, intrínsecas à produção, circulação e componente consequencial da fenomenologia jornalística, tal como esta é conhecida, contemporaneamente, e tal como o foi ao longo da história da humanidade. Se é certa uma necessidade de esclarecimento teórico-processual, mediático, é, igualmente nuclear, uma conceptualização do constructo orientador da prática anteriormente percorrida: A(s) notícia(s), enquanto unidade de análise e a(s) notícia(s) enquanto representação social de um infra-constructo de crime. Ora, o elemento noticioso não se esgota na sua produção (Alsina, 1989), e embora sejam visíveis, a este nível, uma panóplia de distinções categóricas, na plenitude do presente trecho, não é objectivo primário a procura de uma definição exclusivista ou categorizável dos estilos editoriais-estilísticos, jornalísticos. Embora a presente tese procure

discorrer sobre esses mesmos estilos numa perspectiva de aumento de variabilidade da reacção emocional da audiência, numa fase piloto, nunca serão utilizados, ao longo da mesma, rótulos estanques como jornalismo “*Sensacionalista*” ou jornalismo de “*Referência*”. Esta foi a posição adoptada, uma vez que utilizar tais classificações e atribuí-las a estações televisivas nacionais, específicas, sem que elas se tenham classificado, a si mesmas, como tal, ou sem haver concordância plena em relação à sua categorização, a nível literário, seria incorrer numa violação da base de cientificidade que é proposta, em tentativa, com o presente projecto. Com base nisto, e nas palavras de Jorge Pedro Sousa (1999), podemos definir as notícias como *“artefactos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam de um processo de construção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos factores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural e do meio físico/tecnológico, que são difundidos pelos meios jornalísticos e aportam novidades com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia”* (p.1). As anteriores palavras incumbem uma significação de eleição no actual contexto de escrita, uma vez que descerram a consagração do conceito de estudo a uma dualidade caracterizável. Se por um lado as notícias edificam representações sociais, decorrentes de vastíssimas e riquíssimas realidades societárias, localizadas nos seus pretéritos e futuros espaço-temporais, são, elas próprias, construções da realidade, numa interacção dinâmica, contínua e cíclica. A identidade societária constrói e deixa-se construir pela prática jornalística. Aquilo a que Traquina (2002; 2007) chama o construtivismo do jornalismo e que tem tradição datada ao séc. XX, quando Lippmann (1922), Berger e Luckmann (1976) apresentaram os meios jornalísticos na sua qualidade de agentes e modeladores de socialização (Meditsch, 2010; Silveira & Marôpo, 2014). Rodrigues (1988) classifica, inclusivamente, a unidade noticiosa como um meta-fenómeno, um pouco numa analogia às temáticas intrinsecamente psicológicas, de modo a que, numa perspectiva algo binária, a notícia – enquanto acontecimento de segundo grau – debruçar-se-ia sobre um evento/condição/indivíduo – na sua qualidade de acontecimento primário. Isto significa que *“o próprio discurso do acontecimento [primário] emergiria como acontecimento notável a partir do momento em que se tornasse dispositivo de visibilidade universal (...)”* (p.29), acabando por influenciar a ordem e identidade dos parâmetros da realidade social. Consequentemente, uma notícia seria definida como um acontecimento discursivo constituído por uma dimensão interlocutória e uma dimensão perlocutória (Rodrigues, 1988, p. 11-13 cit in Sousa, 1999). As noções conceptuais supramencionadas situam-se numa linha claramente concorrente com a fase

primogénita, positivista, do jornalismo científico dos anos 30, no seu desenvolvimento industrial, profissional e comercial. Com apogeu no progresso democrático promotor de um *ethos* comunicativo, seu simbiótico, a cunhada *Teoria do Espelho*, consagra o ponto de partida de uma ideologia separatista, *factos vs. opiniões*, enquanto trâmite fulcral do jornalismo como ciência e da unidade noticiosa como constructo de estudo. Na actual concepção, as notícias são postuladas como peças informativas objectivas, imparciais e apartidárias, edificadas por profissionais equilibrados, despidos de concepções *a priori* ou noções estereotipadas, preconceituosas. Uma definição amplamente moldada pelo objectivismo reinante no séc. XIX e XX, em que várias ciências e esforços intelectuais tentavam reproduzir o mundo o mais fielmente possível. Nas palavras de Smith (1980) traduzidas e articuladas por Traquina: “(...) *todo o esforço intelectual, tanto na Ciência como na filosofia como ainda na Sociologia e em outras disciplinas, ambicionava imitar esse novo invento – a máquina fotográfica – que parecia ser o espelho, havia muito procurado, capaz de reproduzir o mundo real*” (2002:2007, p. 76). É visível, em tais termos, uma procura de cientificidade num contexto social e representativo, berço das boas-práticas jornalísticas defendias ainda hoje. Não existe, aqui, uma elevação subjectiva, mas há sim, uma ovação à objectividade canónica. O preceito epistemológico subjacente às anteriores locuções é o da defesa de um realismo necessário e embora basilar aos valores regentes das ciências comunicativas, tal contribuição teórica denota-se insuficiente nos seus parâmetros conceptuais estruturais e funcionais, negligenciando aquilo que é a verdadeira natureza humana, intrinsecamente subjectiva. O ser humano é um recipiente essencial na produção, circulação e objectivação noticiosas; o mesmo ser humano que convive, diariamente, com pressões micro e macrosociológicas envolventes dos seus substractos profissionais. Ergo, as teorias centralmente individualistas poderão ter um especial relevo neste ponto. Assim, faça-se, aqui, referência à *Teoria da Acção Pessoal – Teoria do Gatekeeper* (White, 1950) – relevante na introdução da noção de filtros institucionais e processos selectivos, pessoais e arbitrários na edificação informativa, com especial atenção a um *shift* investigativo, focado, agora, numa abordagem microsociológica do indivíduo jornalista, individualizadora de uma dimensão altamente específica; e faça-se, similarmente, referência à *Teoria Organizacional*, emergente em sede do trabalho de Breed (1955), cujo *pin-point* de desconstrução seleccionado concerne à estrutura organizacional do jornalismo, ambas mencionadas e explicadas por Traquina. Nesta perspetiva, as pressões macrosociológicas e constrangimentos organizacionais são percecionados como sendo de maior influência para a produção jornalística do que meras crenças individualizáveis. Trata-se de uma teoria que prevê uma noção

psicológica de “socialização”, no sentido lato do termo, quase relembrando o condicionamento operante de Skinner ou a Aprendizagem Social de Bandura, operante enquanto processo osmótico de aprendizagem de regras, absorção de direitos e obrigações que visa a obtenção de recompensas e evitamento de punições por parte dos profissionais do jornalismo. É um conformismo sistémico alimentado pela autoridade institucional e respetivas, consequenciais, sanções, sentimentos de estima para com os superiores, aspirações de mobilidade, ausência de grupos de lealdade em conflito, prazer pela atividade e pela visão das notícias como valor, sendo a harmonia organizacional e individual obtida pelo interesse comum noticioso. Teorias, sem dúvida, relevantes, mas que fogem um pouco ao objectivo primário do tema dissertativo: a rede processual de construção noticiosa com evidentes repercussões na construção da realidade social. Daí que as subseqüentes teorias mereçam um claro destaque na introdução interaccionista que fazem ao nível de uma vertente de reacção societária fundamental.

## **2.2. Teoria de Acção Política**

O positivismo jornalístico peca por excessiva e utópica fragmentação objectiva de um universo que é, eminentemente, humano e, por isso mesmo, subjectivo; Similarmente, as teorias microssociológicas e macrossociológicas, embora relevantes numa vertente individual, nomeiam as pressões pessoais e organizacionais como principais influenciadores na produção noticiosa, negligenciando, conseqüentemente, outros parâmetros, possíveis causadores dessa mesma forma editorial final do universo jornalístico. Daí que, com a riqueza sócio-política dos anos 60 e 70 e com o crescente interesse pelo estudo da ideologia que se vislumbrou nessa mesma época, seja compreensível, ainda numa ponte com a dissertação sociológica de Cohen (2002) sobre o conceito de Pânico Moral (desenvolvido numa outra secção da presente tese), a ocorrência de um boom de trabalhos jornalísticos com uma nova identidade de investigação focada na componente relacional jornalismo-sociedade, outrora inexistente. Nesta nova moldura de actuação, *“o estudo do jornalismo debruça-se sobre as implicações políticas e sociais da actividade jornalística, o papel das notícias e a capacidade do Quarto Poder de corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática”* (Traquina, 2002:2007, p. 88). Aqui, os *media* são vistos de *“forma instrumentalista”* (*idem*) com denotados interesses políticos na sua constituição editorial. Parâmetro, este, que permite uma conceptualização das unidades noticiosas enquanto *“distorções sistemáticas ao serviço de interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos, que as utilizam na projecção da sua visão do mundo, sociedade, etc.”* (Traquina, p.90). A presente moldura teórica constitui uma clara crítica ao plasmado *Modelo Ocidental do Jornalismo* que preconiza uma imprensa



independente, estadualmente e governamentalmente, com liberdade suficiente para reportar, comentar, interpretar e criticar a agenda de actividades dos órgãos de poder, sem quaisquer repressões, ameaças ou censuras a si conectadas (Sousa, 1999) ao qual se opõem, enquanto apogeu crítico, os trabalhos de Herman e Chomsky (1988, *cit in* Mullen & Klaehn, 2010). Segundo os autores, o mercado ideológico informativo não é inteiramente livre, sendo o conteúdo noticioso edificado a nível externo, macrosociológico, com o estabelecimento de uma relação-chave processual entre o resultado informativo e a estrutura económica empresarial. Assim, *os media* reforçariam um parâmetro de *establishment* – poder instituído – devido ao estatuto e poder económico dos grandes monopolistas da comunicação social e publicitários, visível e justificável em 3 factores principais: (1) *O papel determinante dos proprietários mediáticos* e a ligação estreita entre a classe capitalista, elites dirigentes e produtores; (2) *Os acordos existentes entre as supracitadas classes*; (3) *A total concordância entre o produto jornalístico e os interesses dos proprietários e elites* (Traquina, 2002: 2007). Consequentemente, a normativa diversidade mediática torna-se um cenário irrealista para Herman e Chomsky, visível nas premissas do seu *modelo propagandístico*, coincidentes com a “limitação extra-jurídica e extra-deontológica à liberdade jornalística no contexto do mercado, regulado pelas leis de oferta e procura” (Sousa, 1999), o que significa que a cobertura noticiosa é altamente manipulada por interesses capitalistas que são, eles próprios, qualidades estruturais dos *media*. Trata-se de um jogo de vantagens explicado por 5 factores, embora só 4 sejam aplicáveis internacionalmente e, por este facto, referenciáveis: (1) *A estrutura de propriedade mediática*; (2) *A constante procura de lucro e importância publicitárias*; (3) *A dependência jornalística de fontes governamentais e do mundo empresarial*; (4) e, por fim, *a vertente consequencial de possíveis acções punitivas das elites de poder*. Estes elementos justificativos da submissão jornalística às redes económicas, monopolizadas, descortinam as ideologias subtis entre as ligações dos *media* aos negócios e ao governo e erigem as anteriores práticas informativas numa perspectiva de arena fechada; toda a vastidão de cobertura de um acontecimento particular é tratada como uma campanha de publicidade maciça, em que um tema, evento, condição ou pessoa são capazes de servir relações ou exigências ideológicas de um grupo de poder. Os referidos acontecimentos são vistos como “grandes estórias” e podem ajudar a mobilizar a opinião pública numa direcção específica. Apesar de algo conspiratório, estático e unidimensional contextualizar o anterior corpo teórico, numa visão limitativa, cingida a um período pré-queda do muro de Berlim; E apesar do presente contributo oferecer algumas dúvidas quanto à sua capacidade explicativa em contextos domésticos de elites económico-

políticas divididas e quanto aos seus contornos metodológicos, baseados em análises de conteúdo, muitas vezes, insuficientes para explicar intenções dos produtores, é importante fazer referência ao novo estilo de investigação inserido pelo presente modelo: promotor de uma análise completa e consequencial do fenómeno jornalístico e, fulcral, para a desconstrução dos modelos orientadores da presente tese, subsequentemente expostos.

### **2.3. Teoria Construtivista, Teoria Estruturalista e Teoria Interaccionista**

Central nos anos 70, a Teoria Construtivista parte do paradigma de que as notícias são uma construção injectada de significado e simbolismo humano, não uma representação científica e desligada da realidade, que edificam e metamorfoseiam o mundo através da sua própria existência. Opõe-se, assim, a uma visão de espelho, por reconhecer uma impossibilidade separatista dos universos mediáticos e societários, em que a linguagem, pelo seu carácter não neutral, não pode, em caso algum, funcionar como transmissora directa do significado latente dos acontecimentos e onde existe uma inerente estruturação mediática relativa ao relato desses mesmos fenómenos. Um distanciamento objectivo a este nível seria utópico e irrealista. Não obstante, o modelo não implica que as notícias sejam tidas como ficção, mas existe, antes, uma convencionalidade, no conteúdo noticioso, correspondente à realidade exterior que contém, em si, uma narrativa informativa (Bird & Dardenne, 1988; 1993 *cit in* Traquina, 2002:2007). A conceptualização das notícias como *estórias* dá relevo à importância de compreensão de uma dimensão cultural inerente a este universo; dos mapas de significado e simbolismo tantas vezes descritos socio e criminologicamente (v.e. Mead & Miller, 1982; Blumer, 1986); mapas, esses, acessíveis por meio de alguns requisitos metodológicos emergentes na década de 70. Com a etnometodologia, a observação participante e a procura de significado na subjectividade da esfera humana passaram a ser um dos focos principais do jornalismo, com acesso privilegiado a uma componente transorganizacional e a uma rotina de produção mediática. Neste seguimento, as Teorias Estruturalista e Interaccionista, paradigmaticamente complementares ao substracto construtivista, promulgam uma extensão micro e macrosociológica a esta vertente transorganizacional humana, rejeitam uma visão instrumentalista das notícias e contestam a passividade dos jornalistas.

A primeira edificação teórica focada na rede estrutural dos *mass media* tem uma base macro e promulga uma autonomia relativa do indivíduo jornalista face a um controlo económico directo. Na síntese de Traquina sobre o trabalho de Hall et al. (1973), inserida neste contexto, as notícias são um produto social resultante de: 1) uma *organização burocrática intrínseca à prática jornalista*, com factores organizacionais rotineiros na génese dos processos

de selecção noticiosa; 2) uma *estrutura existente de valores-notícia*, composta por uma orientação criteriosa de relevo vs. insignificância de material informativo; 3) um contexto de construção da notícia que envolve processos de *identificação e contextualização*, em que os mapas culturais do mundo social são actores principais. O modelo estruturalista valoriza uma perspectiva culturalista processual – isto significa que, nesta moldura teórica, um acontecimento só passa a fazer sentido quando é desconstruído até uma vertente de identificação social e cultural genéricas; um acontecimento só passa a ser notícia depois de passar por todo este conjunto de filtros sociais representativos. Consequentemente, para os defensores desta teoria, o processo de produção das notícias não só pressupõe a natureza consensual da sociedade, como enaltece o papel consensual das notícias no reforço da construção da sociedade. E embora continue a existir uma noção hegemónica de uma ideologia dominante praticada, nos seus vários aspectos, pelos *media*, não se trata, já, de uma perspectiva determinística e taxativa do serviço mediático em relação às estruturas de poder. É, pelo contrário, um prisma que introduz dois parâmetros conceptuais – *primary definers e secondary definers* - relevantes na exposição do papel parcialmente submissível dos *media* perante os grandes núcleos elitistas. Segundo Hall et al. (1973), os definidores primários, devido ao seu poder e estatuto, ao nível de uma hierarquia de credibilidade, conseguem condicionar toda uma rede interpretativa subsequente à interpretação dada, por si, num primeiro momento, a um acontecimento original. Os *media*, por sua vez, inserem-se numa categoria secundária, de subordinação aos definidores primários, ainda que com uma percentagem marginal de autonomia e discrição produtivas. Trata-se de uma relação excessivamente estrutural, como aponta Traquina (1993), edificadora de uma margem substancialmente pequena para a produção livre de significado por parte dos jornalistas, para a explicação das fugas informacionais ou, até, para a explicação das demandas informativas junto das fontes, visíveis ao longo da história do jornalismo. Não obstante, faz-se, aqui referência, ao facto de se tratar de um processo não fechado, dotado de uma possibilidade de antagonismo existente entre definidores primários, passível de promover uma hipótese de competição e alargar o campo negocial da atribuição de significado a um acontecimento original (Sousa, 1999). Embora menos conspiratório do que o contributo da acção política, ainda bastante determinístico na visão de dependência mediática que apresenta.

Os pontos de contacto entre a Teoria Estruturalista e a Teoria Interaccionista são inúmeros, como já foi referido previamente, com base paradigmática no conceito construtivista da notícia, todavia, a divergência central e nevrálgica entre estes dois complôs teóricos remonta

à questão relacional entre fontes e jornalistas. Enquanto a visão estruturalista prevê as fontes oficiais numa perspectiva de bloco unido e uniforme, raramente discordante, com uma estrutura dos definidores primários tida como atemporal e imutável e que opera unidireccionalmente, a rede literária interaccionista, com nomes de suporte sonantes como Tuchman (1973), Lester e Molotch (1974), critica este excessivo determinismo. Nesta última construção, Traquina prevê uma definição da unidade noticiosa bastante directa – Aqui, “*as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, selecção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)*” (Traquina, 2002, p. 106). Um esquema de filtros; uma espécie de funil com bases sociológicas, culminante num primeiro nível de estabelecimento de problemáticas-alvo, societárias, condicionadas, intrinsecamente, por questões de acesso - veja-se a título de exemplo os acessos habitual, disruptivo e directo aos *media* percorridos por Traquina (2002:2007). Uma segunda fase selectiva, simbioticamente conectada a uma vertente perceptiva primária e uma estratificação do recurso selectivo que recai sobre os fragmentos de matéria-prima – acontecimentos primários - passíveis de ser explorados num panorama noticioso. O modelo interaccionista introduz, face às restantes teorias já plasmadas, um elemento criterioso fulcral de *noticiabilidade* – *news worthiness* – altamente visível nos trabalhos de Wolf (1987) e apresenta um campo jornalístico autónomo, maturado e desenvolvido, face a outras estruturas de poder e controlo social, que tem como factor crucial a profissionalização das pessoas e entidades envolvidas na actividade jornalística. Com tal avanço, é perceptível que a autoridade e legitimidade de exercício do monopólio de poder decisional acerca dos critérios de selecção mediáticos comece a ser reivindicado pelos jornalistas intervenientes. O actual modelo foca, complementarmente, a natureza paradoxal da matéria prima da prática informativa. Se, por um lado, os acontecimentos podem acontecer em qualquer parte – e implicam uma necessidade de *ordem no espaço* – esta matéria-prima é, igualmente, versátil em termos de temporalidade – implicando, similarmente, uma necessidade de *ordem no tempo*. Os jornalistas vivem sob esta tirania espaço-temporal e, quando confrontados pela imprevisibilidade, devem ter estratégias de cobertura para fazer face às suas demandas. Por um lado, operam, enquanto participantes activos, por meio da implementação de uma rede noticiosa - *News Net* – em referência a Tuchman (1973), baseada em critérios de territorialidade geográfica - dividindo o mundo em áreas de jurisdição e responsabilidade territorial - especialização organizacional – com “*sentinelas*” recrutadas que produzem acontecimentos julgados sob os valores-notícia e a *noticiabilidade* – e especialização temática. Esta situação resulta numa deficiência de cobertura visível, por exemplo, em Portugal, já que

determinadas áreas, com mais recursos – Lisboa – acabam por garantir, aí, uma maior incidência informativa. As restantes áreas geográficas são noticiadas, sobretudo, em caso de desordem – natural, social, tecnológica, moral, etc. Uma segunda estratégia de planeamento de cobertura está directamente relacionada com a necessidade de implementação de ordem no tempo, com a noção de que “*a empresa jornalística tem o seu próprio biorritmo*” (Traquina, 2002, p.109). Os acontecimentos, enquanto matéria-prima do trabalho jornalístico, podem surgir a qualquer momento, imprevisivelmente. Quanto existe uma subjugação desses eventos ao horário de trabalho, existe, *a priori*, uma rede de jornalistas e profissionais aptos a cobrir tais eventos, contudo, quando esses circunstancialismos se limitam a horários extraordinários, deverá existir uma ponderação, por parte das entidades profissionais, sobre a noticiabilidade do evento, ou seja, sobre a sua submissão aos valores-notícia, de modo a que tal fenómeno justifique a deslocação de profissionais para a sua cobertura. E exactamente por funcionar numa perspectiva de imediatismo da notícia, o jornalismo dá ênfase aos acontecimentos e não às problemáticas, numa teia de *facticidade* que os envolve (Tuchman, 1978 cit in Gacía & Sousa, 2004), ou seja, procura os rotineiros “*o quê, quando, onde, como e porquê*” do *lead* tradicional por estes serem mais facilmente observáveis e definidos no espaço e no tempo. Aqui, as notícias são encaradas como uma construção social, limitadas pela natureza da realidade, mas portadoras de aspectos tangíveis dessa mesma realidade. As notícias registam, também, os constrangimentos organizacionais, os enquadramentos e narrativas culturais que governam a expressão jornalística, as rotinas que orientam e condicionam a produção de notícias e as negociações entre jornalistas e fontes de informação. Muitas vezes operam por meio dos promotores de notícias – *news promoters* - onde se inserem as tipologias dos executores e informadores, sendo, posteriormente complementadas pelos *news assemblers*, os responsáveis pela transformação perceptual das ocorrências e a sua posterior difusão e alcançando, reiteradamente, os consumidores finais de todo o processo jornalístico – os *news consumers*. Tal como na teoria estruturalista, existem atritos entre os promotores de notícias, passíveis de despoletar redes de competição e jogos de interesses, já que as necessidades de acontecimentos – *event needs* – promovidas pelos agentes sociais permitem, com a correcta categorização, sob os critérios de noticiabilidade, ganhar o direito de existência enquanto recurso discursivo sobre assuntos públicos figurados na agenda jornalística. Tal competição pode, ainda, despoletar uma versatilidade sistémica passível de enformar diferencialmente os acontecimentos, dando origem, conseqüentemente, a opiniões e interpretações específicas à forma noticiosa, já que os

jornalistas possuem as suas próprias necessidades de acontecimentos, tendo um papel autónomo e decisivo na produção jornalística.

#### **2.4.Tendência Divisionista vs. Tendência Unionista**

Em jeito de nota teórica final, salienta-se a importância de menção à divisão estrutural da exposição teórica promulgada na precedente secção. Sob o ponto de vista de Nelson Traquina, as dissertações avançadas, explicativas dos formatos e conteúdos das notícias, são insuficientes para a edificação de uma só teoria do jornalismo, sendo, estas mesmas, por vezes, díspares. Por isso, o autor adopta aquilo a que João Pedro Sousa (1999) chama *tendência divisionista* da explicação científica noticiosa. Na sua qualidade fragmentativa, a anterior estrutura organizacional pressupõe que as várias teorias supra-plasmadas – *Teoria do Espelho*, *Teoria do Gatekeeper*, *Teoria Organizacional*, etc. - tenham fronteiras algo esbatidas, contendo pontos de contacto entre si e sobreposições teóricas. Isto significa que condensá-las num corpo teórico único e unificado seria contribuir para uma perda informativa maior, pelo que os diversos corpos teóricos devem manter a sua unicidade e comunicar, activamente, entre si. Por outro lado, o modelo de Schudson (1988), qualitativamente distinto, insere-se numa outra abordagem à temática mediática, numa qualidade reiteradamente distinta, de *tendência unionista* explicativa da fenomenologia noticiosa (Sousa, 1999); isto significa que o modelo *schudsoniano* tem em conta todos os contributos teóricos e orchestra uma explicação global dos *porquês* subjacentes à prática jornalística. Segundo o autor, os contributos isolados, previamente citados, de pouco servem à compreensão conceptual pretendida e, como tal, a definição-síntese e estruturação de uma unidade noticiosa deve ser promulgada em 3 elementos definitórios generalizáveis: a *acção pessoal*, a *acção social* e a *acção cultural*, que operam em contexto de inter-relacionamento contínuo. Na sua qualidade paradigmática, explicativa, e com contornos de cientificidade, o contributo de Schudson define as notícias enquanto produto humano, derivado das intencionalidades intrínsecas à espécie; enquanto produto organizacional, constrangido pelo meio e pelos seus condicionalismos; enquanto produto cultural concebido nas especificidades espaço-temporais de uma sociedade. Isto significa que, transversalmente a uma panóplia de achados teórico-empíricos de base informativa, os três pilares canónicos, supracitados, são exigíveis e suficientes para conceptualizar o conceito noticioso nuclear da presente dissertação. Na presente linha revisória seguir-se-á uma abordagem centrada numa tendência divisionista estrutural, pela importância dos vários elementos constitutivos inerentes a cada formulação teórica, necessários, em jeito de opinião pessoal, para uma conceptualização detalhada e completa do constructo noticioso.

## 2.5. Crime como Notícia

Mais do que uma escolha de conteúdo, sob critérios de noticiabilidade enformadores da vasta teia de facticidade mediática percorrida, o crime como notícia surge numa perspectiva de representação social de um constructo, eminentemente, criminológico e como um dos tópicos mais popularizados na tradição histórica da criação humana. Enquanto parâmetro de mercado, vendável, a comunicação social procura o crime no seu carácter exponenciador de lucro de circulação e audiência; Enquanto parâmetro informativo, condicional, a população procura o crime na sua qualidade de representação neutralizadora de uma lacuna de conhecimento pré-existente (Skogan & Maxfield, 1981), derivada de uma (in)acessibilidade ao fenómeno, caracterizadora das populações ocidentalizadas. Em situações normativas, a maioria dos indivíduos não tem comunicação, directa, com a realidade criminal (com as devidas excepções caracterizadas por cenários de vitimação directa e indirecta ou de integração individual no sistema de justiça criminal, na qualidade educativa, profissional ou delituosa). Consequentemente, a notícia criminal adopta uma posição central na gestão do núcleo comunitário, moral e informativo dos sujeitos, o que se torna, especialmente problemático, na falta de objectividade taxativa por parte dos *media*. Dada a abundância da fenomenologia criminal, o constructo de crime tem, necessariamente, que ser submetido a uma diversidade de filtros antes de alcançar o seu produto final apresentável à unidade pública. Este processamento torna o reporte criminal jornalístico vulnerável a noções de negligência e exclusão de eventos, tidos, numa outra designação, numa perspectiva de cifras negras, nas linhas da teorização criminológica, o que significa que as taxas criminais tomadas como certas, pelo público, não o são, verdadeiramente. Da mesma forma, para tornar a produção noticiosa mais regível, os *media* rotinizam a suas tarefas, colocando-se em posições de fácil acessibilidade às histórias com níveis de desenvolvimento optimais (Tuchman, 1973), transformando o módulo produtivo num estratagema estandardizado com simples ajustes ao *lead* tradicional criminal, coincidentes com as questões *Quem? O quê? Onde? Como? e Quando?*, e distorcendo a realidade de uma forma não aleatorizada, mas sim, sistemática (Ericson et al., 1987 cit in Chermak, 1995). De acordo com Chermak (1995), a informação produzida, a este nível, é altamente dependente da inter-relação existente entre organizações, jornalistas e sistema de justiça criminal e, uma vez que os meios de comunicação social dependem das fontes para produzirem notícias de crime, as fontes organizacionais a que estes recorrem adoptam, elas próprias, uma perspectiva de hetero-dependência essencial. Trata-se de uma relação simbiótica que acentua a credibilidade de ambas as instituições, mas que acaba por estar sujeita a uma panóplia de constrangimentos formais e

editoriais. O crime não passa a ser notícia só pela boa relação das suas fontes; pelo contrário, é um processo altamente complexo que deve preencher um aglomerado de requisitos tidos como nucleares à designação da história noticiável. Assim, o crime deve ser, não só (1) *novo e dramático* – eventos ordinários não são notícia; (2) como, também, *excepcional, pouco usual e violento* – vendável; similarmente, deve apresentar-se como (3) *simples, não ambíguo* – compreensível e captável pela audiência e, caso seja concretizável, deve (4) *apresentar alguém conhecido do público* (*Idem*). Quando a história não preenche os anteriores critérios, deverá competir com outras, suas complementares, numa lista de produção jornalística, intransigentemente condicionada por limitações espaço-temporais, exigentes de ordem no espaço e ordem no tempo, conforme referenciado anteriormente. Mas porquê estudar a notícia do crime, especificamente? Uma das principais respostas a esta questão tem que ver com o volume mediático dedicado a esta temática. Quando comparado com outros temas, o crime tende a preencher as primeiras secções dos jornais e os segmentos de abertura dos telejornais; tende a ser altamente detalhado e graficamente activador, exponencialmente comentável por profissionais da área e por unidades públicas em módulos de opinião; tende a incidir sobre debates actuais e contemporâneos, frequentemente relacionados com componentes atitudinais políticas – veja-se os debates da pena de morte, legalização de drogas e controlo de armas (Chermak, 1995). Tido como representação errada da fenomenologia criminal por uns (Gottfredson & Hirschi, 1990) e como método de consciencialização pública, por outros (Heath, 1984), a notícia do crime parece admitir o destaque que recebe pelo seu carácter (1) *Informativo*; (2) *Dissuasor* – ao condicionar a tomada de decisão de futuros ofensores pela apresentação dos custos judiciais da actividade delituosa; (3) de *Entretenimento* – nos seus estilos editoriais exagerados, repletos de grafismos de violência, agressão, sangue e vitimação; (4) *Reflector do Sistema de Justiça* – ao informar o público dos módulos processuais da justiça; e (5) de *Interrelacionamento* – que estabelece com as suas fontes oficiais, muitas vezes, com a polícia, passível de lhe conferir um acesso, privilegiado a um volume de eventos notável. Como tal, servirá de principal variável em estudo à presente dissertação, na sua conceptualização, conectada, a uma vertente consequencial do consumo mediático.

## **2.6. Consumo e Efeitos Mediáticos**

As tendências divisionistas e unionistas, anteriormente plasmadas, embora altamente extensíveis, demonstram-se incompletas na explicação da fenomenologia jornalística, caso não sejam informadas de uma componente consequencial noticiosa. Os efeitos público-societários das notícias, nas suas múltiplas vertentes de actuação, fazem com que estas só se esgotem no



seu consumo final, numa abordagem canonicamente sediada na Teoria da Dependência de Ball-Rokeach e DeFleur (1976;1982). Na sua qualidade de teoria ecológica, trata-se de uma visão que foca a componente relacional sistémica nos seus elementos de pequeno, médio e grande calibre, numa sociedade de estrutura orgânica, em que a maquinação mediática é considerada parte importante do tecido social moderno. As relações estabelecidas com os indivíduos, grupos, organizações e outros sistemas sociais podem ser conflituosas ou cooperativas, dinâmicas e mutáveis ou estáticas e ordeiras, mas perpetuamente condicionadas por um circunstancialismo de dependência. Dependência, essa, justificada pelo papel jornalístico, fulcral, de angariação e criação informativa, complementado por trechos de processamento informacional, ditadores de formas e estilos, e culminante numa componente de disseminação e difusão, distribuidora desses conteúdos artificializados às várias audiências, concretamente escolhidas. Com isto, os meios mediáticos tornam-se a principal e, por vezes, mais importante, fonte de informação que a sociedade tem sobre si mesma, cumprindo uma meta individual e societária de compreensão; são também o ponto de contacto entre os vários múltiplos subsistemas sociais, informando os indivíduos acerca dos seus comportamentos e atitudes, respeitando as suas metas de orientação e divertimento, continuamente numa abordagem dual entre o nível individual e o nível social. Isto significa que os vários subsistemas colectivos são instruídos e recebem orientações sobre a sua acção através dos produtos da prática jornalística que, nas suas componentes formais e de conteúdo, específicas, têm comportado, ao longo dos anos, uma panóplia de efeitos públicos a explorar. Esses efeitos podem ser categorizados, nas construções frásicas de Ball-Rokeach e DeFleur (1976;1982), assim como na sintetização de Sousa (2002), numa tripartição *Cognitiva, Afectiva e Comportamental*. Uma vez que o centro da presente tese edifica a sua base gravitacional numa componente de responsividade emocional reactiva a conteúdos/formas mediáticas criminais, os consequencialismos cognitivos e comportamentais serão descritos, meramente, em segundo plano, com alusão ao conteúdo revisório de Sousa (2002). Segundo o autor, cognitivamente, as notícias têm a capacidade de moldar a rede perceptual dos sujeitos, numa óptica de *Cultivação* (Gerbner & Gross, 1976a; 1976b), promovendo atitudes e acções individuais, frequentemente, sediadas em conteúdos fictícios que, pela sua robusta apresentação orgânica e editorial, se sobrepõem à própria realidade; similarmente, reforçam ou colocam em causa determinadas crenças, cultivam valores e deterioram/acentuem moralidades, numa perspectiva em que o principal veículo difusor é a televisão. Segundo a premissa mais básica do presente contributo teórico, *a televisão é responsável por moldar ou cultivar as concepções de realidade dos sujeitos que a*

*experienciam*, num efeito combinado de exposição televisiva massiva que, com as intrincadas e subtis passagens do tempo, pode alterar, inclusivamente, a cultura social como um todo. Ainda numa mesma linha de pensamento, Sousa refere a importância da socialização e aculturação noticiosas, baseadas nos ensinamentos das *Teorias da Socialização pelos Media* ou das próprias *Teorias da Construção Social da Realidade* que focam os efeitos cognitivos da prática jornalística a um nível perceptual, subjectivo, individual. Comportamentalmente, existem, identicamente, inúmeros estudos que evidenciam uma influência mediática numa vertente consequencial concreta e visível; destaquem-se, a título de exemplo, os estudos dos *media* e agressão/violência (Bushman, 1995; Cantor, 2000; Bushman & Huesmann, 2006; Ostrov, Gentile & Crick, 2006; Richmond & Wilson, 2008), *media* e comportamento social (Meyrowitz, 1986; Ostrov, Gentile & Crick, 2006; Greitemeyer, 2011), *media* e comportamento defensivo/protectivo (Gerbner, Gross, Signorielli & Morgan, 1986), *media* e comportamento consumista (Patwardhan & Yang 2003), entre outros. As particularidades cognitivas e comportamentais do ser humano são interdependentes entre si, não existindo, maioritariamente, na sua qualidade de recipientes isolados. Uma percepção forte orienta uma subsequente acção ou, pelo menos, prevê uma certa direcionalidade de resposta comportamental; o sentido inverso também será palpável. E, da mesma forma, a fenomenologia afectiva e emocional denota-se integrante, fulcral, neste processamento.

## **2.7. Media e Afectividade**

A afectividade consequencial é, probabilisticamente, um dos ramos menos explorados, tacitamente, pelas ciências da comunicação, ao nível dos efeitos mediáticos sobre a sua audiência humanizada. Se é certa a significância dos *mass media* a um nível de formatação populacional (Dominick, 1978), menos certo será o seu contributo numa área, eminentemente, psicológica. Tal facto constitui um dos motivos do constante enaltecimento interdisciplinar, visível ao longo da presente tese. Nas palavras de Ball-Rokeach e DeFleur (1976), “*o impacto das mensagens mediáticas ao nível dos sentimentos e respostas emocionais de uma audiência é um dos tipos de efeitos [mediáticos] menos explorados*” (p. 14); se por um lado uma hipótese de “*neutralização afectiva*”, decorrente de exposições prolongadas a conteúdos informativos violentos tem vindo a ser avançada numa perspectiva de estabilização fisiológica, temporalmente enquadrada, com algumas variantes a explicitarem um aumento das avaliações favoráveis a imagens negativas e decréscimos de expressão empática (Cline, Croft & Courier, 1973; Linz, Donnerstein & Penrod, 1988; Mullin & Linz, 1995; Donnerstein & Smith, 1998) é visível, similarmente, literatura das ciências da comunicação incidente sobre os efeitos

mediáticos de medo e ansiedade, sobretudo medo do crime e sentimentos de apatia comunitária, decorrentes de exposições prolongadas a mensagens alarmantes, repletas de grafismos de pânico e semânticas assoberbadas de metáforas carregadas negativamente e intensamente (e.g., Doob, 1979; Graber, 1980; Heath & Gilbert, 1996; Chiricos, Padget & Gertz, 2000; Altheide, 2003; Weitzer & Kubrin, 2004). Similarmente, o foco obsessivo dos *media*, em assuntos que relembram os trâmites da tragédia grega antiga, tais como o crime, os desastres e as desvirtudes sociais, parecem resultar numa sobre-exposição individual a conteúdos de violência gráfica, muitas vezes denotados ameaçadores e que instituem, subsequentemente, atitudes mais fechadas, punitivas e autoritárias (e.g., Gilliam & Iyengar, 2000; Dowler, 2003; Dixon & Azocar, 2007). Por fim, Klapp (1972) propõe, adicionalmente, possíveis alterações na vertente da moralidade humana, com efeitos ulteriores de alienação, decorrentes da integração grupal, sucedida por meio da comunicação social; Isto deve-se ao facto notado por Ball-Rokeach e DeFleur nos trabalhos de Durkheim (1951) de o sentido de bem-estar colectivo, que promove a moralidade e combate a alienação, ser um produto frágil de relações sociais bem-sucedidas que não podem ser edificadas ou desenvolvidas sem um sistema de suporte comunicacional robusto. Não se fala, aqui, de uma relação directa; os meios de comunicação social actuariam numa linha de agentes de integração, informadores dos problemas comunitários e grupais, providenciando coesão, na sua condição de modificadores morais, e de alienação, na sua condição de promotores de mudanças de valores não consentâneos com a dinâmica sociocomunitária. Na verdade, a totalidade dos efeitos mediáticos pode ser examinada através da sua dimensionalidade afectiva, tendo em conta o seu carácter de interdependência, descrito anteriormente. E dado que a evidência literária afectiva da comunicação, embora existente, seja limitada, empiricamente, a nota conclusiva da presente secção servirá de remissão para um subsequente corpo dissertativo, informado por uma psicologia social, numa tentativa de afunilamento e especificação de possíveis induções emocionais, em contexto ecológico-laboratorial, decorrentes de material de exposição mediático criminal e de influências, estatisticamente plasmadas, de estados emocionais em posteriores vertentes atitudinais, políticas e sociais.

### **3. Afecto, Emoção e Disposição**

#### **3.1. Distinções Conceptuais**

A utilização indiscriminada dos termos *afecto*, *emoção* e *disposição* (*mood*) tem colocado um entrave importante a uma diferenciação conceptual que se denota essencial para a

psicologia contemporânea e que deve ser resolvida, de início, previamente a qualquer apresentação de modelos teórico-empíricos.

O afecto nuclear é parte integrante dos restantes dois recipientes conceptuais, podendo, identicamente, apresentar-se na sua forma pura e isolada, enquanto “*estado neurofisiológico, conscientemente acessível como simples sentimento primitivo não-reflectivo, mais evidente nas disposições e emoções, mas sempre disponível à consciência*” (Russell & Feldman Barrett, 1999; Russell, 2003, p. 147). Na sua qualidade conceptual, trata-se de um estado integrado por uma harmonização de valores hedónicos (prazer-desprazer) e de activação (activação-relaxamento), não dirigido, à partida, para nenhum objecto (representação psicológica) específico – possui um carácter flutuante – mas podendo, por meio de atribuição, tornar-se direccionado. O seu nível de consciência é primário (Farthing, 1992). Por outro lado, as emoções, na sua perspectiva de “*episódio prototípico emocional*” são “*sets complexos e interrelacionados de sub-eventos direccionados para um objecto específico*” (Russell & Feldman Barrett, 1999, p. 806), com temporalidades altamente efémeras e de difícil captação/mensuração e com uma panóplia de sub-eventos passíveis de serem registados no seu âmbito; São eles: (a) o afecto nuclear, (b) o comportamento observável emocionalmente congruente, (c) a atenção direccionada ao estímulo elicitor, (d) a avaliação cognitiva do significado e possíveis implicações do estímulo, (e) a atribuição da génese do episódio emocional, (f) a experiência de uma emoção particular e (g) as mudanças endócrinas, periféricas e centrais consistentes com uma particular emoção (Russell & Feldman Barrett, 1999). Uma vez que os episódios emocionais são, usualmente, direccionados para um determinado e específico objecto, a componente de avaliação cognitiva definitiva do conceito de emoção será fulcral e culminará no verdadeiro parâmetro conceptual delimitativo das emoções (Ekkekakis, 2013). Consequentemente, são necessárias três estruturas para definir uma emoção: (1) o *protótipo* – enquanto estrutura cognitiva que especifica os parâmetros típicos, conexões causais e ordens temporais de cada conceito emocional – o (2) *episódio emocional* – enquanto qualquer evento que preencha os requisitos do protótipo e a culminação das duas instâncias anteriores no (3) *episódio emocional prototípico*. Por fim a disposição apresenta uma temporalidade acrescida, face às emoções, e trata-se de um construto difuso, global, não direccionado. De acordo com Fridja, disposição é “*a designação apropriada para os estados afectivos direccionados a nada em específico ou a tudo – acerca do mundo em geral*” (2009, p. 258) e no comentário de Russell (2003) trata-se de um conceito algo dúbio, uma vez que nem o seu carácter de temporalidade nem o seu grau de estabilidade estão bem definidos, literariamente.

As disposições são concebidas como “*estados emocionais que prevalecem em qualquer temporalidade específica*” (Fish, 1974 cit In Berner, 1988), como “*o tom hedónico dominante de um determinado momento*” (Deese, 1964 cit In Berner, 1988) ou como “*o tom-sensação particular experienciado internamente por um sujeito*” (Campbell, 1970 cit In Berner, 1988). Também de acordo com Campbell, as emoções são “*sentimentos conscientemente percebidos*” e o afecto inclui uma vertente de energia e refere-se a “*manifestações externas e disposições dos sentimentos de um sujeito*” (*Idem*). Isto significa que, embora sobreponíveis, os termos não são sinónimos e não devem ser utilizados como tal. Na presente dissertação seguir-se-á a terminologia de Russell.

### **3.2. Modelos Dimensionais - Modelo Circumplexo Afectivo (MCA)**

A dimensionalidade da abordagem afectiva remonta a Wundt (1912/1924), com incidência particular sobre o carácter parcimonioso dos contributos teóricos animais, e com todos os seus desenvolvimentos acerca das organizações bifásicas comportamentais de aproximação/evitamento. Estruturalmente elucidadora, a presente vaga teórica iniciou um debate inovador acerca da organização latente do afecto, onde o modelo circumplexo afectivo alcançou o devido destaque. Baseado numa conceptualização afectiva bidimensional, desenvolvida por Russell (1980), trata-se de um avanço face a modelos psicológicos mais lineares, caracterizados pela sua disposição de aspectos relacionais emocionais ao longo de um espectro, onde a variação de cada dimensão afectiva seria independente face à variação das restantes. A sua origem mais precoce pode ser traçada até aos trabalhos de Schlosberg (1941, 1952), suportados pela noção de que os estados afectivos não são, de facto, desligados uns dos outros, mas existe, antes, uma interligação altamente sistemática entre eles, facilmente organizável num enquadramento estrutural, visual, circular; Enquadramento, esse, disposto sobre um espaço metafórico bidimensional, que serve de representação pictórica a uma multiplicidade de dados e que tem vindo a ser suportada, empiricamente, por uma panóplia de estudos de escalagem multidimensional, consagradores de modelos 2-D da experiência afectiva (Larsen & Diener, 1992), caracterizadas por diferentes rótulos – afecto positivo/negativo (Watson et al., 1999), tensão/energia (Thayer, 1997), aproximação e evitamento (Lang, Bradley & Cuthbert, 1998) e o actualmente descrito, valência/activação (Russell, 1980). No seu desenvolvimento conceptual mais recente, a vertente afectiva tem por base uma ideia de que existe uma teoria emocional implícita ao ser humano (*Idem*), coincidente com uma capacidade cognitiva – relacionada com os processos de memória, julgamento, percepção e racionalidade - de organização e sintetização informativa, passível de constituir uma enformação perceptiva

e interpretativa de eventos específicos verbais, não-verbais, próprios ou de outrem. Na sua condição de racionalidade privilegiada, o Homem interpreta estados de espírito, antecipa respostas emocionais e procura modificá-las, continuamente. A premissa nuclear do modelo circumplexo, um modelo de processamento afectivo, funciona muito à volta desta ideia e propõe que *“todos os estados afectivos são originados a partir de interpretações de sensações neurais nucleares que são o produto de dois sistemas neurofisiológicos independentes”* (Posner, Russell & Peterson, 2005); isto é, a sua ideia capital de dimensionalidade assegura a existência de dois sistemas neurofisiológicos independentes que, se combinados, admitem uma diversidade de estados afectivos resultantes; estados afectivos, esses, passíveis de ser interpretados, i.e., passíveis de ser informados cognitivamente, em emoções particulares. Os estados afectivos, por si só e tal como experienciados, são significativos, uma vez que o processo cognitivo interpretativo do episódio emocional – o processo que lhe deu significado – já ocorreu. É a interpretação e não a informação objectiva que o torna apto à experiência emocional, por meio de uma categorização do seu estado interno.

Empiricamente, Russell dá conta de uma multiplicidade de estudos que marcaram os pontos da emergência dimensional do seu modelo, desde os estudos de Schlosberg (1952, 1954 *cit in* Russell, 1980) examinadores dos erros que os sujeitos cometiam quando atribuíam expressões faciais emocionais a categorias determinadas *a priori* pelos investigadores e culminantes numa representação circular dimensional emocional divisível em eixos de agradabilidade-desagradabilidade, atenção-rejeição e, posteriormente, relaxamento-tensão; Estudos de Abelson & Sermat (1962 *cit in* Russell, 1980) sobre as taxas de semelhança-dissemelhança de pares de expressões faciais, sem categorias emocionais impostas pelos investigadores, culminantes num espaço bidimensional constituído por eixos de agradabilidade-desagradabilidade e uma combinação de eixos de relaxamento-tensão e atenção-rejeição, presumivelmente indiferenciáveis; E outros estudos que evidenciavam a emergência de duas dimensões independentes (Royal & Hays, 1959; Shepard, 1962; Cliff & Young, 1968; Green & Cliff, 1975 *cit in* Russell, 1980). Adicionalmente, numa vertente de categorização de expressões emocionais verbais, Russell cita ainda alguns estudos de diferenciação semântica, indicadores de dimensões de avaliação, actividade e potência enquanto componentes mais relevantes das línguas naturais e como sendo afectivas em natureza (Osgood, Mary & Miron, 1975; Osgood, 1969 *cit in* Russell, 1980); Estudos de Averill e Russell & Mehrabian (1975, 1977 *cit in* Russell, 1980) sobre taxas de diferenciação semântica de termos emocionais que suportam a emergência de dimensões de avaliação (agradabilidade-desagradabilidade),

actividade (*arousal* ou activação) e potência (controlo e profundidade/importância); E, por fim, toda a contribuição dos estudos de escalagem multidimensional que sugerem, em jeito de síntese, 3 propriedades inerentes à representação cognitiva do afecto: (1) as dimensões de agradabilidade-desagradabilidade e de activação-relaxamento são responsáveis pela maior parte de variância no julgamento de similaridades entre termos emocionais (Bush, 1973; Dittmann, 1972; Neufeld, 1975, 1976; Russell, 1978 *cit in* Russell, 1980); (2) As dimensões descritivas do afecto são bipolares (Block, 1957; Bush, 1973; Neufeld, 1975, 1976; Lundberg & Devine, 1975; Stone & Coles, 1970 *cit in* Russell, 1980); (3) Qualquer palavra emocional poder ser definida como a combinação das componentes de prazer e arousal – propriedade concordante com a ideia de Schlosberg (1952) acerca da existência de uma ordem circular dentro de um espaço bidimensional. Assim, o Modelo Circumplexo Afectivo de Russell (1980) inserir-se-á numa tipologia de contribuições teórico-empíricas que perspectivam as experiências afectivas como redes interrelacionadas e ambíguas; Nesta concepção, emoções específicas serão originadas através de padrões de activação inerentes a dois sistemas neurofisiológicos que operam de forma complementar a uma interpretação cognitiva e rotulação de cada uma destas experiências fisiológicas. A dimensão horizontal do modelo (este-oeste) corresponderá à dimensão de prazer-desprazer, cunhada como dimensão de *Valência* e a dimensão vertical (norte-sul) corresponderá à dimensão de activação-relaxamento, cunhada como dimensão de *Arousal - Activação* (Russell, 1980; Posner, Russell & Peterson, 2005); Dimensões, essas, que se situam em eixos ortogonais (perpendiculares) e que são mensuráveis, respectivamente, por actividade zigomática – positiva – assim como, por actividade de ondulator – negativa – e índices psicofisiológicos periféricos de ritmo cardíaco e actividade eletrodérmica (“Circumplex Model of Affect and Motivational State”, 2016). As restantes variáveis não formam dimensões independentes, mas ajudam a definir os quadrantes do espaço. Todos os termos emocionais são definidos como vectores originados do ponto nuclear do espaço bidimensional e a similaridade entre dois quaisquer estados afectivos é função da sua distância, entre um e outro, no perímetro do círculo. Mais formalmente, o modelo implica que os estados afectivos deverão ter correlações positivas decrescentes, entre si, à medida que a sua separação se aproxima de 90° e a 90° de separação, dois estados afectivos não deverão estar correlacionados. Similarmente, à medida que a separação entre dois estados afectivos se aproxima de 180°, as correlações negativas entre eles deverão ser crescentes (Remington, Fabrigar & Visser, 2000).

Após décadas de referência aos modelos dimensionais enquanto modelos das *emoções*, começa agora a ser reconhecido que o verdadeiro valor heurístico destes trâmites teóricos é limitado ao estudo do afecto nuclear, já que as dimensionalidades de valência e activação, por si só, não são representativas da totalidade dos episódios emocionais (Russell, 2003). A sua representação bidimensional falha, não raramente, na captura de aspectos importantes da emoção e, por isso, não reflecte, inteiramente, diferenças cruciais entre alguns episódios prototípicos – e.g., diferenças entre medo, vergonha ou raiva (Remington, Fabrigar & Visser, 2000); Semelhantemente, versões diferentes do modelo postulam, ocasionalmente, localizações de estados afectivos díspares e a evidência empírica sugere que esses mesmos estados nem sempre estão localizados nas regiões previstas do círculo (Watson, Wiese, Vaidya & Tellegen, 1999 *cit in* Remington, Fabrigar & Visser, 2000); mais, o modelo foi formulado com base numa selecção emocional realizada por meio de uma amostragem não sistemática e por ausência de directivas teóricas claras (Morgan & Heise, 1988 *cit in* Remington, Fabrigar & Visser, 2000) o que condiciona, em determinados termos, a sua aplicabilidade. Não obstante, o supracitado contributo teórico atingiu uma grande aceitação na sua representação utilitária do afecto (Larsen & Diener, 1992; Plutchik & Conte, 1997 *cit in* Remington, Fabrigar & Visser, 2000) e foi, inclusivamente, testado em diversos cenários transnacionais que envolveram a utilização de amostras da Estónia, Polónia, Grécia e China, replicando bons e consistentes resultados (Russell, Lewicka & Niit, 1989). Da mesma forma, existem várias análises factoriais e escalagens multidimensionais realizadas que demonstram, consistentemente e continuamente, a existência de 2 factores latentes na (1) *auto e hétero-comunicação de estados afectivos*, (2) *na utilização de mensurações com expressões faciais* e ao (3) *longo de diversificadas temporalidades* (Feldman Barrett & Fossum, 1998, 2001; Larsen & Diener, 1992; Russell, 1980; Watson, Clark, & Tellegen, 1988; Abelson & Sermat, 1962; Cliff & Young, 1968; Russell & Bullock, 1985; Schlosberg, 1952 *cit in* Russell & Peterson, 2005). Idilicamente, Russell (2003) conclui que a perspectiva dimensional deverá ser integrada por uma perspectiva categórica e nas palavras de Watson e Clark (1997), remontando aos ensinamentos de Watson e Tellegen (1985) acerca da estrutura hierárquica do domínio afectivo, as duas abordagens básicas – das dimensões e dos afectos discretos/emoções específicas – não são incompatíveis ou exclusivistas; pelo contrário “*reflectem níveis diferentes de uma estrutura singular, hierárquica e integrada... Isto é, cada uma das dimensões hierárquicas superiores pode ser desconstruída em vários estados afectivos correlacionados e, no entanto, distintos (...)* Neste modelo hierárquico, o nível mais baixo reflecte o poder único descritivo/explicativo dos afectos



*individuais discretos (i.e. especificidade) enquanto as dimensões gerais reflectem as suas qualidade sobreponíveis (i.e. não especificidade)”* (p. 269). Isto significa que a abordagem seleccionada no presente estudo não tem tanto que ver com uma incompatibilidade teórico-conceptual, mas antes, com uma questão de pragmatismo de investigação. Neste caso, e uma vez que o objectivo da presente tese se traduz na indagação dos efeitos de uma manipulação coincidente com aspectos de durabilidade/intensidade do estímulo elicitor, típicos de estilos de uma componente jornalística, altamente exploratória e sem suporte teórico, robusto, *a priori*, faz sentido a adopção de uma perspectiva mais lata e abrangente de afecto nuclear e não uma análise de especificidade fisiológica emocional.

### **3.3. Operacionalização Afectiva/Emocional**

A mensuração da resposta afectiva/emocional pode ser construída por meio de três soluções nucleares, culminantes em cenários de reactividade fisiológica, reporte avaliativo afectivo e comportamento observável, sequencial e funcional (Bradley & Lang, 1994). De acordo com Ekkekakis (2008), a escolha de uma medida preferencial, face às restantes, é, igualmente, um processualismo triárquico que conjuga etapas de conceptualização, selecção instrumental e consideração psicométrica que, frequentemente, perspectiva o desafio central, intrínseco à fenomenologia emocional, de compreensão da sua diversidade responsiva e tentativa de integração de uma abordagem multi-instrumental, preferencial. Embora riquíssima em termos emocionais, a linguagem falha, por vezes, na captação de experiências afectivas – sobretudo as mais intensas – quando se torna insuficiente e exige uma constante recorrência a metáforas e estilos linguísticos de difícil desconstrução; de igual forma, os reportes afectivos vêem-se, frequentemente, injectados de influências motivacionais e distorções contextuais, apresentando, insuficientemente, correlações meramente modestas com outros aspectos da reacção afectiva, tais como com eventos somatoviscerais e parâmetros comportamentais (Cacioppo, Berntson, Larsen, Poehlmann & Ito, 2000). A mensuração fisiologia da emoção, por sua vez, tem a si associado um debate ancestral acerca da especificidade fisiológica emocional; se num extremo existem académicos com posicionamentos coincidentes com uma unicidade fisiológica subjacente a diferentes estados afectivos, normalmente culminante numa activação simpática comum a todos eles (Duffy, 1972; Schachter, 1964; Zillmann, 1983 *cit in* Wagner & Manstead, 1989), outro estrato teórico tem defendido a especificidade de padrões fisiológicos emergentes na sequência de episódios emocionais prototípicos distintos (Arnold, 1960; Izard, 1977; James, 1884 *cit in* Wagner & Manstead, 1989; ver Wolf & Wolff, 1947; Ax, 1953; Christie & Friedman, 2004; Ekman, Levenson & Friesen, 1983). Uma meta-análise

recente de Cacioppo et al. (2000) demonstrou que somente 37 medidas autonómicas diferenciavam, discretamente, episódios emocionais, sendo essa diferenciação alcançada, unicamente, sob determinadas condições e os resultados obtidos, em diversos estudos, eram demasiado inconsistentes para alcançar a robustez necessária para perseguir este tipo de abordagem. Assim, e coincidentemente com o anteriormente plasmado, a reacção autonómica dos sujeitos deverá ser abordada sob o seu ponto de vista dimensional, por meio das suas componentes de valência e activação (Mauss & Robinson, 2009). Identicamente, existem barreiras metodológicas, notadas genericamente nas palavras de Ekman et al. (1983), associadas à mensuração emocional fisiológica, coincidentes com a dificuldade de equação da intensidade emocional e sincronização dos registos fisiológicos com os possíveis inícios e términos dos eventos emocionais, exigentes de uma examinação simultânea de um número variado de índices da actividade autonómica. Nos termos supracitados, não será promovida uma análise da especificidade emocional dos padrões de resposta fisiológicos, apesar de se reconhecer a sua importância, com todos os desenvolvimentos ao nível da psicofisiologia moderna que perfilha, por exemplo, na meta-análise promovida por Cacioppo, Gardner e Bernston (1997), a importância de medidas periféricas como optimais para mapear a activação emocional – HR, EDA, EEG, etc. Antagonicamente, a presente tese promoverá uma abordagem de procura da activação autonómica, simpática, geral, com base no modelo circumplexo bidimensional, já postulado, por meio de indicadores de activação e valência, passível de ser complementada pelo preenchimento de auto-relatos afectivos, numa demanda multi-instrumental, defendida, preferencialmente, pela maioria da literatura.

### **3.3.1. Arousal e Actividade Electrodermica (EDA)**

As respostas autonómicas e somáticas são controladas pelo sistema nervoso periférico (Hall, 2011), caracterizado por fibras pós ganglionares que, funcionalmente, activam um número diverso de efectores e providenciam o substracto anatómico à chamada reacção humana de emergência. Esta reacção é passível de despoletar um leque de respostas fisiológicas ao nível do ritmo cardíaco, pressão sanguínea, actividade eletrodérmica e ritmos respiratórios, de base eminentemente simpática. Na subdivisão nervosa periférica, autónoma, as componentes entérica e parassimpática são, para a presente dissertação, perspectivadas num plano secundário, com a premissa basilar de que o sistema electrodérmico humano é eminentemente enervado pelo subsistema simpático (Hall, 2011; Dawson, Schell & Filion, 2007) o que o torna uma medida profícua da cunhada activação autonómica. Embora fulcral em *sets* de emergência, nas respostas literariamente plasmadas de Freeze, Fight, Flight – *sistema FFF* (ver Gray &

McNaughton, 2000; Corr, 2008; Bijttebier, Claes & Vandereycken, 2009), o SNS cumpre um propósito mais genérico do que a estimulação aversiva ao condensar-se como sistema predilecto da *preparação para a iniciação da acção humana*, não específica, mediada pela libertação hormonal de noradrenalina e, actualmente, é admitido, um pouco ao longo de toda a vastidão literária psicológica, que as glândulas sudoríparas, essenciais na EDA, têm enervações predominantemente colinérgicas – *simpáticas* – embora algumas fibras adrenérgicas se situem nas suas proximidades (Shields, MacDowell, Fairchild & Campbell, 1987).

O nível de condutância elétrica da pele – *Skin Conductance Level* (SCL) - tem um alcance típico, com todas as variações psicológicas e individuais associadas, de  $2\ \mu\text{S}$  e  $20\ \mu\text{S}$ , sendo observado, comumente, um decréscimo gradual do SCL em fases de repouso e um aumento rápido na presença de estímulos novos. As respostas de condutância elétrica da pele – Skin Conductance Responses (SCRs) ou Galvanic Skin Responses (GSRs) – são uma pequena fracção do SCL e podem ser não específicas (NS-SCRs), quando surgem na ausência de estímulos significativos ou específicas (S-SCRs) quando são evocadas por um estímulo-alvo. A estabilidade temporal – *fiabilidade test-retest* – das medidas de actividade electrodérmica como as NS-SCRs, SCL, responsividade a estímulos e habituação tem sido investigada, com correlações em períodos superiores a 1 ano a variar desde aproximadamente ,40 a ,85 para o SCL e ,30 a ,80 para um número de SCRs evocadas por repetição de estímulo (ver revisões Freixa i Baque, 1983; Schell et al., 2002 *cit in* Dawson, Schell & Filion, 2007). Usualmente mensurada na palma da mão, onde está concentrado um grande número de glândulas sudoríparas, a EDA tende a aumentar à medida que a activação autónoma, auto-reportada, relativa a um determinado estímulo emocional, aumenta, independentemente da sua valência. Numa óptica de relação linear: *por cada unidade incrementada em activação reportada (independentemente da valência) existe um aumento da reactividade eletrodérmica nos mesmos termos* (Bradley & Lang, 2000). Tal princípio é coincidente com o estudo de Greenwald, Cook & Lang (1989) no qual alterações medianas da EDA surgem correlacionadas, significativamente com reportes de activação autonómica, e, mais tarde, com o estudo de Lang, Greenwald, Bradley & Hamm (1993) a reportar uma associação ainda mais forte, similarmente direccionada (dimensional,  $r = .67$ ), em que mais de 80% dos indivíduos demonstraram uma correlação positiva entre os reportes de activação afectiva e resposta electrodérmica. Outros estudos têm vindo a suportar esta hipótese com a utilização de estímulos sonoros (Bradley e Lang, 2000) e estímulos visuais, nos quais imagens carregadas afectivamente, quando comparadas com imagens neutras, provocam, consistentemente, níveis de activação

autonómica superior, medida por condutância elétrica da pele (*Idem*) com alguns níveis de reactividade eletrodérmica diferencial entre homens e mulheres a serem reportados – os elementos do sexo masculino parecem ser electrodermicamente mais reactivos (Boucsein, 2012). Numa tendência mais concordante com as áreas da medicina e fisiologia, admite-se, igualmente, a dificuldade do estudo da actividade periférica simpática no ser humano, uma vez que os órgãos efectores respondem de forma relativamente lenta aos impulsos neuronais simpáticos, reagindo a variados outros estímulos de base hormonal, química e mecânica (*Idem*). Não obstante, na aplicação de técnicas de microneurografia, para estabelecer a relação entre a amplitude de descarga da parte simpática do nervo mediano (enervadora da zona palmar das mãos) e a amplitude da resposta eletrodérmica (Wallin, 1981) foi encontrada dependência da secreção sudorípara com actividade neural sudomotora; Boucsein (2012) confirma, inclusivamente, que a parte secretória das glândulas de sudorese está rodeada de um denso plexo de fibras simpáticas que permitem uma disseminada distribuição da actividade do sistema nervoso autónomo simpático e alguns estudos de neuroimagem proporcionam, adicionalmente, evidência de que, por exemplo, a flutuação nas SCRs é evocada aquando da realização de uma tarefa de tomada de decisão com reforço e, muito probabilisticamente, representa alterações individuais em activação e tom emocional relacionadas com as componentes antecipatórias de recompensa e punição de tarefa. Mais, quando excluídas as influências da recompensa, é observada covariância entre a actividade de áreas corticais discretas com a resposta de condutância da pele – um reflexo autónomo que pode ser utilizado como índice de processos cognitivos, atencionais e emocionais (Critchley, Elliott, Mathias & Dolan, 2000); o trabalho de Patterson, Ungerleider & Bandettini (2002) vai na mesma direcção.

Ao contrário dos relatos auto-reportados ou de medidas comportamentais, um racional de validade facial não é suficiente para relacionar medidas fisiológicas com constructos psicológicos (Kruglanski & Higgins, 2007) e, tendo em conta a discussão ancestral acerca da indução na psicofisiologia, a utilização de medidas periféricas singulares na demarcação de constructos psicológicos, embora rentável, coloca em cima da mesa a possibilidade do estabelecimento de relações vários-para-vários entre os constructos e os índices fisiológicos unitários. Ora, teoricamente, a magnitude de uma medida singular de EDA pode ser ligada a um constructo psicológico com base nos modelos teóricos contemporâneos da activação autonómica da actividade electrodérmica. Veja-se, a título de exemplo, o modelo de Gray no desenvolvimento de Fowles (1980); este postula, originalmente, que existem dois sistemas primários, numa extensão ainda decorrente da organização bifásica comportamental já

dissertada, o sistema de activação comportamental – *Behavior Activation System* (BAS) – e o sistema de inibição comportamental – *Behavior Inhibition System* (BIS) – e um sistema de activação não específico que recebe *inputs* excitatórios dos sistemas supracitados. Sem se pretender desenvolver o modelo, o ponto-chave desta secção surge quando uma revisão da literatura sugere que a actividade electodérmica está associada a uma activação do BIS (*Idem*). Similarmente, Dawson, Schell e Fillion (2007) postulam que a actividades eletrodérmica é evocada por estimulação afectiva passível de despoletar activação amigdalal do ramo simpático do sistema nervoso autónomo. Isto é insuficiente para garantir uma relação de invariância psicofisiológica entre o constructo de activação autonómica e a EDA, no entanto, pode promover-se uma aproximação a esta com toda a informação condensada; dada a evidência empírica que relaciona a EDA com o constructo de *arousal* e os modelos teóricos, contemporâneos, existe alguma base teórico-empírica que permite a utilização desta medida como índice de activação; adicionalmente, sabe-se que uma medida singular não é a melhor opção na procura de invariância, por isso utiliza-se, no presente estudo, uma medida extra de ritmo cardíaco (assim como medidas auto-reportadas complementares); adicionalmente, é conhecido, ainda, que os próprios processos metabólicos poderão influenciar os níveis de EDA obtidos, pelo que nos *sets* experimentais, serão promovidas as melhores condições para eliminar essas influências passíveis de produzir artefactos psicofisiológicos – ausência de exercício físico passível de despoletar produção sudorípara, etc.; Denota-se, nesta premissa, a importância dos controlos e de uma montagem rigorosa do paradigma experimental.

Para alguns investigadores, a EDA pode ser o sistema de resposta de eleição, uma vez que proporciona uma representação directa e não diluída da actividade simpática. Como foi já referido, o controlo neural das glândulas sudoríparas écrinas é totalmente do controlo do SNS, pelo que, qualquer aumento nos níveis de condutância da pele/respostas galvânicas da pele são devidos a activação simpática tónica ou fásica. Em contraste, tem-se o ritmo cardíaco, por exemplo, onde uma alteração na sua actividade, em resposta a estímulos de significância psicológica, não pode ser traçada, inequivocamente, ao sistema simpático ou parassimpático, podendo ser resultante de uma combinação de ambos (Dawson, Schell & Fillion, 2007). Outra vantagem da utilização da EDA, face ao HR, é o nível de discriminação das respostas galvânicas da pele; aquando da apresentação de um estímulo, é possível determinar, rapidamente, se uma GSR ocorreu ou não. Antagonicamente, a presença de uma resposta de ritmo cardíaco perante um estímulo específico pode ser de difícil diferenciação face à variabilidade normativa da actividade cardiovascular que reflecte alterações no tónus muscular e nas arritmias sino-

respiratórias. A EDA é ainda uma medida rentável, que não exige necessidade de revestimento sonoro da sala experimental (tal como acontece com o EEG ou com potenciais evocados), o seu equipamento é de fácil transporte e montagem e não é lesivo de forma alguma.

### **3.3.2. Auto-Relato Afectivo, Arousal e Valência**

Para além de consagrar uma qualidade conceptual na sua formulação teórica, o modelo circumplexo afectivo tem sido desenhado, consistentemente, enquanto modelo de mensuração; enquanto desenvolvimento operacional (Larsen & Diener, 1992 *cit in* Ekkekakis & Petruzzello, 2002). Não obstante, na ausência de condensação literária de medidas de base bidimensional, inspiradas no supracitado enfoque teórico-operacional, possivelmente devido ao seu padrão de intercorrelações altamente intrincado, impassível de ser avaliado por métodos tradicionais de análise estrutural (Ekkekakis & Petruzzello, 2002), há registo de algumas medidas auto-reportadas de itens-singulares e múltiplos-itens que devem ser tidas em conta. Num extremo do espectro, as medidas de itens-singulares têm a vantagem de poderem ser administradas em segundos, com uma temporalidade de preenchimento altamente efémera, capaz de minimizar interrupções ao paradigma experimental ou a qualquer tarefa laboratorial a decorrer e, por isso mesmo, passíveis de minimizar a componente de fadiga/cansaço cognitivo dos participantes. Têm-se, deste modo, enquanto medidas de eleição em estudos que pretendam rastrear mudanças rápidas de estados afectivos, por possibilitarem a aplicação múltipla, temporalmente distinta, dos mesmos itens aos participantes (Russell & Mendelsohn, 1989). Uma vez que dependem inteiramente de uma resposta singular e pontual, podem comprometer, contudo, a sua fiabilidade, face a medidas de itens-múltiplos, por estarem sujeitas a respostas erróneas, derivadas de confusões ou descuidos; respostas, estas, que podem aumentar a componente de erro aleatório de mensuração, caso não sejam controladas (Ekkekakis & Petruzzello, 2002). No extremo oposto, as medidas de itens-múltiplos têm a si associados tempos de administração mais prolongados, o que as torna menos propícias a aplicações múltiplas, temporalmente distintas, por serem mais vulneráveis à provocação de fadiga e reactividade (i.e. irritação, frustração, não cumprimento das instruções), nos sujeitos, face ao teste. Identicamente, podem ser fontes de distracção dos estímulos centrais do estudo (*Idem*). Embora menos susceptíveis a erros aleatórios de mensuração, não consagram o foco operacional, central do presente estudo. Pelo contrário, a secção subsequente focar-se-á nas medidas de itens singulares.

### 3.3.2.1. Medidas de Itens-Singulares

A primeira medida de interesse, a enquadrar-se na supracitada tipologia de mensuração, foi cunhada por Russell e Mendelsohn (1989) como *Affect Grid*, uma grelha de medição subdividida em dois eixos: um hedónico, de prazer-desprazer e um de activação-relaxamento, informados e enformados teoricamente pela edificação modelar circumplexa. O preenchimento da presente medida funciona por meio de um *set* instrucional, providenciado *a priori* pelo investigador activo; posteriormente, o sujeito-participante é apresentado com um cenário de resposta repleto de colunas e linhas, uma autêntica tabela do afecto, nas quais deverá colocar um “x” na intersecção que lhe parecer mais propícia. O score de Prazer (P), variável entre 1 e 9, traduz-se no número de colunas preenchidas, a contar da esquerda, e o score de Activação (A) é representado pelo número de linhas preenchidas, a contar de baixo para cima. O presente instrumento foi desenvolvido por meio de investigação-piloto com todas as suas condicionantes de avaliação psicométrica, tendentes com a impossibilidade da realização de análises de itens ou de consistência interna. Deste modo, a supracitada componente de fiabilidade de mensuração foi obtida de forma indirecta, a partir de uma panóplia de estudos realizados, passíveis de proporcionar uma componente de fiabilidade inter-investigadores testável. Similarmente, ao serem realizadas avaliações do mesmo estímulo em escalas diversas, objectivadas para medir as mesmas dimensões, foi possível calcular tamanhos de validade convergente e discriminante do instrumento. A presente escala foi comparada com as medidas de Mehrabian e Russell (1974) de prazer e activação; medidas estas utilizadas como medidas bem-sucedidas das dimensões supracitadas (Russell & Mehrabian, 1974; Russell & Mehrabian, 1977; Russell & Steiger, 1982) com estimativas de fiabilidade com coeficientes de ,91 e ,81, respectivamente, no estudo de Russell, Ward e Pratt (1981). Comparativamente, a *Affect Grid* demonstrou coeficientes estimativos de validade discriminante muito baixos, não significantes e abaixo de ,20, no primeiro estudo realizado por Russell & Mendelsohn (1989) e, contrariamente, coeficientes de validade convergente incomumente altos, com valores acima de ,90; O segundo estudo demonstrou uma fiabilidade de ,99 na dimensão de Prazer e de ,97 na dimensão de Activação; No terceiro estudo, a partir da avaliação de fotografias, por parte dos participantes, com as duas escalas alternativas de prazer e activação, os autores puderam estabelecer correlações entre as várias avaliações construídas, o que permitiu a edificação de um índice de validade convergente. Neste caso, a dimensão de prazer demonstrou correlações entre ,74 e ,94 e a de activação, correlações entre ,63 e ,92. Apesar de ser uma medida preliminarmente e psicometricamente adequada, a verdadeira problemática associada à *Affect Grid* tem que ver

com a sua falta de replicabilidade/aplicação noutros estudos (Killgore, 1998); Isto significa que em termos de generalização e transversalidade de resultados, a supracitada edificação perde estatuto de eleição face a outras medidas de itens singulares. Desta forma, exigem-se alternativas de mensuração. Para além desta realidade operacional, Jacob et al. (1989; 1999) desenvolveram a *Circular Mood Scale* (CMS), uma representação circular rodeada de descritores verbais funcionantes como pontos de ancoragem da activação e atenção, com uma abordagem de preenchimento culminante na selecção do ponto optimal de cada sujeito, ao longo da periferia do círculo, demonstradora da qualidade do afecto experienciado e um tracejamento até ao núcleo circular, culminante na intensidade do aspecto experienciado. Identicamente, apesar de ser cotada com índices de fiabilidade e validade razoáveis (Jacob et al., 1989), baseados em cotações de estabilidade de resposta e fiabilidade inter-investigadores, tem sido pouco replicada na literatura. Fugindo um pouco à conceptualização circumplexa afectiva, existem, ainda, duas medidas bipolares de itens singulares, que poderiam ter o seu interesse na presente temática, a *Felt Arousal Scale* (Sveback & Murgatroyd, 1985), pertencente à *Telic State Measure*, e a *Feeling Scale* (Hardy & Rejeski, 1989). A sua utilização conjunta poderia mapear, razoavelmente as dimensões pretendidas de activação e prazer, contudo, implicariam um desfasamento da moldura conceptual construída para a presente tese.

## **I. SAM – Self Assessment Manikin**

O *Self-Assessment Manikin* (SAM) (Lang, 1980; Hodes, Cook & Lang, 1985; Bradley & Lang, 1994) é um instrumento de base gráfica, pictórica, esboçado de acordo com os paradigmas dimensionais do afecto e objectivado para a captação das componentes de valência, activação e dominância associadas a uma resposta direccionada a um objecto ou evento (i.e. estímulo). Enquanto medida auto-reportada de itens singulares, consagra o instrumento de eleição da presente tese. Na sua modelação mais precoce, de formato computadorizado (posteriormente adaptada para o papel), o SAM contém três escalas constituídas por recipientes visuais; se por um lado a valência é reportada por meio de uma transmutação de faces sorridentes, felizes e faces carrancudas, infelizes, a activação reporta-se através de figuras acordadas, com os olhos amplamente abertos e figuras relaxadas, com os olhos fechados. A dominância, uma dimensão de controlo/poder e a menos relevante para a presente dissertação, é representada pelo tamanho da figura representativa, variando de um ícone reduzido a uma figura ampla. O preenchimento do supracitado instrumento é bastante directo, com a selecção da indicação pictórica mais concordante com o afecto do participante individual, sendo esta uma referência visual concreta ou um estado intermédio entre duas figuras. Isto resulta numa



escala de 9 pontos subjacente a cada dimensão. O *SAM* tem sido utilizado numa diversidade de situações e, igualmente, numa panóplia de estudos, conforme reporta a investigação psicométrica, introdutória, de Bradley e Lang (1994). De acordo com os autores, a medida é transversal aos mais variados estímulos: imagens, sons, *sketchs* publicitários, estimulação dolorosa, entre outros. Da mesma forma, o supracitado instrumento tem sido submetido a variadas análises factoriais em contextos de visualização de imagens do IAPS (Lang, Ohman & Vaitl, 1988), uma base pictórica, estandardizada, utilizada para estudar a fenomenologia emocional e da atenção (Bradley & Lang, 2007). No estudo introdutório do *SAM*, foram promovidas análises através da comparação entre julgamentos direccionados aos estímulos visuais IAPS, baseados em 18 dimensões de uma escala de diferenciação semântica – culminantes em scores de valência, activação e dominância – e os scores das mesmas dimensões obtidos por meio do *SAM*. As dimensões de valência e activação demonstraram concordância quase absoluta, entre comparações, quer no formato computadorizado quer no formato físico do instrumento, com a dimensão hedónica a reportar uma correlação de ,97 e ,96, respectivamente e a dimensão de activação a reportar ,94 e ,95, respectivamente. Isto traduz a clara vantagem do enquadramento dimensional reduzido do *SAM*, face à escala diferencial, mantendo um nível optimal de fiabilidade, mais rápido, fácil e directo (Morris, 1995; Lang, 1980). Adicionalmente, são ainda de notar os reportes de covariações significativas entre diferenças nos scores afectivos V e A, *SAM*, e outras medidas de reactividade fisiológica e sistemas comportamentais. Greenwald, Cook e Lang (1989; Lang, Greenwald, Bradley & Hamm, 1993), por exemplo, postulam que as repostas electrodérmicas e cardíacas variam, sistematicamente, de acordo com diferenças no afecto; diferenças, estas, indexadas pelas dimensões bipolares do *SAM*. Para além da supracitada investigação introdutória, as propriedades psicométricas e de replicabilidade do instrumento têm vindo a ser plasmadas ao longo da literatura, com a sua utilização a denotar-se transversal a uma multiplicidade de áreas (e.g., Sloan, Strauss, Quirk & Sajatovic, 1997; Allen, Trinder & Brennan, 1999; Thiruchselvam, Blechert, Sheppes, Rydstrom & Gross, 2011; Redondo, Fraga, Padrón & Comesaña, 2007; Coan, Schaefer & Davidson, 2006; Dziobek et al., 2008). Complementarmente, Morris et al. (1994; Morris, 1995) examinaram a eficiência do *SAM* na avaliação de mensagens publicitárias através da comparação desta medida com uma escala verbal do panorama do marketing. Mais de 245 sujeitos participaram através da indicação dimensional do seu estado afectivo. Os correspondentes resultados apontam para uma correlação existente entre as dimensões de V, A e D mensuradas pelo *SAM* e os scores das mesmas dimensões mensuradas pela medida verbal alternativa (*Valência*,  $r = ,36$ , *Activação*,  $r$

= ,65, *Dominância*,  $r = ,37$ ). Backs e da Silva (2005) validaram, igualmente, o instrumento, numa perspectiva de transversalidade de faixas etárias, ao promover uma análise da consistência interna, do mesmo, por meio de alfas de Cronbach dos *ratings* de cerca de 90 imagens; No seu estudo a valência obteve um score de correlação de ,63 para um grupo de idade inferior e ,82 pra um grupo de idade superior; igualmente, a activação obteve um coeficiente de ,98 para ambos os grupos. Isto significa que o *SAM* é aplicável de forma transversal às faixas etárias de uma dada amostra. Chianeh, Vahedi, Rostami e Nazari (2012) testaram as propriedades psicométricas do instrumento em contexto internacional, no Irão, através de *test-retest*, com uma diferença temporal de 2 semanas, e através de alfas de Cronbach. Neste estudo, o instrumento obteve alfas de ,89 e ,83 para as dimensões de valência e activação, respectivamente e, similarmente, coeficientes de fiabilidade *test-retest* de ,55 - ,78, o que significa que o *SAM* foi tido, mais uma vez, como um instrumento com validade e fiabilidade promissórias, passível de ser utilizado numa panóplia de futuros estudos. Embora existam inúmeros estudos ainda por explorar, no constante à aplicabilidade, replicabilidade de dados e características psicométricas do *SAM*, serve a presente secção de indício promissor dos seus componentes de actuação científica. Como tal, será a medida de eleição de mensuração dimensional, auto-reportada, do afecto, subjacente ao presente estudo. A próxima e última secção teórica incidirá sobre o conceito atitudinal e sobre a sua, subsequente, operacionalização.

## 4. Atitudes

### 4.1. Conceptualização

*“O conceito de atitude é, provavelmente, o conceito contemporâneo mais distinguível e indispensável”* (Allport, 1935, p. 1). Probabilisticamente, o primeiro autor a fazer uma desconstrução revisória das várias definições atitudinais desconectadas, existentes à data dos seus trabalhos, Allport consagra o primeiro marco delimitador rigoroso do conceito ao assumir que *“uma atitude é um estado mental e neural de preparação, organizado através da experiência, que exerce uma influência directiva ou dinâmica na resposta de um indivíduo a todos os objectos e situações com os quais se relaciona”* (p. 810). Não obstante, a sua definição peca na sua incompletude, ao negligenciar um desenvolvimento necessário das determinantes de formação e mudança atitudinais, centrais a uma visão abrangente da temática (Ostrom, 1968). Vai ser Smith (1947) na sua visão analítica funcional, o primeiro a incorporar uma descrição dos atributos mensuráveis da atitude, assim como, uma análise das funções atitudinais, sendo tido, por muitos, como o sustentáculo originário dos subsequentes modelos

estruturais tripartidos do constructo, percorridos mais à frente na dissertação, e datados (enquanto conceptualização oficial) aos anos 60's. Na categoria de autores que reconhece uma diversidade conceptual atitudinal, mas não encontra consenso ou justificação para uma definição em oposição às outras (Greenwald, 1968), são visíveis as retóricas de McGuire (1968), possivelmente, pilares empíricos, na sua extensão operacional à definição de Allport. Para este autor, as atitudes são melhor definidas como “*respostas que localizam objectos de pensamento em dimensões de julgamento*” (McGuire, 1968, p.239). Trata-se de um aprimoramento do termo, em limites pragmáticos. Não é já uma definição de semântica amplificada; É, doravante, um estreitamento conceptual de aplicabilidade empírica reconhecida (Breckler & Wiggins, 1989). Fishbein e Ajzen (1975) identificam atitude como uma “*predisposição de resposta aprendida de uma forma consistentemente negativa ou positiva com respeito a um dado objecto*” (p. 6) e Eagly e Chaiken (1993, 1998) colmatam a supracitada linha revisória com uma definição intuitiva e de ampla aceitação; nas suas palavras, a atitude é “*uma tendência psicológica que é exprimida por uma avaliação de uma entidade particular com algum grau de favorecimento ou desfavorecimento*” (1993, p.1 cit in Banaji & Heiphetz, 2010). Em comum, as anteriores definições têm os elementos predisposicionais, avaliativos e, ocasionalmente, alguma incidência afectiva, mas o verdadeiro debate conceptual das atitudes tem-se reportado à sua componente estrutural, uma vez que é aí que se têm identificado os seus verdadeiros elementos compositores.

#### **4.1.1. Modelos Conceptuais Atitudinais: Modelos de Orientação Corporal**

O enquadramento etimológico do termo atitude, derivado do italiano *attitudine*, remonta às origens latinas *apto*, coincidente com uma aptidão ou capacidade, e *acto*, contextualizada por uma orientação postural corporal; Mais especificamente, ambas as raízes *act* e *apto* têm o seu nascimento na raiz sânscrita *ag*, delimitadora de um sentido de acção, com uma tradução literal culminante nos termos “*fazer ou agir*” (Bull, 1951 cit in Cacioppo & Tassinary, 1989). A sua primeira utilização contemporânea remonta à elite artística do século XVIII onde este era utilizado como referência da postura visível na figura de uma estátua ou pintura (Fleming, 1967 cit in Cacioppo & Tassinary, 1989), sendo, mais tarde, complementada com uma perspectiva mentalista introduzida pelos psicólogos Spencer e Bain, culminante num “*estado interno de preparação para a acção*” (Cacioppo & Tassinary, 1989). Numa abordagem generalizável, tida como extensão à noção de orientação corporal supracitada, a atitude pode ser compreendida como uma desconstrução formal bipartida; Se por um lado é estática, por outro pode ser compreendida no seu dinamismo e na sua significância para com uma acção. De acordo com

Herrick (1951, p. IX *cit in* Cacioppo & Tassinari, 1989), “*uma postura estática é o resultado final estabilizado de uma acção e, uma vez obtida a atitude postural, esta, por sua vez, torna-se um factor determinante no estabelecimento do padrão de acção subsequente*”. Trata-se de uma visão que prevê a atitude como um estado interno influenciador da acção prevista pelo ser humano específico e funciona numa generalidade dualista com trâmites fisiológicos. Sherrington (1906) numa distinção precoce dos sistemas de controlo motor e coordenação, propõe, inclusivamente, a atitude numa visão de “*figura de reflexo*”, que tem o seu berço estrutural no sistema tónico, contrariamente à acção, cujos cânones basilares são traçáveis até ao sistema fásico (Cacioppo & Tassinari, 1989), utilizando, para isso, o tónus muscular, reflexivo, enquanto verdadeira matéria-prima subjacente à postura (Walshe, 1924). Deste modo, a presente linha de conceptualização atitudinal, numa perspectiva de postura comportamental, identificável e predisposta, que assume que uma particular atitude é o resultado da activação de um sistema motor específico, avoca uma *relação de invariância* entre o conceito (psicológico) de atitude e um conjunto-alvo de respostas fisiológicas. Fala-se, ergo, da atitude numa óptica fisiológica descritiva. Não obstante, Bull (1951 *cit in* Cacioppo & Tassinari, 1989) modifica, tenuemente, a presente posição, ao considerar uma natureza correlacional na relação estabelecida, antagónica à relação rígida de invariância postulada entre as atitudes motoras (orientação postural) e as atitudes mentais (estados de sentimentos). Por conseguinte, quando uma sequência neuromuscular é apresentada, na qual, a expressão emocional é considerada separada das fases preparatórias da atitude motora e acção consumatória, o sentimento é apresentado enquanto intermediário e dependente de um atraso no estabelecimento da atitude motora preliminar. Bull afirma mesmo que “*Pode existir atitude motora sem atitude mental, mas a atitude mental não é possível sem atitude motora*”. (Bull, 1951, pp. 13, 21-2 *cit in* Cacioppo & Tassinari, 1989). O elo de ligação entre a actividade somática e o pensamento, imagens e sentimentos tem sido citado ocasionalmente no campo psicofisiológico, no entanto, a investigação intrínseca à temática denota-se escassa. Como consequência, a presente conceptualização servirá de plataforma atitudinal introdutória à tese, tendo por base, e em jeito de conclusão, duas premissas ideológicas impactantes na teoria da atitude e duas premissas que têm caído no esquecimento literário, respectivamente. São elas: (1) As predisposições de resposta são um atributo das atitudes; (2) As atitudes têm uma natureza situacionalmente transversal; (3) Algumas atitudes não são reportáveis ou têm efeitos não reportáveis; e (4) As respostas fisiológicas podem conter informação referente aos atributos e consequências das atitudes.

#### 4.1.2. Modelos Afectivos

A segunda conceptualização da presente linha de investigação parte de uma tentativa de desconstrução operacional do constructo atitudinal, numa referência aos trabalhos de Thurstone (1928). Para o autor, uma atitude pode ser delimitada, conceptualmente, como a “*soma total das inclinações e sentimentos, preconceitos e enviesamentos, noções pré-concebidas, ideias, medos e convicções de um indivíduo em relação a qualquer tópico especificado*” (p.531) e distingue-se, nuclearmente do conceito de opinião, no sentido em que, este último, serve de representação simbólica do precedente. A opinião consagra uma mera expressão verbal, exteriorizável do mecanismo interno que é a atitude. Anos mais tarde, Thurstone (1931) definiu atitude como “*o afecto a favor de, ou contra, um objecto psicológico*” (p. 261), acrescentando uma formalização primitiva do termo afecto enquanto “*apetite ou aversão*” (*Idem*) e atribuiu-lhe, adicionalmente, uma característica intrínseca variável: a intensidade. Assim, o favorecimento ou desfavorecimento de um objecto psicológico (i.e. as formas positivas e negativas do afecto, respectivamente), variáveis num contínuo linear com um ponto neutro e direcções antagónicas (i.e. com diferentes intensidades) conferem à temática atitudinal um parâmetro de predisposição. O mesmo será dizer que, para Thurstone, a atitude é tida como uma estrutura conceptual passível de descrever um “*potencial de acção*” (*Idem*), num sentido restricto. Ora, na perspectiva criticista existem alguns entraves a esta resolução delimitadora. O primeiro consagra uma perspectiva inclusivista das experiências emocionais, individuais e já consumadas, à sua componente atitudinal. Thurstone contra-argumenta, postulando que tal parâmetro não é constitucional do termo, mas antes, revela importantes cânones processuais. Mais do que constituir uma atitude, as experiências emocionais prévias auxiliam na explicação e desconstrução das origens da especificidade atitudinal individual. Adicionalmente, no seio das discussões literárias pós-conceptualização, tem surgido, frequentemente, a questão da natureza do objecto psicológico supracitado, uma vez que Thurstone lhe atribui uma amplitude demasiadamente esbatida de significados – pode ser uma ideia, um plano, um *slogan*, um símbolo, ...; Igualmente, parece existir incerteza na utilização da opinião como índice taxativo da atitude (premissa tida como adequada pelo autor) e da mesma forma, incerteza na utilização de uma componente comportamental individual. Existem elementos falíveis em ambos os indicadores, pelo que, embora utilizáveis, deverão ter, reiteradamente associada a si, uma margem de erro inevitável e universal à mensuração. Ainda no mesmo plano modelar afectivo, Cacioppo e Tassinary (1989) sintetizaram uma panóplia de esforços teórico-empíricos complementares aos estudos previamente citados, marcando, como problemática primordial, a

ausência de distinção, típica dos trabalhos precoces da temática (com excepção de Thurstone, 1931, que na contra-argumentação aos criticismos sobre a exclusão da experiência emocional, demarcou, prematuramente, a distinção entre emoção e atitude), entre respostas afectivas e respostas avaliativas. A primeira distinção, efectiva e empírica, remonta à obra de Fishbein (1980) culminante numa distinção entre afecto e avaliação em indivíduos fumadores. No seu estudo, o autor reportou uma inconsistência comportamental: embora os indivíduos fumadores avaliassem negativamente os cigarros (por meio de escalas de diferenciação semântica) – ou seja, embora a sua atitude fosse negativa – possuíam respostas afectivas positivas para com os mesmos (mensuradas por meio de escalas de agradabilidade/desagradabilidade). Não obstante, e não obstante o trabalho de Thurstone e Fishbein, muita da literatura atitudinal tem vindo a definir o afecto como componente dos estados emocionais (reportáveis) representativa das dimensões de valência e intensidade numa resposta emocional, mantendo a confusão entre afecto e avaliação. Mueller (1970 *cit in* Cacioppo & Tassinary, 1989) é um exemplo desta associação ao concluir que a atitude e a emoção são idênticas em algumas particularidades; Ambas com uma base cognitiva, passíveis de serem colocadas ao longo de uma dimensão avaliativa ou afectiva e ambas inclusivas de um potencial de acção direccionado a um objecto de estímulo. Assim, os autores do esforço de revisão mencionado sugerem um aconselhamento junto de literatura psicofisiológica para uma melhor desconstrução da temática. De acordo com os mesmos, os trabalhos mais obsoletos, datados aos anos 30s, introduziram uma premissa essencial na área, ao postularem uma relação de *outcome* entre estímulos emocionais fortes e uma activação [do sistema nervoso] simpática (ver Abel, 1930). Posteriormente, ainda no desenvolvimento desta ideia, uma onda de estudos psicofisiológicos mais contemporâneos (Smith, 1936; Campbell, 1955; Cooper, 1959 *cit in* Cacioppo & Tassinary, 1989) concluiu que atitudes intensas evocavam activação autonómica superior a atitudes mais fracas, sendo que este *outcome*, em conjunto com o fracasso na consideração das limitações lógicas da inferência nas relações psicofisiológicas, e tendo como ponto de partida a assunção da centralidade do afecto na conceptualização atitudinal, levaram à aceitação, prematura, do cenário inverso da relação tida previamente como aceite. Ou seja, numa perspectiva unidireccional edificada empiricamente foi assumida uma bidireccionalidade prematura – num cenário em que as atitudes intensas provocavam activação autonómica superior às atitudes menos intensas foi assumido que as “*respostas autonómicas serviam de indicadores das raízes emocionais ou da intensidade de uma atitude*” (Cacioppo & Tassinary, 1989, p. 325). O modelo atitudinal afectivo conduziu, por conseguinte, a teorias baseadas na relação entre medidas fisiológicas e

intensidade, mas não relacionadas com a natureza positiva ou negativa das reacções emocionais pessoas. Como Cacioppo e Tassinary sintetizam: (1) Os estímulos emocionais podem levar a activação simpática, mas as condições nas quais a relação inversa se desenrola são pouco claras; (2) Activação simpática está associada a vários antecedentes para além da emoção (ex. esforço mental; ver Kahneman, 1973). Desta forma, e em jeito de conclusão, os modelos afectivos denotam alguma confusão na distinção conceptual afecto-avaliação e necessitam de um maior desenvolvimento ao nível das relações fisiológicas postuladas. Como tal, tem-se optado por seguir outra linha de contextualização atitudinal, mais completa e fundamentada, disposta na secção subsequente.

#### **4.1.3. Modelo Tripartido**

A discussão conceptual, no seio da literatura atitudinal, é, frequentemente, direccionada a uma caracterização estrutural e dimensional dos vários modelos delimitadores. Se, por um lado, a atitude é caracterizada, numa tradição unidimensional, enquanto o posicionamento de um indivíduo, face a um objecto atitudinal, ao longo de uma dimensão avaliativa (Fishbein & Ajzen, 1975; Bagozzi & Burnkrant, 1979), no esquema natural da psicologia social tem sido frequente uma diferenciação, qualitativa, de três elementos nucleares do conceito de atitude – *afecto, comportamento, cognição* – típica da conceptualização tridimensional mais reconhecida a nível literário (Rosenberg & Hovland, 1960). A desconstrução histórica dos modelos tripartidos remonta ao período dos filósofos gregos (McGuire, 1968) e, interessantemente, só foi desenvolvida, de forma mais minuciosa, nos finais dos anos 40, com a distinção entre os aspectos de orientação afectiva, cognitiva e política (conotativa) da atitude, concebida por Smith (1947; ver também Krech e Crutchfield, 1948). Posteriormente, o modelo alcançou uma centralidade notável na literatura psicológica com a obra, já referida, de Rosenberg e Hovland (1960). Neste último desenvolvimento, a atitude é definida como uma predisposição de resposta a uma categoria de estímulos com determinadas classes de resposta cunhadas como os elementos nucleares supracitados. Estímulos, esses, observáveis e não-observáveis, melhor perspectivados como variáveis exógenas e independentes (Breckler, 1984) e, em certa medida, as “*classes de resposta são, elas próprias, abstracções ou constructos tipicamente inferidos*” (Rosenberg & Hovland, 1960, p. 3). Curiosamente, as respostas fisiológicas eram uma parte integrante e explícita do modelo apresentado pelos autores, adoptando uma designação de correlato; Similarmente, o seu modelo postulava que as respostas reflectoras de uma activação do [sistema nervoso] simpático deveriam ser tidas, à presente luz, como informativas de uma componente afectiva (e somente desta componente) das atitudes (Cacioppo & Tassinary, 1989).

Nas palavras dos mesmos: “*a resposta afectiva de um indivíduo, em relação a outro ser humano, pode ser inferida através das medidas de tais variáveis fisiológicas, como a pressão sanguínea ou a resposta galvânica, mas é mais tipicamente inferida a partir de relatos verbais (...)*” (Rosenberg & Hovland, p. 3). O facto da presente dissertação atribuir aos relatos verbais o mesmo estatuto nomológico de outras alterações no sistema simpático, mais dificilmente mensuráveis, justifica a sua utilização, enquanto preferência operacional, em oposição a medidas de resposta corporal (Cacioppo & Tassinary, 1989). Isto é visível em estudos, baseados na concepção tripartida, que utilizam, preferencialmente, relatos verbais em oposição a mensurações fisiológicas (e.g., Ostrom, 1969; Kothandapani, 1971). Note-se, em particular, o estudo de Breckler (1984), onde o autor, numa tentativa de validação do modelo tridimensional, incitou os seus pares académicos a utilizarem uma panóplia de domínios de mensuração – entre eles, domínios de respostas verbais, não-verbais e fisiológicas, criando, para isso, cinco categorias de condições, fiéis aos princípios de validação de Cronbach e Meehl (1955). Nesse leque, são visíveis as seguintes formalidades: (1) Devem existir medidas verbais e medidas não-verbais do afecto para que seja possível uma inferência de validade do modelo; (2) As variáveis dependentes de afecto, comportamento e cognição devem adoptar a forma de respostas a um objecto atitudinal; (3) Devem existir múltiplas e independentes medidas de afecto, comportamento e cognição; (4) Deve ser utilizada uma abordagem confirmatória e não uma abordagem exploratória à validação; (5) Todas as medidas dependentes devem ser escaladas num contínuo avaliativo e, por isso, todas as medidas dependentes devem reflectir uma disposição avaliativa (resposta) direccionada ao objecto atitudinal. Analogamente, Breckler dividiu o seu estudo em dois parâmetros experimentais. No primeiro, utilizou um indicador de ritmo cardíaco no sentido de avaliar alterações simpáticas enquanto índice taxativo da componente afectiva da atitude, tendo, neste enquadramento, fracassado na obtenção de confirmação das suas expectativas teóricas baseadas no modelo de Rosenberg e Hovland (1960). Quando as condições impostas são cumpridas, o afecto, o comportamento e a cognição emergem como três componentes distintos da atitude, no entanto, não foi possível desenhar uma relação entre o ritmo cardíaco e a componente afectiva atitudinal. No que diz respeito à segunda contextualização empírica, Breckler utilizou medidas de auto-relato verbal, eliminando, assim, a componente fisiológica e, com isto, obteve um padrão de evidência mais favorável ao modelo tripartido. Foi obtida validade convergente (ao longo de) e validade discriminante (no seio) de medidas auto-reportadas referentes a respostas cognitivas, comportamentais e afectivas em relação ao objecto atitudinal. Por conseguinte, o modelo



tripartido, na teorização de Rosenberg e Hovland (1960), foi validado, não obstante a falta de explicação inerente ao fracasso fisiológico demonstrado. Há, no entanto, que referir algumas premissas básicas e essenciais na tese tripartidária de Rosenberg e Hovland (1960), revistas por Cacioppo e Tassinary (1989), para uma melhor compreensão conceptual.

De notar, primeiramente, é a definição de cada um dos elementos nucleares, atitudinais, discorridos na secção antecedente. Na presente abordagem, o afecto refere-se a uma resposta emocional, reacção instintiva ou actividade nervosa simpática, podendo ser mensurado por meio da monitorização das respostas fisiológicas individuais (ritmo cardíaco, resposta galvânica da pele) ou através da recolha de relatos verbais de sentimentos e disposições. Por outro lado, o comportamento inclui acções abertas, intenções comportamentais e relatos verbais relacionados com o comportamento e a cognição, crenças, estruturas de conhecimento, respostas perceptuais e pensamentos (Breckler, 1984). As anteriores estruturas nucleares variam num contínuo avaliativo comum, podendo situar-se nos polos de prazer (emocionalidade positiva) – desprazer (emocionalidade negativa), suporte/favorável (protecção) - hostil/desfavorável (destruição) e favorável (argumentos de suporte) – desfavorável (argumentos derogatórios), respectivamente. Segundamente, o modelo postula, apenas, que as respostas nervosas simpáticas servem de indicadores de afecto, não obstante esta assunção teórica poder ser estendida numa proposição do sistema nervoso central enquanto gestor cognitivo, comportamental e emocional (com marcadores fisiológicos). Em terceiro lugar, o modelo trata as medidas verbais como sendo informacionalmente superiores às medidas fisiológicas. Isto pode ser explicado a partir da arquitectura anatómica aferente visceral. Ao fazer-se esta exposição, é perceptível uma minimização da demanda de recursos cognitivos limitados, por parte do organismo, e esta providencia a base para as disparidades acentuadas entre as respostas autonómicas efectivas e os relatos verbais, uma vez que os ajustamentos fisiológicos periféricos estão desenhados com o intuito de manter as condições de homeostasia no organismo e proporcionarem, assim, o meio interno ideal para a manutenção do pensamento, sentimento e comportamento coordenado. O fracionamento das respostas verbais e fisiológicas pode, então, ser perspectivado como uma consequência laboral, eloquente e bem organizada, levada a cabo pelo corpo humano; uma organização que proporciona aos indivíduos uma capacidade de adaptação, aspiração e alcance de metas superiores às restantes espécies. Mais importante, ainda, é o facto de esta organização implicar que as respostas fisiológicas possam ser utilizadas como *outcomes* sempre que se edifiquem cenários verbais mudos/impossíveis (Cacioppo, Tassinary, Stonebraker, & Petty, 1987; Cacioppo, Petty, Losch, in press *cit in*

Cacioppo & Tassinary, 1989). Por último, é importante referir que as respostas fisiológicas não são limitadas ao aspecto da experiência afectiva atitudinal dos indivíduos mas podem, antes, ser, igualmente, informativas de aspectos comportamentais e cognitivos.

Em jeito de conclusão, a revisão supracitada delimita uma identificação dos determinantes cognitivos, comportamentais e afectivos da resposta visceral; Contudo, é perigoso assumir que os substractos afectivos foram totalmente desconstruídos somente pelo facto da pesquisa precedente ter estabelecido uma relação psicofisiológica de *outcome* entre a activação emocional e a actividade autonómica e pelo facto de um estímulo atitudinal ter evocado uma reacção autonómica. É, complementarmente, importante reconhecer, contudo, que as respostas autonómicas (aquilo a que Rosenberg e Hovland (1960) chamaram respostas simpáticas) podem ser usadas, dentro dos limites de validade estabelecidos, para investigar aspectos cognitivos, comportamentais e afectivos da transacção indivíduo-ambiente. Adicionalmente, o modelo tripartido pode ser perspectivado como uma edificação superior às anteriores dissertações unidimensionais, uma vez que: (1) o constructo hipotético de atitude pode ser mensurado apenas pelos seus efeitos presumidos nas respostas outcome e a tricotomia cognição, emoção e comportamento representa as respostas outcome mais completamente do que qualquer concepção unidimensional; e (2) Existem tantos factores complexos envolvidos numa atitude de uma pessoa, para com um problema social, que qualquer score singular não pode descrever, verdadeiramente, o constructo (Rosenberg & Hovland, 1960).

#### **4.1.4. Modelo Homeostático**

O presente modelo (Cacioppo, Petty, Geen, 1989) serve de extensão a alguns princípios discorridos anteriormente, funcionando como condensador da forma tripartida através da sua abordagem de transferência interdisciplinar, baseada nos modelos biológicos homeostáticos já existentes. Nesta visão, o conceito de homeostasia representa uma dinâmica processual, proporcionadora da manutenção condicional interna dos organismos perante estimulações ambientais específicas, operante por meio de mecanismos de feedback negativo; Processualismos, esses, accionados ou acentuados de forma automatizada – veja-se a referência à capacidade auto-regulatória dos seres humanos - sempre que a discrepância ente o estado presente e o ponto de ajuste do organismo, aumenta. Ora, o sistema atitudinal individual pode ser conceptualizado de forma análoga. Partindo da premissa de que os indivíduos não têm tempo, energia ou capacidade de acesso revisório a todos os conteúdos estruturais relevantes, suscitados por confrontos com estimulações específicas, as atitudes, direccionadas a objectos psicológicos-alvo, proporcionam uma heurística rápida, cognitivamente não dispendiosa, de

captação de significado, comunicação e previsibilidade de directrizes comportamentais passíveis de lidar com um mundo complexo e, por vezes, hostil. Em caso de extensão da ideia supracitada, podem, adicionalmente, ser perspectivados sistemas de resposta somáticos e sistemas de suporte de acção, cefálicos e viscerais, como principais envolvidos no processo, afastando, assim, a possibilidade do ónus atitudinal se reportar, exclusivamente, a uma vertente perceptiva consciente. As atitudes operam, em parte, fora do campo da conscienciosidade, no entanto, as atitudes não-reportáveis podem ser, não obstante, mensuráveis e o modelo homeostático mantém o seu carácter testável. Adicionalmente, o modelo homeostático consagra uma inversão importante, face aos modelos tripartidos tradicionais, no que diz respeito à relação conceptual entre os elementos nucleares afectivos, cognitivos e comportamentais e o constructo de atitude. Enquanto os teóricos tricotómicos tradicionais tendem a implicar os três componentes – afecto, cognição e comportamento – na desconstrução anatómica básica de uma atitude, ou a perspectivar três classes de respostas a estímulos específicos, a visão contemporânea, homeostática, tem a atitude como uma entidade distinguível das classes de afecto, comportamento e cognição; Assim, uma atitude não consiste nestes elementos, mas é antes, uma avaliação geral sumária da informação derivada destas bases (Cacioppo et al., 1989; Crites, Fabrigar, & Petty, 1994; Zanna & Rempel, 1988 *cit in* Fabrigar, Macdonald & Wegener, 2005). Na presente abordagem, as atitudes funcionam enquanto estatística sumária das crenças individuais e experiências acerca dos objectos atitudinais e podem ser influenciadas, subsequentemente, por mudanças nessas mesmas crenças e experiências (Cacioppo, Petty & Geen, 1989). Não obstante, de forma similar aos desenvolvimentos sofridos pelos mecanismos homeostáticos, a necessidade de avaliações mais verídicas, generalizáveis e preditivas de eventos ambientais, por meio de forças de selecção natural, pode ser interpretada com favorecedora da edificação de representações simbólicas, manipulações e organizações do mundo externo. Isto significa que, analogamente a uma imagem de pressão evolucionária, criadora dos mecanismos fisiológicos homeostáticos, as forças adversas da natureza, agrupadas com as intensas interacções e manipulações sociais que caracterizam a espécie humana, exigem rapidez, sensibilidade e precisão, sem precedentes, no desenvolvimento de inclinações responsivas de aproximação/confiança e afastamento/ameaça, ou seja, de atitudes, e estas pressões podem ter favorecido a emergência evolutiva de uma inteligência e consciência reflexivas, humanas, dotadas de um carácter de optimização dos meios adaptativos de sobrevivência da espécie. Existe uma ideia de continuidade do código genético, de subsistência, na escada filogenética, contudo, as respostas avaliativas individuais são, igualmente, orientadas

por mecanismos crescentemente maleáveis que variam entre reflexos determinísticos, padrões de acção fixos, respostas emocionais apreendidas (condicionadas), processos associativos enviesados hedonisticamente (pensamos desejosos) e avaliações relativamente objectivas. Sinteticamente, o valor adaptativo da sensibilidade e veracidade, avaliativas, dentro de um sistema de atitudes, generalizadamente auto-regulatório, pode ser conceptualizado como uma propriedade emergente ou como uma força orientadora dos processos representacionais e estruturais, opostamente a um mero constructo hipotético emergente que serve de estatística sumária conveniente de crenças e conhecimentos acerca de um estímulo-alvo. Tal como a homeostasia biológica, as atitudes também têm, associados a si, mecanismos de feedback negativo, passíveis de manter o constructo, através de acções iniciadas ou acentuadas pelo aumento da discrepância entre o ponto de ajuste – atitude inicial – e as posições geradas externamente – posições recomendadas. Adicionalmente, estes processos não requerem consciência para a sua operação. Assim, embora possamos recuperar deliberadamente atitudes individuais e pensar acerca de informação sobre problemas relevantes, as atitudes também podem ser accionadas automaticamente pela presença de um estímulo-exemplar. Não existe uma necessidade dos indivíduos reverem os vários elementos constitutivos da categoria de estímulos pelos quais são apresentados nem, tão pouco, existe a necessidade de estes confrontarem as suas implicações para que uma resposta avaliativa tenha lugar (Zajonc, 1980). Consequentemente, um sistema atitudinal individual pode servir de guia para reagir a novos, assim como a velhos, exemplares de categorias de estímulos (i.e. desafios ambientais) enquanto são minimizadas as demandas dos recursos cognitivos limitados. Nesta visão, o sistema individual de atitudes de um ser humano contribui para a sua existência livre e independente, tal como aferia Claude Bernard (1878) quando concluiu que a consistência do meio interno é a condição de uma existência livre e independente (p. 879).

#### **4.2. Atitudes Políticas: Dimensão Autoritária-Libertária**

É actualmente reconhecido que as atitudes têm um carácter bidimensional ou, até, multidimensional, no paradigma político reinante (Heath, 1991), subdividido num polo convencional esquerda/direita, preocupado com problemáticas económicas de igualdade, nacionalização e *wellfare*, e num outro paradigma dimensional, libertário-autoritário, altamente focado em temáticas sociais como, por exemplo, a lei e a ordem. Tópicos como a privatização e o mercado livre podem ser desenhados, no período pós-guerra britânico, enquanto pertencentes à dimensão esquerda/direita; o mesmo se pode dizer do desemprego, inflação, desigualdade económica, trocas comerciais e orçamentos governamentais. Parâmetros de

análise conjunta que representam uma das maiores bases sociais da dimensão supracitada - culminante na classe social - e que, por isso, colocam nas atitudes de esquerda/direita uma acentuação reflexiva, adjacente, de interesses de classes. Temas como a pena de morte, por outro lado, pertencem a uma moldura qualitativamente distinta; as atitudes simbioticamente ligadas a esta temática têm mais em comum com inclinações atitudinais relacionadas com vertentes de raça e imigração do que com questões de nacionalização, sendo a sua base, eminentemente, educacional. Isto é comprovado por uma análise factorial realizada por Heath (1991). Inglehart e Flanagan (1987) situam, inclusive, os aspectos da dimensão libertária-autoritária em trâmites que têm que ver com liberdades pessoais e políticas, participação, igualdade, tolerância das minorias, abertura a novas ideias e estilos de vida, protecção ambiental, auto-indulgência e auto-actualização. Nesta visão, indivíduos que se identificam com uma visão mais liberal acreditam no direito de tomar as suas próprias decisões morais, enfatizam a importância da auto-actualização e da liberdade de expressão, aceitando os méritos do pluralismo cultural. Em contraste, aqueles que têm uma visão mais autoritária acreditam que a sociedade deve manter alguns limites morais e culturais estandardizados, comuns e, assim, estão preparados para sofrer algumas limitações às suas liberdades individuais, pela manutenção de um bem maior (Curtice & Bryson, 2001). Em termos empíricos, e concordantemente com a dimensão educacional latente à componente libertária-autoritária, os indivíduos que apresentam maior nível de escolaridade parecem comportar disposições amplamente mais liberais face a indivíduos que possuam menores indícios desta variável ou que sejam caracterizados por crenças religiosas altamente vincadas. Análises exploratórias plasmadas em literatura passada são, ainda, contendentes com a ideia de que as dimensões supracitadas têm edificado, durante anos, secções específicas dos questionários de atitudes sociais britânicos e norte-irlandeses (i.e. Jowell et al., 1988, 1990, 1991, 1992; Heath et al., 1991 *cit in* Curtice & Bryson, 2001). Em caso de consagrarem as propriedades psicométricas exigíveis podem, por isso, representar uma fonte conceptual de análises transversais e longitudinais de crenças políticas e da sua relação com o comportamento eleitoral/estruturas sociais (Evans, Heath & Lalljee, 1996).

### **4.3. *Attitude Change* e Afectividade no Julgamento Social**

#### **4.3.1. Modelo Heurístico-Sistemático**

Em qualquer contexto de julgamento, e numa perspectiva de *attitude change* essencial à presente dissertação, o modelo heurístico-sistemático traça dois módulos, basilares, de processamento, através dos quais os indivíduos podem determinar as suas atitudes ou modelar

os seus julgamentos sociais (Chen & Chaiken, 1999). O processamento sistemático pressupõe um tratamento analítico e compreensivo da informação relevante a um julgamento, o que, por sua vez, o torna responsivo ao conteúdo informativo concreto. Dada a sua natureza, o processamento sistemático requer aptidão e capacidade cognitiva, o que o torna menos probabilístico em indivíduos que possuam poucos conhecimentos do domínio informacional concreto ou que estejam a processar a informação com base em condicionalismos ambientais (e.g., com limitações temporais). O restante modo básico de processamento, o heurístico, pressupõe a activação e a aplicação de regras de julgamento – *a.k.a.* heurísticas – que, como outras estruturas de conhecimento, são presumivelmente aprendidas e armazenadas pelo constructo da memória. Os julgamentos produzidos com base no presente processamento reflectem pistas de fácil análise – e.g., o tamanho, *set* estilístico da mensagem - e não informação individualizável e traçável ao conteúdo informacional concreto apresentado. Em comparação com o enquadramento sistemático, a moldura heurística requer o mínimo de dispêndio cognitivo ao receptor da mensagem sendo, contudo, constrangida por princípios sócio-cognitivos de activação e uso de conhecimento – nomeadamente, princípios de disponibilidade, acessibilidade e aplicabilidade. Assim, de modo mais específico, as heurísticas relevantes ao julgamento individual devem ser armazenadas pela componente cognitiva de memória de um sujeito (i.e. devem estar disponíveis) e, dado um determinado contexto de julgamento, devem ser recuperadas e estar prontas a serem utilizadas (i.e. devem ser acessíveis). Adicionalmente, a heurística deve ser aplicável, i.e., deve ser relevante ao julgamento concreto. Como nota final, e como justificação da utilização do processamento heurístico face ao processamento, claramente idealizável, de sistematicidade, os autores apresentam um princípio passível de nortear toda a supracitada edificação teórica – o princípio da suficiência. De acordo com a presente articulação, o modelo heurístico-sistemático parte da noção de que os indivíduos são limitados em recursos cognitivos e que, por isso, se tornam processadores informacionais económicos, com abordagens de rentabilização de recursos; uma perspectiva do menor esforço possível que informa o leitor dos trâmites de aplicação de um processamento heurístico, frequentemente preferencial, face a um processamento sistemático, altamente mais dispendioso. Contudo, o processamento informacional não depende, só, de vectores energéticos, mas, de igual modo, de questões motivacionais. Ao reconhecer isto, o modelo H-S incorpora o cálculo económico individual numa prossecução do menor dispêndio energético possível, balanceado, com a perseguição individual de metas motivacionais.

#### 4.3.2. Hipótese do Afecto como Informação

A noção de *interplay* entre afecto e cognição, baseada na função informativa dos estados afectivos inerentes a particulares contextos/eventos é traçável até aos trabalhos de Schwarz e Clore (Schwarz, 1990; 2011; Schwarz & Clore, 1983; 1996; 2001) em directo antagonismo a uma perspectiva de mediação de *recall*, derivada dos processos de memória; Perspectiva, essa, tradicional, defende o impacto afectivo na recuperação de material cognitivo com determinada valência positiva ou negativa, por meio de processos de memória. Dada a sua carga, o material positivo é mais acessível à recuperação quando os indivíduos estejam, também eles, num estado afectivo positivo; Pelo contrário, o material negativo é mais acessível à recuperação quando os indivíduos estejam, também eles, num estado afectivo negativo. Consequentemente, o julgamento individual é teorizável enquanto altamente influenciável por estes processos de recuperação, selectivos, tendo em conta a limitação de recuperação absoluta intrínseca à espécie humana e estão amplamente dependentes de questões de acessibilidade, disponibilidade e facilidade de recuperação e da influência de associações mentais provocadas por determinada afectividade. Para além de se constituir como uma hipótese frágil e de difícil alcance empírico, trata-se de um fenómeno de auto-referenciação a material pessoal, inerente a cada indivíduo, pelo que qualquer *recall* direccionado pelo estado afectivo em que este se encontra é impossível ou difícil de demonstrar em condições que não sejam anti-éticas; fazer os sujeitos recuperar elementos negativos pessoais por coloca-los em estados afectivos da mesma valência pode ter implicações graves. Adicionalmente, a presente hipótese pode estar limitada a material-não estruturado ou material incongruente, tal que os elementos negativos e positivos estejam interligados aquando da recuperação por memória e seja, consequentemente, difícil encontrar material na forma narrativa, passível representar uma influência isolada no julgamento. A hipótese de Schwarz (1990) pretende dar resposta a estas dificuldades.

Cunhada como hipótese funcional-informativa, a principal premissa dos autores foca-se na função informativa dos estados afectivos em processos de inferência, controlados, negligenciando, assim, processualismos automáticos da memória. No seu núcleo, sugere que os indivíduos utilizam os seus estados afectivos de reacção como peças informativas importantes para a realização de julgamentos avaliativos. Tal articulação é factual dado que existem julgamentos que à partida se referem a estados afectivos, com articulações do género “*How likable Is x?*”, no entanto, é extensível, de igual forma, a julgamentos que são demasiado complexos e exigentes e que, por isso, requerem uma simplificação individual. Essa simplificação ocorre por meio de um processamento heurístico com base na premissa “*Como*

*me sinto em relação a isto?”* (Schwarz & Clore, 1996). Ao fazê-lo, os sujeitos tornam-se vulneráveis a um processo de confusão de sentimentos, devido a um estado afectivo pré-existente, resultante de uma reacção ao estímulo-alvo e isto pode, variavelmente, influenciar o seu julgamento; pode provocar um acréscimo de avaliações positivas feitas sob estados afectivos da mesma valência e um acréscimo de avaliações negativas sob estados afectivos da mesma polaridade. Veja-se, então, o distanciamento desta hipótese face a uma abordagem de processos de memória. De acordo com Schwarz e Clore, (1) O impacto dos estados afectivos no julgamento é função do seu valor informacional percebido; (2) O impacto dos estados afectivos nos julgamentos avaliativos deve ser independente do evento que induziu o estado afectivo originalmente, a não ser que este evento descredite o valor informacional do afecto de um sujeito aquando do julgamento em questão; (3) O efeito do estado afectivo deve ocorrer no período do julgamento, independentemente do estado de espírito que o sujeito reporte em períodos anteriores. Assim, a utilização do processamento heurístico denunciado anteriormente será legível sob determinados parâmetros: (a) Quando o julgamento em causa é afectivo na sua natureza; o mesmo será dizer que julgamentos que se reportam a preferências ou a gostos estão fortemente ligados aos sentimentos de um indivíduo, que às vezes são a única fonte de informação disponível para formar este tipo de julgamentos em particular. Estes julgamentos são ainda influenciados por pistas ambientais subtis ligadas a valências positivas ou negativas, passíveis de colocar os sujeitos em estados afectivos específicos (Zajonc, 1980). (b) Quando existe pouca informação disponível sobre o julgamento, sendo que o impacto do estado afectivo dos sujeitos diminui à medida que a disponibilidade de informação concorrente aumenta. (c) Quando o julgamento é abertamente complexo e difícil de realizar com base num modo de processamento cognitivo fragmentado; (d) Quando existem limitações temporais ou tarefas em competição que limitem a capacidade cognitiva utilizada na formação do julgamento. As primeiras duas variáveis representam a disponibilidade de informação concorrente e as duas últimas representam a carga de processamento. Ora, a presente hipótese teórica deve ser perspectivada em contraposição, mas também em complementação com o modelo de processamento cognitivo heurístico-sistemático postulado previamente e ambos devem ter em conta os condicionalismos individuais, políticos, decorrentes do cunhado “*negative bias*” postulado literariamente na secção seguinte.

#### **4.3.3. “*Negativity Bias*”, Modelo de Arousal e Sensibilidade Fisiológica**

A abordagem adoptada no presente corpo teórico-empírico tem que ver, sobretudo, com a argumentável influência mediática contemporânea (i.e. influência afectiva) sobre uma



componente atitudinal que pode ser traduzível em directivas que, analiticamente, se posicionam em parâmetros mais liberais ou parâmetros mais conservadores do ser humano – numa perspectiva libertária-autoritária. Não se pretende, com o presente trabalho, uma categorização esquerda/direita, taxativa, tangente à área política; não existem as condições temporais nem espaciais para o fazer.

Na procura de bases psicológicas subjacentes à fenomenologia do conservadorismo, perspectivado enquanto cognição socialmente motivada, as racionalizações de justificação de crenças ideológicas intra e inter-indivíduo, ganham especial relevo (Kruglanski, 1989; 1999). Isto acontece, uma vez que, associada a este construto político, está uma panóplia de variáveis de medo, agressão, dogmatismo, intolerância à ambiguidade e evitamento de incerteza (Jost, Glaser, Kruglanski & Sulloway, 2003) tidas, na sua contribuição plena, enquanto questões motivacionais. Mais especificamente, o parâmetro de evitamento de incerteza parece estar ligado a duas, outras, variáveis nucleares conservadoras; variáveis de resistência à mudança e apoio da desigualdade. Tal vai de encontro a uma perspetivação atitudinal mais fechada por parte destes indivíduos, tendente para uma adesão a conteúdos mais familiares e evitamento de cenários desconhecidos, justificadora de influências ao nível do julgamento individual de cada um, coincidentes com uma hipótese heurística-sistemática de processamento informativo. As características próprias de sujeitos mais conservadores parecem torná-los aptos a um metabolismo condicional da informação que lhes é apresentada, na procura de familiaridade e segurança. Contudo, os descritos sujeitos agrupam outras características que os tornam mais propícios aos supracitados cenários atitudinais. Naquilo a que Tritt (2014) chama “*Negativity Bias* existente entre conservadores”, estes sujeitos são perspectivados como sendo processadores condicionais de eventos, admitindo “*eventos negativos (...) mais salientes, potentes e dominantes (...) geralmente mais eficazes do que eventos positivos*” (Rozin & Royzman, 2001, p. 297 cit in Hibbing, Smith & Alford, 2014) nos seus módulos processuais. Segundo Tritt, quando comparados com indivíduos mais liberais, os sujeitos aderentes a uma ideologia conservadorista exibem um enviesamento de processamento informativo, computorizando eventos informacionais, motivacionais, aversivos, de forma mais intensa do que os seus pares antagónicos; adicionalmente, parece existir evidência, em literatura passada, coincidente com a ideia de que estímulos de base negativa provocam um maior número de *shifts* políticos nas unidades conservadoras do que nas unidades liberais (*Idem*) e tal é confirmado, inclusivamente, por uma panóplia de outros autores (Oxley et al., 2008; Dodd et al., 2012; Smith et al., 2011; Hibbing, Smith & Alford, 2014). Por outro lado, há quem defenda que não

se trata de uma sensibilidade à componente hedónica dos estímulos, mas sim, de uma componente de activação afectiva individual, concreta. Nas linhas desta perspectiva, níveis elevados de activação interferem com a flexibilidade e reflexibilidade do funcionamento cognitivo, o que pode provocar uma adesão a modelos economicistas das cognições, com dispêndios minimizáveis (Strack & Deutsch, 2004). De acordo com Tritt, a activação emocional, independentemente da sua valência, promove rigidez cognitiva, utilização de heurísticas, adesão a tendências dominantes de resposta e cognições de baixo custo; uma panóplia de repercussões que têm sido associadas ao pensamento conservador (ver Tritt, Inzlicht & Peterson, 2013). Tal é coincidente com as linhas de pensamento dos modelos H-S e do afecto como informação previamente descritos. Numa perspectiva, um pouco híbrida, o estudo de Oxley, Smith, Alford, Hibbing & Miller (2008), incidente num grupo de 46 participantes com crenças políticas fortes, promove, por outro lado, evidência de que os indivíduos com menores sensibilidades físicas a barulhos repentinos e imagens ameaçadoras demonstram maior suporte de políticas de apoio a estrangeiros, políticas de imigração liberais, pacifismo e controlo de armas; indivíduos com maiores reacções fisiológicas, por outro lado, demonstram maior suporte pela pena de morte, por noções de patriotismo e pela guerra do Iraque. Isto significa que o grau de responsividade fisiológica dos indivíduos a estímulos, afectivamente activadores, parece indicar o nível com que os mesmos suportam políticas protecionistas da estrutura social face a ameaças externas (*outgroups*) e ameaças internas (violações de normas domésticas). Ainda na mesma linha de pensamento, Renshon, Lee e Tingley (2015) postularam uma relação mediativa da reactividade fisiológica (mensurada por meio de EDA) entre um estado emocional específico de ansiedade e uma panóplia de atitudes anti-imigração. De acordo com os autores, emoções incidentes ao processo de tomada de decisão/julgamento podem ter efeitos importantes nas crenças políticas individuais de cada um. No seu estudo, a indução visual por meio de um estímulo provocador de ansiedade (e.g., vídeo) exponencia o anterior estado afectivo individual, contribuindo, similarmente, para uma subida do nível de activação simpática, o que instiga uma recuperação de elementos negativos, por meio de memória, relativos à imigração ou uma interpretação subconsciente do aumento imigratório enquanto ameaça; Isto resulta em atitudes anti-imigração. Tais achados são coincidentes com as hipóteses anteriormente postuladas de influência dos estados afectivos na tomada de decisão e do processamento heurístico em tais cenários.

#### 4.4. Operacionalização das Atitudes

A mensuração das atitudes é feita num paradigma inferencial por meio de indicadores psicofisiológicos, verbais e observacionais – observação comportamental directa (Arul & Misra, 1977) - com as medidas auto-reportadas a garantirem supremacia literária sobre as restantes. A questão fundamental nesta argumentação operacional passa pelo estabelecimento relacional de convergência metodológica, validade discriminante e fiabilidade, numa prossecução de uma demarcação concreta do constructo de atitude (Krosnick, Judd & Wittenbrink, 2005). Assumir que toda a variação não-aleatória numa medida atitudinal é devida ao constructo de mensuração, i.e., ao seu verdadeiro *score*, é ultrapassada, já que todas as medidas têm, em si, múltiplas fontes de variância sistemática não-aleatória. Por isso, uma teorização adequada da psicometria das medidas atitudinais deverá ter em conta três classes de fenómenos: (1) o constructo de interesse teórico; (2) outros constructos sem interesse teórico; e (3) erros aleatórios de mensuração. Só assim poderá garantido o potencial de validade de constructo, operacionalmente ideal, na perspectivação de que todos os três elementos supracitados contribuem para a variação num item. As restantes componentes a ter em conta têm que ver com a validade convergente da mensuração – i.e., a medida em que a variância num item é atribuível, unicamente, ao constructo de interesse teórico – e com a validade discriminante – i.e. a medida em que outros constructos, sem interesse teórico, contribuem com variância de erro sistemática para a variância total de um item. Desta forma: (1) quanto maior a variação for atribuível ao constructo de interesse, maior a validade convergente; (2) quanto menor a variação for atribuível a constructos sem interesse, maior a validade discriminante; e (3) quanto menor variação for atribuível a erro aleatório, maior a fiabilidade de mensuração. Tendo em conta que as mensuração auto-reportada tem sido a mais plasmadas em termos literários, conforme já esclarecido, a presente secção forçar-se-á nos seus contornos. Primeiramente, de acordo com a literatura passada (ver revisão de Krosnick, Judd & Wittenbrink, 2005), uma medida atitudinal auto-reportada deve ser constituída, preferencialmente, por itens de resposta fechada, numa perspectiva de auto-codificação pelo participante, menos dispendiosa e temporalmente mais vantajosa; apesar de itens de resposta aberta serem tidos com maiores fiabilidades e validades, em termos literários, demonstram dificuldades de complexidade analítica e resposta altamente subjectivada. Por uma questão de estandardização, adoptam-se, preferencialmente, os paradigmas fechados. Da mesma forma, o número de pontos na escala avaliativa adquire especial relevância na presente temática, uma vez que estes devem ser representativos da totalidade do contínuo de mensuração, não

negligenciando quaisquer regiões; devem ser ordinais, com os significados de pontos subjacentes a sobrepor-se minimamente ou, até, sem sobreposição; e devem ser claros e estáveis, facilmente compreensíveis pelos participantes, e semelhantemente interpretáveis pela totalidade dos sujeitos envolvidos. Nesta linha, a clássica escala de Likert (1932) de 5 pontos opõe-se às escalas de Osgood, Suci e Tannenbaum (1957) de 7 pontos e à escala de Thurstone (1928) de 11 pontos, sem nenhuma estar plasmada, reiteradamente, como optimal face às restantes. De acordo com evidência passada, os participantes devem fazer uso da totalidade da escala, pelo que escalas demasiado curtas podem negligenciar regiões importantes da fenomenologia de interesse e escalas demasiado longas podem comportar efeitos de reactividade à escala, fazendo com que os participantes ignorem alguns pontos. Empiricamente, a fiabilidade transversal e de *test-retest* aumenta de escalas com 2 pontos para 3 pontos e de 3 pontos para 5, mantendo-se idêntica em escalas de 7, 9 e 14 pontos (Lissitz & Green, 1975; Jenkins & Taber, 1977). Da mesma forma, vários estudos sugerem que as escalas mais longas são menos vulneráveis a efeitos de ordem e que escalas de tamanho moderado são menos susceptíveis a efeitos de contexto. Em termos de etiquetagem, os pontos devem ter rótulos que possam maximizar as componentes de fiabilidade e validade através da divisão do contínuo em unidades aproximadamente iguais (concordo – discordo). Tais requisitos serão perspectivados nas medidas de eleição da presente dissertação, contidas na secção metodológica do presente estudo e referentes a componentes atitudinais libertárias-aurotiráticas e imigratórias.

## **Capítulo II: Componente Empírica**

### **5. Estudo Piloto**

#### **5.1. Objectivos e Hipóteses**

O presente estudo piloto, enquanto fase exploratória, orientadora primordial do principal projecto tem, como objectivo primeiro, a constituição de uma base de estímulos de natureza mediática e conteúdo criminal, provenientes de dois formatos televisivos nacionais, conhecidos pela maioria do público português – SIC e CMTV – passíveis de induzir estados psicofisiológicos, específicos, nos receptores. Mais concretamente, a actual etapa visa uma validação do material de exposição enquanto material activador fisiológico. Adicionalmente, é ainda objectivo principal da presente etapa dissertativa, a compreensão de possíveis diferenças

de activação afectiva (ou ausência delas) entre notícias de conteúdo criminal provenientes de canais televisivos estilisticamente distintos e específicos. Isto significa, que o objectivo último subjacente às articulações frásicas previamente descritas culmina na procura de níveis de activação afectiva, diferenciais, entre segmentos noticiosos criminais provenientes da SIC e segmentos noticiosos criminais provenientes da CMTV. Com isto pretende-se testar uma hipótese central ao restante corpo de trabalho:

H1: “*Segmentos noticiosos criminais CMTV provocam uma maior activação afectiva do que segmentos noticiosos criminais SIC*”

## **5.2. Caracterização do Estudo**

As definições clássicas inerentes à componente experimental dos desenhos de investigação focam-se, sobretudo, em duas variáveis: A variável independente (a causa ou intervenção) e a variável dependente (o *outcome*), com o objectivo primário de remover todas e quaisquer influências ruidosas, moderadoras, mediadoras ou até parasitas que possam camuflar o efeito principal interventivo (Vaus, 2001). Isto significa que, tradicionalmente, a tipologia do desenho experimental envolveria uma (1) medida pré-intervenção (pré-teste) da variável dependente, (2) dois grupos: um grupo experimental, exposto à intervenção laboratorial e um grupo de controlo, sem exposição, (3) a randomização ou aleatorização da alocação dos grupos anterior ao pré-teste, (4) uma intervenção (teste/tratamento) e (5) uma medida de pós-intervenção (pós-teste) da variável dependente (*Idem*). Uma grande parte das definições metodológicas, clássicas, nas ciências sociais, suporta este modelo (e.g., Campbell & Stanley, 1963; Dienes, 2008; Piquero & Weisburd, 2010; Weisburd, 2017). Contudo, existem perspectivas, mais contemporâneas, que começam a admitir alguma sobreposição conceptual, delimitativa do que é, essencialmente, a componente experimental de um estudo. O presente estudo piloto caracteriza-se por uma abordagem de *within-subject design*, ou seja, por um enquadramento de plano factorial intra-sujeitos, no qual, um único grupo de indivíduos foi exposto à totalidade das condições caracterizadoras de uma variável independente - manipulada artificialmente em laboratório - com posterior mensuração dos seus efeitos ao nível de uma variável dependente. Caso seja traçado um enquadramento delimitativo na perspectiva das tipologias experimentais clássicas, é difícil caracterizar este desenho na sua qualidade de experimentalidade. Não obstante, se for admitida uma definição menos limitativa e estática do que contribui para o carácter experimental de um estudo, são visíveis algumas pontes conceptuais, passíveis de informar a presente articulação empírica. A ausência de grupo de

controlo e randomização atributiva grupal pode, nestes termos, ser adaptada à actual moldura, caso os indivíduos participantes sejam perspectivados como verdadeiros controlos de si próprios, numa analogia ao que seria um grupo de controlo exterior; se estas unidades forem vistas como qualitativamente distintas, aquando da sua exposição condicional diferencial, então este paradigma é possível e, até, vantajoso, uma vez que exclui uma necessidade equivalência grupal *a priori* e reduz o efeito de variáveis individuais, inerentes a cada participante, potencializando o poder explicativo do estudo. Igualmente, o constructo de *validade interna*, caracterizada como o potencial inferencial das observações de variação entre A e B poder reflectir uma relação causal, na forma como as variáveis foram manipuladas ou medidas (Cook, Campbell, & Shadish, 2002), não depende, nestes desenhos, de aleatorização grupal, o que se constitui como um elemento vantajoso, embora não seja coincidente com a definição clássica experimental. Não obstante, embora não exista esta componente de aleatorização grupal primária, existe, numa segunda fase, uma aleatorização da ordem de exposição à variável independente manipulada. É certo que tal facto não constitui, um verdadeiro elemento experimental, contudo, é pretendido que o presente estudo seja visto numa óptica experimental adaptada, contemporânea, com as suas propriedades vantajosas de potencialização do poder estatístico inferencial, na utilização de um plano factorial intra-sujeitos cumpridor dos requisitos de maximização explicativa deste tipo de desenhos.

### **5.3. Procedimentos e Método**

Em termos de processualismos associados ao presente estudo piloto, foi adoptada uma abordagem comparativa entre segmentos noticiosos CMTV e SIC, enquanto condições constitutivas da descrita variável independente (exposição mediática). Cada um desses segmentos incidu sobre uma temática criminal específica – *crimes sexuais, homicídio, infanticídio e terrorismo* – embora com estilos editoriais distintos; isto significa, que os participantes foram expostos a uma mesma notícia reportada por canais diferentes. A escolha das principais temáticas criminais foi feita com base nas tipologias mais disponibilizadas, publicamente, por ambos os canais, e tendo em conta as limitações pragmáticas de recursos temporais, económicos e técnicos existentes. Após uma consulta dos endereços de rede e recursos informáticos CMTV e SIC foram analisados os seus arquivos, datados entre os anos de 2013 (data de surgimento da CMTV) e 2018, e foi recolhido um total de 76 vídeos, com uma duração de exposição de, aproximadamente, 190 minutos. Nesta fase, constavam da base de estímulos as tipologias de *Terrorismo, Crimes contra a Liberdade e Autodeterminação Sexual, Crimes contra a Vida, Incêndios Florestais e Maus-tratos Animais*. Posteriormente, procedeu-

se a um emparelhamento dos vídeos com o mesmo conteúdo de modo a que existisse um cenário em que a mesma notícia fosse reportada pelas duas fontes televisivas. Isto implicou o estabelecimento de alguns critérios. Para além de se exigir uma cobertura da mesma tipologia e evento criminal, similarmente datados, com a maioria dos mesmos intervenientes, foi estabelecido, igualmente, que ambos os vídeos deveriam ter uma duração inserível em trâmites idênticos – sem diferenças superiores a 30 segundos – e que o material de exposição não contivesse qualquer tipo de elemento identificador da estação televisiva a que se reportava. Esta última exigência implicou que fosse realizada uma edição dos vídeos e que fossem eliminadas todas e quaisquer referências visuais ou auditivas (mantendo a maior originalidade, possível, em cada vídeo). No término desta etapa processual foram seleccionados 12 vídeos finais, 6 de cada estação televisiva, incidentes sobre as tipologias de *criminalidade sexual*, *criminalidade contra a vida e terrorismo*, com um tempo de exposição de aproximadamente 20 minutos. Após o tratamento do material de exposição foi montado um protocolo experimental numa óptica de sequencialização da apresentação dos estímulos visuais pré-seleccionados; protocolo, esse, cimentado em linguagem *Python* e edificado no *PsychoPy*. Numa primeira exposição, o protocolo corria um conjunto de instruções alusivas ao seu conteúdo e modos de tramitação da experiência e inseria, complementarmente, uma cruz de fixação “+” (*cross-fixation*) com o propósito de alocar os recursos atencionais dos participantes, garantido que o seu olhar estava focado no centro do ecrã de exposição. Foram utilizados 2 computadores funcionais nesta experiência: um computador de estimulação – responsável por enviar o protocolo com os respectivos estímulos visuais para o monitor localizado no interior de uma sala de experimentação pertencente ao laboratório da escola de criminologia da FDUP – e um computador de recepção – equipado com *software PsychLab* e responsável por receber os sinais fisiológicos dos participantes. Sinal, este, recolhido por meio de 2 elétrodos, montados numa montagem bipolar, exossomática, nos dedos médio e anelar da mão esquerda e a partir de um fotopletismógrafo, cujo fotodetector e led estavam conectados ao dedo indicador da mesma mão. Assim, foram recolhidos, respectivamente, os níveis de condutância eléctrica da pele e ritmo cardíaco de cada indivíduo. Foram ainda utilizados headphones como receptores de som no interior da sala experimental de modo a evitar, ao máximo, contaminação da experiência por estímulos exteriores não relevantes. Em seguimento da etapa de *cross-fixation*, o protocolo corria um ecrã em branco de *baseline*, com duração de um 1 minuto, com o principal objectivo de recolha dos níveis referenciais, individuais, de HR e EDA e iniciava, posteriormente, a exposição visual aleatorizada. Após cada vídeo, os participantes deveriam preencher uma

medida auto-reportada *SAM – Self Assessment Manikin* – passível de captar a sua experiência, subjectiva, traduzível em níveis de valência e *arousal*. De seguida, um intervalo interestímulo era apresentado, com nova cruz de fixação e dava origem à iniciação do estímulo visual seguinte (aleatorizado). O método descrito repetia-se até à finalização experiencial. Como nota final, os mais rigorosos trâmites éticos da investigação científica foram assegurados, no presente estudo, com a assinatura de consentimentos informados, pré-protocolares, descritivos dos principais pontos de anonimato – com devida etapa de codificação - confidencialidade e voluntariedade, inerentes à experiência e, no sentido de se promulgar uma correcta investigação científica.

#### **5.4. Amostra**

O processo de recrutamento amostral incidiu nas imediações da FDUP, onde foi constituída uma amostra de 18 participantes ( $n=18$ ), sem qualquer tipo de critérios de estratificação sociodemográficos estabelecidos *a priori*, almejando a maior diversidade amostral possível em ditos contornos. Deu-se, contudo, preferência ao recrutamento efectuado ao nível de turmas do 1º da licenciatura de criminologia, sendo metade da amostra constituída por estes indivíduos (50% *estudantes 1º ano*), pelo seu carácter relativamente despido de pré-concepções teóricas e metodológicas inerentes ao curso, passíveis de enviesar resultados posteriores. A presente amostra pode ser classificada na sua condição não probabilística, necessariamente, não representativa da população, pelo seu carácter de conveniência, tendo sido recolhida com base em critérios de acessibilidade e pelo facto de não existir a garantia de que todos os indivíduos de uma população tenham uma probabilidade não-nula de serem seleccionados; dado que não existiu o conhecimento probabilístico da inclusão de cada unidade amostral no estudo. Embora represente, desde logo, alguns entraves a uma temática de generalização estatística e de validação externa, a supracitada estratégia foi adoptada pelas limitações que se afiguram intrínsecas à totalidade da investigação – sejam os recursos temporais insuficientes ou, até, os recursos económicos. Além disso, por se tratar de uma fase exploratória e altamente preliminar daquilo que constitui o actual cerne nuclear investigativo, não foi considerada exclusivista esta particularidade limitativa da amostragem por conveniência. Descritivamente, a amostra é constituída por 11 indivíduos do sexo feminino (61%) e 7 indivíduos do sexo masculino (39%), com uma média de idades de  $X = 23,39$ ,  $SD = 6,34$ .



## 5.5. Variáveis e Instrumentos

### 5.5.1. Exposição Mediática (Variável Independente)

A exposição mediática foi tida, na presente etapa, enquanto variável independente; enquanto factor ou característica manipulável nos seus subníveis divisórios, passível de surtir um efeito explorável numa outra variável tida como dependente desta. Assim sendo, esses mesmos subníveis, representativos da principal variável, foram definidos com base em critérios muito estritos. Uma vez que, conceptualmente, a literatura jornalística especializada continua, ainda hoje, a ter alguma dificuldade em plasmar distinções “*sensacionalistas vs. referência*” e por ser um terreno que parte de índices altamente vinculados de subjectividade de atribuição de limites categóricos, foi adoptada uma perspectiva de aumento de variabilidade em termos de conceptualização e operacionalização independentes. Isto significa que, tendo sido operacionalizada por meio da selecção de vídeos-estímulo – etapa descrita na secção processual – os critérios selectivos, utilizados na presente fase, culminaram em critérios de audiência. De acordo com os índices GFK de 2016, plasmados na plataforma “*liga-te à media*”, a CMTV apresentou uma audiência média de 0,2% face ao universo de todos os canais amostrados, com um total de 22.886 indivíduos a fazerem parte do seu público-alvo. Qualitativamente, o canal exibiu um perfil de prevalência de espectador do sexo masculino (0,3%), com idade entre os 4 e os 14 anos (1%) e proveniente da região Algarvia (0,5%). Pelo contrário, a SIC indicou uma média de audiência de 3,5%, com um total de 339.221 indivíduos. Qualitativamente, foi verificada uma prevalência de adesão à estação televisiva de público do sexo feminino (4,1%), com idades compreendidas entre os 45-54 (3,7%), 55-64 (4,5%), 65-74 (5,5%) e +75 anos (4,7%), provenientes das regiões Norte (3,9%) e Centro (3,9%) do país (ver percentagens no anexo D)<sup>1</sup>. Isto significa que, em termos de adesão pública, as estações televisivas supramencionadas apresentam contornos reiteradamente distintos, o que torna possível a inferência de algum elemento editorial, estilístico ou comercial diferencial, entre ambas, passível de ser explorado selectivamente, conforme o proposto na presente investigação. De notar, contudo, é o facto de que toda a presente decisão de utilizar a SIC e a CMTV como estações de estudo foi feita tendo em conta as características específicas das audiências de cada canal, admitindo as hipóteses de regulação emocional e selectividade mediática, consciente e inconsciente, que colocam grande ênfase no papel activo dos sujeitos na procura de conteúdos

---

<sup>1</sup> A SIC Notícias apresentou uma média de audiência de 0,4% (40.921 indivíduos) com prevalência das mesmas faixas etárias da SIC, mas com uma maior adesão de elementos do sexo masculino (0,5%) provenientes da zona Norte (0,4%) e de Lisboa (0,6%).

mediáticos específicos (e.g., Zillmann, 1988a; 2015). Assim, e em jeito de conclusão, foram seleccionados 12 vídeos pertencentes a um *set* final de exposição – 6 da CMTV e 6 da SIC – relativos às temáticas de Terrorismo, Crimes Sexuais e Crimes contra a Vida.

### **5.5.2. Activação Afectiva (Variável Dependente)**

A activação afectiva foi tida, no presente estudo, enquanto variável dependente; enquanto característica influenciável pelos efeitos de uma componente independente, descrita anteriormente, nos seus parâmetros conceptualmente dimensionais. Conforme descrito na secção operacional da fenomenologia afectiva, a mensuração da presente realidade é optimizável pela conjugação de uma abordagem multi-instrumental.

#### **5.5.2.1. Reactividade Fisiológica – Psicofisiologia (EDA e HR)**

A condutância eléctrica da pele foi captada seguindo as directivas de recolhas fisiológicas Psychlab na utilização conjunta do *software* e *hardware* seus incorporantes (“Skin Conductance Explained”, n.d.). Foram utilizados dois eléctrodos de 8mm Ag/AgCl do tipo EL22, preparados com um gel electrolítico, nos dedos médio e anelar, conectados a uma unidade de amplificação isoladora. O modo de conexão foi feito de forma independente à sua polaridade (a polaridade não é uma problemática no presente software). A unidade de amplificação, por sua vez, encontrava-se conectada a um computador de recepção por meio de ligação USB. O sistema utilizado para este efeito foi o SC5 de 24 bits, com um método de voltagem constante de 0,5V e uma resolução de resposta que pode ir até aos 0,02 micro Siemens (com possibilidade de resolução até 0,0002 Siemens). Todos os restantes processualismos encontram-se descritos na secção dos procedimentos anteriormente descrita. O ritmo cardíaco foi captado por meio de um outro sistema de recepção, utilizador de uma técnica de fotopletismografia. Neste caso, as mudanças volumétricas sanguíneas, ao nível da circulação periférica dos participantes foram medidas por meio de um sensor que providencia a incidência de um feixe luminoso (LED) no dedo indicador de cada sujeito, passível de ser captado por um fotodetector, através de um modo de mensuração de trans-iluminação. Esse sensor encontrava-se ligado a uma unidade de amplificação, tal como o sensor de EDA, subsequentemente ligado ao mesmo computador de recepção por meio de cabo USB. O computador de recepção utilizado estava equipado com o *software* Psychlab, passível de monitorizar e registar, em tempo real, os sinais fisiológicos, automaticamente digitalizados.

#### **5.5.2.2. SAM – Self Assessment Manikin**

A vertente auto-reportada da mensuração dimensional afectiva foi alcançada por meio da utilização das escalas de *Arousal* e *Valência*, na sua versão computadorizada, do instrumento SAM, já explorado, psicometricamente, na secção de operacionalização afectiva (Lang, 1980; Hodes, Cook & Lang, 1985; Bradley & Lang, 1994). Na presente operacionalização, as duas escalas utilizadas admitiram uma classe de respostas variante entre 1 e 7 pontos, nas quais 1 – “*desagradável*” e 7 – “*agradável*”, para a dimensão da valência e 1 – “*pouco intensa*” e 7 – “*muito intensa*”, para a dimensão de activação. Nesta mensuração, *scores* mais elevados são indicativos de um posicionamento hedónico mais positivo e de uma maior activação, respectivamente; Pelo contrário, *scores* mais baixos são indicativos de um posicionamento hedónico mais negativo e de uma menor activação afectiva.

#### **5.6. Estratégia Analítica**

O tratamento de dados fisiológicos, decorrentes do supracitado protocolo experimental, pressupôs a eliminação de alguns dados preliminares – amostra fisiológica final de 11 sujeitos - devido, sobretudo, à existência de ruído na mensuração, problemas no arranque do protocolo ou características específicas dos indivíduos. Os dados comportamentais foram utilizados na sua totalidade. Assim, tendo em conta a principal hipótese de exploração, foram produzidas algumas estatísticas descritivas, com subsequentes comparações de médias e representações pictóricas gráficas – tendências, *boxplots*. Em termos fisiológicos foi realizada uma análise de picos (picos/min) culminante num paradigma comparativo, relativo a ambas as estações televisivas. Neste enquadramento, foram cumpridos todos os trâmites subjacentes ao requisito de normalidade de distribuição e homogeneidade amostrais, principalmente pela sua pequena dimensão (< 30) e foram utilizados, subsequentemente, testes paramétricos.

#### **5.7. Resultados**

##### **5.7.1. Medida Auto-Reportada**

Descritivamente, os conteúdos mais activadores, em termos auto-reportados, dizem respeito à tipologia criminal de Homicídio II (infanticídio), com a CMTV a sobrepor-se à SIC, em termos médios ( $X=6,39$ ,  $SD=2,03$  vs.  $X=6,17$ ,  $SD=1,86$ ) e à tipologia criminal de Terrorismo II (ataque em escola do Paquistão), com a SIC a sobrepor-se, em termos médios, à CMTV ( $X=5,61$ ,  $SD=1,98$  vs.  $X=5,44$ ,  $SD=1,92$ ). Da mesma forma, na classificação hedónica dos conteúdos, os indivíduos parecem reportar, descritivamente, os maiores níveis de valência negativa face ao conteúdo de Homicídio II, mas, desta vez, com a SIC a obter uma média

inferior na dimensão de valência, face à CMTV ( $X=1,67$ ,  $SD=,84$  vs.  $X=2,17$ ,  $SD=1,62$ ) e face ao conteúdo de Terrorismo II, inversamente, com a CMTV a apresentar média inferior à SIC ( $X=2,22$ ,  $SD=1,48$  vs.  $X=2,61$ ,  $SD=1,04$ ). Adicionalmente, a SIC parece reportar valência superior, comparativa, no maior número de conteúdos (Crime Sexual I, Terrorismo I, Crime Sexual II e Terrorismo II), enquanto a CMTV só apresenta valência superior em dois conteúdos (Homicídio I e Homicídio II).

**Tabela 1.** Comparação de Médias Comportamentais entre Conteúdos Noticiosos Criminais CMTV e SIC (*t-tests*).

Conteúdo	Dimensão Afectiva	Canal				t	P
		CMTV		SIC			
		X	SD	X	SD		
Crime Sexual I	Valência	2,56	1,247	2,78	1,166	,889	,807
Crime Sexual I	Arousal	5,44	1,886	5	1,97	1,81	,044*
Homicídio I	Valência	3,56	1,542	3,33	1,572	,622	271
Homicídio I	Arousal	4,94	1,955	5,22	1,768	-1	,834
Terrorismo I	Valência	3,67	1,495	3,94	1,162	-,96	,825
Terrorismo I	Arousal	3,94	2,1	3,89	1,451	,156	,439
Crime Sexual II	Valência	2,78	1,263	2,94	1,392	-. <sup>2</sup>	-
Crime Sexual II	Arousal	4,78	1,555	5,11	1,875	-	-
Homicídio II	Valência	2,17	1,618	1,67	,84	1,638	,06
Homicídio II	Arousal	6,39	2,033	6,17	1,855	,533	,3
Terrorismo II	Valência	2,22	1,478	2,61	1,037	-1,236	,883
Terrorismo II	Arousal	5,44	1,917	5,61	1,975	-1	,834

\* $p < ,05$

No que diz respeito à activação, a distribuição de médias é bastante uniforme; Assim, a SIC reporta maior nível de *arousal* em três conteúdos (Homicídio I, Crime Sexual II e Terrorismo II) e, identicamente, a CMTV reporta maior nível de *arousal* nos restantes três

<sup>2</sup> Os dados comportamentais do conteúdo de crime sexual II não se encontravam em condições óptimas para a análise estatística.

conteúdos (Crime Sexual I, Terrorismo I e Homicídio II). Apesar destas diferenças a nível descritivo, a comparação estatística de médias através de *t-tests* para amostras emparelhadas – dado o *within-subject design* do estudo - demonstra a falta de significância estatística destas – Tabela 1. De acordo com as estatísticas realizadas, a diferença de médias só se denota significativa (i.e.,  $p < ,05$ ) no conteúdo de Crime Sexual I e para a dimensão de activação ( $t(9)=1,81, p < ,05$ ), com os restantes conteúdos mediáticos a apresentarem níveis de activação afectiva e valência bastante similares, não significantes. Tal achado não suporta a hipótese central ao presente estudo do ponto de vista das medidas auto-reportadas.

### 5.7.2. Medidas Fisiológicas

No que diz respeito às medidas fisiológicas, a desconstrução analítica comportou outro enquadramento. Os scores de EDA foram organizados e corrigidos; Os scores de HR não foram utilizados na presente secção. Após esse tratamento preliminar, foram edificados gráficos de tendência no sentido de se captarem, visualmente, as oscilações de GSR/min (ver gráficos dos dois canais no anexo III). Isto permitiu uma breve desconstrução dos níveis de *activação x conteúdo x canal de televisão*, através da sincronização dos gráficos com o vídeo-estímulo e a promoção de uma análise de picos (com posterior análise de picos/min) de cada conteúdo. Os critérios utilizados para a definição de pico, no presente estudo e dado o seu carácter altamente exploratório e preliminar, foram critérios visuais, considerando, para este efeito, qualquer tendência que contivesse um *onset* de aumento acentuado e um *offset* de decréscimo acentuado. Depois de contabilizados os picos de cada indivíduo, para cada conteúdo, foi calculado o número de picos médio para cada conteúdo (tendo em conta a totalidade dos indivíduos) e realizado um conjunto de *t-tests* emparelhados para determinar a existência de diferenças significativas entre número médio de picos do mesmo conteúdo em canais televisivos diferentes. Uma primeira análise demonstrou-se coincidente com os resultados da medida auto-reportada, i.e., a única diferença, significativa, entre número de picos médio, foi encontrada para o conteúdo de Crime Sexual I ( $t(9)=3,47, p < ,05$ ). Subsequentemente, foi calculado o número de picos/min através da divisão do número de picos total de cada indivíduo para um determinado conteúdo e canal, pelo tempo total de exposição de cada vídeo-estímulo e foram plotados *boxplots* para uma desconstrução visual distributiva preliminar (ver *Boxplots* no anexo II). Similarmente, foram encontradas diferenças significativas entre SIC e CMTV no conteúdo de Crime Sexual I ( $t(9)=2,483, p < ,05$ ). Não obstante, nesta última análise foi encontrada, ainda, significância na diferença entre SIC e CMTV relativa ao conteúdo de Terrorismo II ( $t(9)=2,395, p < ,05$ ).

**Tabela 2.** Comparação de Picos por Minuto entre Canais, por Conteúdo.

Conteúdo	Canal				<i>t</i>	<i>P</i>
	CMTV		SIC			
	<i>X</i>	<i>SD</i>	<i>X</i>	<i>SD</i>		
Crime Sexual I	,0529	,0352	,0364	,0260	2,483	,035*
Homicídio I	,0350	,0199	,0381	,0242	-,623	,549
Terrorismo I	,0500	,0445	,0360	,0223	1,228	,251
Homicídio II	,0283	,0172	,0367	,0257	-1,248	,243
Terrorismo II	,0341	,0355	,0200	,0237	2,395	,040*

\* $p < ,05$ 

### 5.8. Discussão

O presente estudo piloto não conseguiu provar a hipótese central, intrínseca ao seu substracto de objectivos, de que os segmentos de notícia criminal CMTV são mais activadores, afectivamente/emocionalmente, do que os segmentos de notícia criminal SIC. Embora tenham sido produzidas algumas estatísticas comparativas de relevo, com os *scores* médios de reactividade fisiológica/activação afectiva, representados pelo número de picos por minuto, a denotar-se significativamente diferenciais nos conteúdos de Crime Sexual I e Terrorismo II, entre estações televisivas; e embora estes resultados sejam coincidentes com o *score* comportamental obtido no SAM na dimensão de *Arousal* diferencial entre CMTV e SIC, para o conteúdo de Crime Sexual I, tais achados não se reportam suficientes para provar a supracitada hipótese experimental. Não obstante, numa perspectiva exploratória, o presente estudo denota-se riquíssimo em termos de desconstrução de uma problemática altamente inexplorada no cenário nacional. O actual corpo de trabalho foi importante, não só, para a compreensão dos principais conteúdos criminais activadores, em cenário televisivo, mas também de diferenças qualitativas e quantitativas entre os mesmos, com uma exponenciação visual das fundamentais temporalidades activadoras e subsequentes correspondências temáticas inerentes a cada conteúdo. Embora os achados nucleares supracitados se distanciem de uma direcionalidade centralizada delimitada *a priori* pelos investigadores, é importante delimitar as possíveis causas de tais acontecimentos. O fracasso de detecção de diferenças maiores na activação afectiva entre estilos editoriais pode dever-se a: (1) Um *set* de estimulação composto por uma insuficiência de segmentos de notícia, passível de camuflar efeitos de interesse intrínsecos a

uma maior abrangência e diversidade mediática; (2) Uma possível sobreposição do conteúdo mediático criminal à forma estilístico-editorial das notícias apresentadas, com as temáticas de Homicídio, Terrorismo e Crime Sexual a denotar-se altamente sensíveis e activadoras, por si só, de uma componente afectiva individual; e (3) Uma insuficiência amostral, passível de reduzir a significância das relações observadas e de impedir generalizações amplas – i.e. passível de diminuir a validade externa do actual estudo - transversais a contextos e temporalidades, acrescida de uma técnica de amostragem não probabilística e não aleatorizada. Ainda numa perspectiva limitativa, o facto de ter sido utilizado um desenho de investigação *within-subjects* comporta algumas problemáticas relativas à sua duração e efeitos sobre os participantes. Usualmente, este tipo de paradigmas pode conotar-se como sendo excessivamente longo, com todas as ameaças de fadiga e aborrecimento a si associadas. Também questões como ameaças de ordem, aprendizagem, habituação e depleção cognitiva devem ser tidas em conta. As problemáticas anteriormente citadas foram, contudo, ultrapassadas, através da selecção procedimental de uma unidade de estimulação que não ultrapassasse os 20 minutos e através da aplicação de um processualismo de aleatorização da ordem de exposição das condições experimentais, introduzido, directamente, no protocolo de investigação. No que diz respeito a processualismos futuros a adoptar, investigadores interessados na exploração de possíveis efeitos diferenciais, relativos a componentes estilísticas ou editoriais mediáticas, deverão primar pela utilização de unidades amostrais maiores, com as devidas estratégias de amostragem probabilísticas e aleatorizadas, incidentes sobre uma maior diversidade de conteúdos e tipologias criminais. Deverão optar, similarmente, por uma das duas realidades exploradas: (1) conteúdo criminal ou (2) estilo editorial; a sua sobreposição pode causar, como perspectivado, problemas ao nível da obtenção de diferenças de activação significativas. Adicionalmente, investigação futura tendente para a precedente temática deverá incluir uma abordagem multi-metodológica mais extensiva, complementando parâmetros quantitativos e qualitativos rigorosos.

Em jeito de conclusão, a presente dissertação primará por um afastamento, subsequente, de uma unidade laboratorial, artificial, com as devidas ameaças à ecologia de investigação e promoverá uma análise de um *line-up* noticioso realista, passível de mimizar os contornos quotidianos da visualização de um telejornal. Com isto pretenderá, ainda, explorar os possíveis efeitos de uma activação afectiva decorrente de uma precedente exposição mediática ecológica, numa panóplia de componentes afectivo-cognitivo-atitudeis imigratórias, autoritárias-libertárias e securitárias. As supracitadas linhas processuais serão descritas subsequentemente.

## 6. Estudo I (Estudo Central)

### 6.1. Objectivos e Hipóteses

Após a evidência produzida na etapa piloto da presente dissertação se ter distanciado de uma componente estético-editorial, diferencial, influenciadora de uma activação afectiva individual, o paradigma nuclear do presente corpo de trabalho adoptou um novo sentido. Na argumentação de uma possível sobreposição conteúdo/forma, e tendo em conta os contornos sensíveis de um enquadramento noticioso criminal e as características espectrais autoritárias-libertárias inerentes à esfera individual de cada sujeito, o principal objectivo da actual segunda fase passa por investigar os efeitos de uma componente de exposição mediática criminal prolongada, i.e., os efeitos de uma exposição mediática passível de mimizar os contornos ecológicos de uma contextualização natural, quotidiana, numa panóplia de parâmetros tidos como consequenciais desta moldura, no cerne de literatura passada. Numa concretização gramatical mais precisa, o primeiro objectivo da presente fase passa por *explorar os efeitos de uma exposição prolongada a um conteúdo mediático informativo – telejornal - repleto de notícias maioritariamente, mas não exclusivamente, criminais, ao nível de uma componente de activação afectiva individual e, consequentemente, por explorar possíveis relações entre esta activação/reactividade fisiológica e uma resposta atitudinal auto-reportada, individual*. Por se tratar de uma linha altamente exploratória, e tendo em conta os contributos teórico-empíricos referentes a questões já exploradas de sensibilidade fisiológica diferencial e da existência de um fenómeno de *negativity bias* em sujeitos mais autoritários, propõe-se, igualmente, *a exploração da relação entre o nível de autoritarismo individual, pré-exposição, e uma componente de reactividade fisiológica (activação afectiva) decorrente de uma exposição prolongada a conteúdos mediáticos informativos, assim como, a exploração de uma relação entre essa mesma componente reactiva e um parâmetro atitudinal autoritário pós-exposição*. Sendo uma investigação altamente preliminar, pressupõe-se a condicionante de somente alguns objectivos poderem ser traduzidos em hipóteses concretas. Não obstante, são elas:

**H1:** *“Existe uma relação positiva entre o nível de reactividade fisiológica individual decorrente de uma exposição prolongada a segmentos de notícias criminais e uma componente atitudinal individual anti-imigratória”*

**H2:** *“A exposição prolongada a segmentos de notícias criminais aumenta a componente atitudinal autoritária de indivíduos com maior reactividade fisiológica a esses mesmos segmentos”*



## 6.2. Caracterização do Estudo

A lógica inferencial causal tem vindo a constituir-se enquanto *suprassumo* da prova científica, muitas vezes, numa forma exaustiva de procura da precedência da causa, covariação causa-efeito e exclusão de alternativas explicativas; O objectivo de postulação de factualidade acaba, não raramente, por negligenciar o carácter de ingenuidade exploratória que frequentemente informa a condição humana das suas mais específicas particularidades. Ambos os desenhos experimentais e quasi-experimentais manipulam o tratamento de forma a forçar a sua pré-ocorrência ao efeito e a covariação de parâmetros é, naturalmente, captada em fase de análise estatística (Cook, Campbell & Shadish, 2002); Contudo, a implausibilidade de explicações alternativas, embora garantida em desenhos aleatorizados – por meio da sua distribuição randomizada ao longo das condições experimentais – torna-se mais complexa na realidade sua complementar. Nos desenhos quasi-experimentais este requisito pode ser cumprido em três modalidades tidas como intransigentes: (1) Através da identificação e estudo das possíveis ameaças à validade interna do actual paradigma; (2) Por meio da primazia do controlo no desenho, recorrendo à injeção de elementos, específicos ao paradigma, no protocolo de estudo – pré-testes, grupos de controlo, observações em variados pontos temporais; (3) Através de uma correspondência de padrões coerentes, i.e., através da realização de previsões complexas acerca de uma determinada hipótese causal que poucas explicações alternativas possam justificar (*Idem*). Ora, o presente estudo surge numa contextualização algo híbrida, na procura da maior probabilidade inferencial causal possível, promovendo, igualmente, a manutenção de condições naturalísticas, não-laboratoriais, culminantes num estatuto de validade ecológica único. Igualmente, a escassez temporal, sua simbiótica, exigiu uma adaptação pragmática dos recursos existentes, impondo, inevitavelmente, a exclusão de um grupo de controlo adequado. Desta forma, num módulo de enquadramento quasi-experimental, sem grupo de controlo, foi adicionada uma pré-medida e uma pós-medida a um paradigma de tratamento pontual, manipulado – *óptica one-group pretest-posttest design* – com foco, primacial, numa componente exploratória de tratamento e pós-teste. Uma vez que a pré-medida utilizada diferiu, qualitativamente, da pós-medida, i.e., uma vez que o instrumento utilizado, em ambos os momentos, foi distinto, embora visasse mensurar o mesmo constructo teórico, a designação do actual estudo é melhor tida com uma classificação do tipo *one-group posttest-only design*. Caso os participantes utilizassem a mesma medida/instrumento no pré-teste/pós-teste, poderia existir um verdadeiro enviesamento dos achados obtidos devido a efeitos de memória/efeitos informativos – as chamadas ameaças de *testing* e instrumentação.

Uma vez que o distanciamento temporal, entre ambas as medidas, foi razoável e não, propriamente, optimal, tal problema constituiria um verdadeiro impasse à investigação. Da mesma forma, na temática fisiológica, a utilização de um momento de recolha da *baseline*, intrínseca a cada sujeito, poderá constituir, analogamente, um momento de pré-teste, comparável, após o tratamento de exposição mediática, com as várias oscilações de reactividade fisiológica, tidas como adequado pós-teste. Neste contexto, o desenho investigativo adquiriria, semelhantemente, uma designação de *one-group pretest-posttest design*. Contudo, tais especificações servem, em jeito de opinião pessoal, um âmbito justificativo e não tanto um âmbito designativo. Assim, o presente estudo enquadra-se, primariamente, num desenho de um grupo com pós-teste/pós-observação, integrado, contudo, por verdadeiras pré-medidas em alguns dos seus elementos constitutivos. Embora probabilisticamente falível perante explicações alternativas e ameaças de história/maturação, na sua componente auto-reportada, garante a precedência cronológica necessária à inferência causal, num contexto doméstico/naturalista, com a possibilidade de inserção de um verdadeiro controlo – um psicofisiológico, de *baseline* - e com a possibilidade de covariação de efeitos de uma reactividade fisiológica com as várias componentes atitudinais e afectivas. Assim, não se trata de um desenho e, conseqüentemente, de uma dissertação que procure a taxatividade causal, mas sim, o desbravamento de um terreno empiricamente novo, com todas as particularidades de rigor inerentes à temática psicofisiológica, passíveis de garantir cientificidade e consistência aos achados produzidos na actual moldura empírica.

### **6.3. Amostra**

Após a decisão de se utilizar um enquadramento de recolha inerente ao seio doméstico de cada participante, com a utilização de sensores transportáveis e de fácil *interface*, passíveis de serem manuseados pelos próprios indivíduos integrantes, foi necessário o estabelecimento de quotas de idade e de género no sentido de se alcançar uma representatividade global de cada sub-estrato social. Foram utilizadas 6 quotas etárias – [18-25], [26-35], [36-45], [46-55], [56-65], [+66] – subdivididas por um número idêntico de indivíduos do sexo masculino e feminino. Os participantes foram, então, recrutados, numa abordagem de *snowball sampling*, com conexões de 2º e 3º grau, e foi totalizado um agrupamento de 30 participantes com um *background* social e profissional altamente heterogéneo. Este tipo de estratégias amostrais, não probabilísticas, é usualmente utilizado em estudos de carácter exploratório, concordantemente com a actual moldura percorrida, contudo, não são, tipicamente, estabelecidas variáveis de agrupamento/estratificação amostrais, o que acaba por conferir um perfil algo híbrido à presente

investigação. Perfil, esse, individualizável e passível de assegurar, não em termos de distribuição ou proporção populacional, mas em termos de equivalência de proporção, uma representatividade das características de estratificação. Não se fala, aqui, em cumprimento de rácios pré-existentes. A principal meta amostral não passa por esse enquadramento (dada a panóplia de limitações intrínsecas à dissertação plasmada); contudo, garante-se, desta forma, uma representatividade mais completa de faixas etárias e de género. Trata-se de uma perspectiva amostral de múltiplas etapas. Descritivamente, a amostra, inicial, correspondente à actual fase é constituída por 30 participantes ( $n=30$ , [18-25]  $n = 6$ ; [26-35],  $n = 6$ ; [36-45],  $n = 6$ ; [46-55],  $n = 6$ ; [56, 65],  $n = 4$ ; [+66],  $n = 2$ ), com uma distribuição idêntica entre indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino ( $F$ ,  $n = 15$ ;  $M$ ,  $n = 15$ ). Com a fase de tratamento de dados, contudo, e todas as problemáticas associadas a questões de ruído, arranque de protocolo, abandono do estudo sem intenção/ausência de preenchimento de questionário, a amostra final da actual fase (constituída por sujeitos integradores de evidência fisiológica e auto-reportada) é constituída por 11 indivíduos.

#### **6.4. Procedimentos e Método**

Em termos de processualismos associados ao Estudo I da presente dissertação foi adoptada uma abordagem directamente implícita à utilização de métodos e instrumentos novos, em *sets* naturalísticos, não artificializados. A proposta central do projecto, focada numa recolha não laboratorial, promoveu uma abordagem ecológica e etariamente representativa, contabilizando, sempre, a persecução dos objectivos últimos de estudo. Isto envolveu várias etapas. A escolha do material de exposição/estimulação tornou-se a primeira fase de investigação, com o estabelecimento de alguns critérios *a priori*, passíveis de enformar tal decisão. Na óptica de influência mediática noticiosa que tem sido primária à dissertação, optou-se por se amostrar um segmento televisivo de um telejornal, nacional, de entre os canais com melhor organização, historial e arquivo mediático; isto serviu de filtro à exclusão do canal CMTV, pela falta de sequencialização e ordenamento cronológico disponibilizado ao público. Subsequentemente, foram utilizados critérios de audiência. De entre os principais canais que apresentam um formato televisivo integrador de um telejornal, foram seleccionadas as estações televisivas da RTP1, SIC e TVI e, numa filtração intrínseca a estas, direccionada à maior audiência obtida no índice GFK de 2016, optou-se por se utilizar o telejornal da TVI como fonte de estimulação para o presente trabalho ( $TVI = 4,3\%$ ,  $n = 414.185$  vs.  $RTP1 = 2,7\%$ ,  $n = 263.889$  vs.  $SIC = 3,5\%$ ,  $n = 339.221$ ). Uma vez finalizada a anterior etapa, foram estabelecidos novos critérios de selecção. De acordo com o estudo piloto, as tipologias criminais mais

activadoras, na sua representação mediática, foram as tipologias de homicídio e terrorismo, com médias de activação situadas entre os 5,44 e os 6,39, numa escala de 7 pontos. Por conseguinte, e tendo em conta o destaque mediático dado à problemática terrorista nos últimos anos, tornou-se imperativo utilizar um segmento noticioso datado de um período rico em acontecimentos desta natureza. Alguns candidatos abrangiam os ataques de Londres, os ataques de Barcelona e o ataque de Nice. Tendo em conta a cobertura mediática de cada um deles e tendo em conta os períodos temporais em que ocorreram, acabou por ser seleccionado o ataque de Nice, datado de 14 de Julho de 2016, pela heterogeneidade de vítimas que provocou e pelo maior distanciamento temporal que representava da actualidade. Após esta selecção inicial, foi necessária a promoção de uma edição da componente de estimulação, uma vez que a totalidade do segmento noticioso comportava uma duração de, aproximadamente, 67 minutos, passível de induzir os participantes em estados de fadiga, cansaço e frustração cognitivas e afectivas. Adicionalmente, a própria disponibilidade dos participantes condicionou a utilização do segmento na sua totalidade. À vista disto, foram utilizados os primeiros 41 minutos para a estimulação experimental. Uma vez seleccionado e editado o vídeo, procedeu-se à sua introdução no protocolo experimental, juntamente com as questões da medida auto-reportada (*post-measure*). Previamente ao estudo ser lançado, concretamente, foi aplicada uma pré-medida, auto-reportada, de autoritarismo aos participantes, utilizando-se, para isso, um conjunto de itens representativos retirados da escala de *Adorno et al.* (1950). Este evento ocorreu uma semana antes do lançamento. Posteriormente, o estudo foi activado numa interface de *software* que pressupõe a utilização de uma unidade de estimulação (computador ou televisão), um sensor – carregado antes de cada estudo - e um *smartphone* equipado com uma aplicação simbiótica ao mesmo. Assim, na data de disponibilização do estudo, este tornou-se livre para acesso no telemóvel de cada participante que, após a sua aceitação, deveria seguir um conjunto de instruções fornecidas com o sensor – pessoal e intransmissível – colocando-o na sua mão não dominante e acedendo à área de visualização (área de estimulação) através do seu computador. Foi pedido a cada sujeito que na preparação do estudo se situasse num espaço familiar, tranquilo, confortável e sem nenhuma distração e que manipulasse a aplicação à medida que era exposto ao estímulo. Isto significa que, aquando da visualização do vídeo no *dashboard* dos seus computadores, os sujeitos poderiam ir classificando o conteúdo/forma visualizado de acordo com o seu nível de agradabilidade/desagradabilidade percebido – *like/dislike* – numa componente de mensuração semelhante a uma mensuração hedónica. As respostas fisiológicas mensuradas pelo sensor foram respostas de ritmo cardíaco, com o número

de batimentos cardíacos por minuto (bpm) a ser captado por meio de uma unidade óptica colocada nas extremidades do corpo, e respostas de condutância electrodérmica da pele, enquanto comportamento resistivo da pele na palma das mãos, dependente da actividade de glândulas sudoríparas, passível de ser afetada por estímulos auditivos e estímulos visuais relevantes. De notar é ainda o facto do *software* utilizado ter permitido uma captação métrica contínua – fisiológica e declarativa – o que significa que foi possível o estabelecimento de padrões de resposta sincronizados, segundo a segundo, face ao conteúdo de estimulação. Tal como aconteceu no estudo piloto, o protocolo utilizado correu um conjunto de instruções alusivas ao seu conteúdo e modos de tramitação da experiência e integrou, similarmente, uma cruz de fixação “+” (*cross-fixation*) com o propósito de alocar os recursos atencionais dos participantes, garantindo que o seu olhar estava focado no ecrã. Durante esta fase, com duração aproximada de 1 minuto, foram recolhidos os níveis referenciais de HR e EDA, sem-estimulação – *baseline* – e, de seguida, deu-se início à unidade de estimulação para cada sujeito, individualmente. Quando a visualização do segmento noticioso terminou os sujeitos responderam a um conjunto de questões relacionadas com os seus *hábitos de exposição mediática, atitudes autoritárias-libertárias e atitudes imigratórias*. Como nota final, os mais rigorosos trâmites éticos da investigação científica foram assegurados, no presente estudo, com a assinatura de consentimentos informados, pré-protocolares, descritivos dos principais pontos de anonimato – com devida etapa de codificação - confidencialidade e voluntariedade inerentes à experiência e, no sentido de se promulgar uma correcta investigação científica.

## **6.5. Instrumentos e Variáveis**

As principais variáveis e itens utilizados na sua operacionalização serão apresentadas na secção posterior. No final de cada item, constará o rótulo atribuído a si, em termos de análise estatística, para uma melhor orientação ao longo do subsequente trabalho.

### **6.5.1. Exposição Mediática (Variável Independente)**

Para a operacionalização da variável independente do presente estudo foi utilizado um vídeo com a duração de 41 minutos relativo a um conjunto de segmentos de notícias pertencentes a um telejornal da noite da TVI, coincidente com a data de 14 de Julho de 2016. O seu conteúdo diz respeito, nuclearmente, aos atentados terroristas ocorridos em Nice, na mesma data, e a um conjunto de outras secções de notícia criminais – homicídio, violência doméstica, corrupção passiva, infanticídio e furto. O estímulo visual contém, ainda, uma notícia

relativa a um acidente com uma aeronave portuguesa. Todos os trâmites intrínsecos à sua selecção encontram-se plasmados na secção de procedimentos anteriormente descrita.

### **6.5.2. Activação Afetiva: EDA e HR (Variável Mediadora)**

Seguindo todas as directivas inerentes às boas-práticas de recolha fisiológica, foi utilizado, nesta segunda fase empírica, um sensor de actividade electrodérmica de posicionamento palmar optimal, complementado por um sensor de fotopletismografia de 3 comprimentos de onda e um acelerómetro de 3 eixos, passíveis de captar, com precisão, os sinais fisiológicos, individuais, através da utilização de eléctrodos descartáveis; Sensor, este, pertencente ao conjunto *hardware/software* descrito, anteriormente, em fase procedimental e operante por meio de *Bluetooth* – de baixo dispêndio energético. A sua *interface*, caracterizada por um emparelhamento automático entre as várias componentes necessárias ao estudo – computador, telemóvel, sensores – com uma taxa de amostragem de 200Hz, admite uma durabilidade energética de 8 horas de bateria de recolha contínua, pelo que se demonstrou adequada à captação empírica da actual tese. Após uma correcta captação de níveis electrodérmicos, promovida pelo supracitado *software*, foram edificadas um conjunto de variáveis fisiológicas de interesse à subsequente análise estatística. Para além de ter sido calculada a média de resposta electrodérmica associada à visualização do conteúdo de estimulação – rotulada como *media\_gsr* – foram, igualmente, calculados os picos (*peaks*) por minuto, enquanto indicadores de uma reactividade fisiológica individual – rotulados como *picos\_min*. Finalmente, calculou-se o evento máximo de GSRs registado em cada exposição mediática – rotulado como *máximo\_gsr* – e a amplitude média de resposta fisiológica de cada indivíduo enquanto diferença entre o pico máximo registado e a média fisiológica – rotulada como *amplitude\_gsr*.

### **6.5.3. Hábitos de consumo Mediático (Variável de Controlo)**

Os hábitos de consumo mediático foram avaliados através da aplicação de três itens gerais. O primeiro, “*Num dia de semana normal, quanto tempo passa, ao todo, a ver televisão?*” – rotulado como *TV\_Horas* - com uma classe de resposta variável entre “*nenhum*”, “*menos de meia hora*”, “*entre meia hora e uma hora*”, “*entre hora e meia e duas horas*”, “*entre duas horas e duas horas e meia*”, “*entre duas horas e meia e três horas*”, “*mais de três horas*”. O segundo item, com a mesma classe de resposta “*Ainda num dia de semana normal, do tempo que passa a ver televisão, quanto é dedicado a notícias ou programas acerca de política e assuntos de actualidade?*” – rotulado como *Programas\_Horas*. O terceiro item, numa abordagem mais

qualitativa, relacionado com a preferência de canal do participante, “*Qual o seu canal de eleição para ver o telejornal?*” – rotulado como *Canal\_Pref* - com a classe de respostas a variar entre “RTP”, “SIC”, “TVF”, “SIC Notícias”, “TVI24” e “CMTV”.

#### **6.5.4. European Social Survey (ESS)**

O ESS é um questionário transnacional que tem sido integrado na Europa desde o seu estabelecimento em 2001. Implementado de dois em dois anos, com trâmites metodológicos altamente rigorosos, objectiva-se, primariamente, por medir as atitudes, crenças e padrões comportamentais de diversas populações inerentes a uma panóplia de 30 nações, almejando, por conseguinte, (1) traçar padrões de estabilidade/mudança na estrutura social, condições e atitudes europeias, gerando interpretações relativas ao tecido social, político e moral do velho continente; (2) alcançar e difundir padrões elevados de investigação transnacional nas ciências sociais, com etapas de formulação de questionários e pré-testagem, amostragem, recolha de dados, fiabilidade instrumental e redução de erro de mensuração/enviesamento; (3) introduzir indicadores de progresso nacional, baseados nas percepções e julgamentos dos cidadãos acerca de pontos-chave societários; (4) facilitar o treino de investigadores sociais na mensuração e análise comparativa quantitativa; e, por fim, (5) melhorar a visibilidade e alcance dos dados sociais entre académicos, *policy-makers* e público. O ESS consiste numa colectânea de questões nucleares, rotativas e suplementares, integradas numa sequencialização iniciada pelos módulos sócio-demográficos e culminantes num conjunto de medidas de suporte à avaliação da fiabilidade e validade instrumental do questionário, por meio de uma abordagem *Multi-traços/Multi-métodos* (MTMM) – um cenário experimental que consiste em perguntar aos participantes três questões de investigação que medem duas vezes os diferentes conceitos de interesse (traços), utilizando, para isso, escalas de resposta alternativas, em cada uma dessas etapas de mensuração. Da mesma forma, a plataforma metodológica do questionário adopta abordagens de optimização das taxas de resposta e minimização de enviesamento decorrente da ausência de resposta. Uma vez que os níveis de responsividade, quando elevados, são indicativos de qualidade, é exigível, na realidade ESS, uma taxa mínima de resposta de 70% ou, nos casos em que tal se demonstrar impossível, uma taxa mínima superior à última ronda administrada. Supletivamente, o ESS promove uma componente de correcção de erros de mensuração, passíveis de produzir estimativas enviesadas das vertentes relacionais das variáveis: baixas fiabilidades/validades podem conceber subestimativas relacionais e a utilização de métodos altamente correlacionados/similares pode conduzir a sobrestimativas relacionais. Quando a informação sobre estas componentes se torna disponível, são aplicadas

técnicas estatísticas de correcção desses mesmos erros. No que diz respeito à qualidade dos itens integrantes no questionário, o *ESS* garante, ainda, o desenvolvimento de um *software* – *Survey Quality Predictor (SQP)* – que permite a realização de um conjunto de previsões feitas com base em meta-análises utilizadoras de abordagens MTMM e assegura, por fim, equivalência de mensuração a três níveis nucleares – configural, métrico e escalar.

#### **6.5.4.1. Atitudes Imigração (Variável Dependente)**

A imigração continua a ser um dos conteúdos políticos mais proeminentes na agenda Europeia, com o brotar dos mais recentes extremismos de direita repletos de posicionamentos anti-imigração e amplamente influenciados pela crise migratória do norte de África e pelo conflito geopolítico do médio Oriente, conotados como marcos contemporâneos da decadência da humanidade e tidos como verdadeiros *shifts* pragmáticos das directivas internacionais. Enquanto tópico de especial relevância, a imigração tem vindo a ser desconstruída no *ESS* (2002; *ESS* 7, 2014) numa perspectiva de captação dos níveis de aceitação/exclusão de diversificadas tipologias de migrantes e de extensão do contacto dos cidadãos com membros dessas mesmas comunidades minoritárias; numa perspectiva cultural, económica e social de enriquecimento ou empobrecimento percebidos, dicotomizados e avaliativos; numa perspectiva de contributo ou corrosão do tecido comunitário, em índices securitários e de moralidade; numa perspectiva de avaliação direccionada a determinados objectos afectivos i.e., numa perspectiva de atitudes relativas à imigração. Embora a actual moldura de trabalho seja precedente ao conflito armado na Síria, compreendendo, por isso, uma negligência do conceito de refugiado, pressupõe uma desconstrução da problemática migratória altamente completa, incidente sobre 21 países à data de 2014. Por consequência, os itens subjacentes à operacionalização do supracitado constructo serão adaptados a partir das rigorosas traduções realizadas no seio do próprio *ESS* em Portugal. No que diz respeito ao seu primeiro tópico de incidência – *os níveis de suporte à migração* – foi consagrada uma medida sumária, de acordo com o questionário aplicado na ronda 7, coincidente com a seguinte premissa “*Portugal tornou-se um lugar pior ou melhor para se viver com a vinda de pessoas de outros países para cá?*” – rotulado como *AT\_IM\_Geral*. O seu enquadramento de resposta, escalar, pressupõe uma variação entre 0 e 10 pontos, com a particularidade de 0 ser indicativo de que Portugal se tornou um lugar pior e 10 ser indicativo de que Portugal se tornou um lugar melhor. A evidência sugere que, contrariamente ao que é tido como senso-comum, à data de 2014 (e em comparação com os resultados de 2002), existe um ligeiro acentuar de atitudes positivas, relativas ao efeito imigratório na sociedade Europeia. Em 2002, treze países continham um *score* inferior ao ponto



médio da escala (5) e em 2014 somente dois países apresentaram esta tendência (ESS, 2016). Subsequentemente, e dada a tradição literária que postula níveis preferenciais, diferenciais, entre migrantes, devidos a questões culturais, de formação, educação e religião, é necessário desconstruir esta hierarquização tipológica. À vista disto, o ESS postula os seguintes itens, adotados no presente estudo: “*Em que medida acha que Portugal deve deixar que pessoas da mesma raça ou grupo étnico, do que a maioria portuguesa, venham e fiquem a viver cá?*” – rotulado como AT\_IM\_MR - “*Em que medida acha que Portugal deve deixar que pessoas de raça ou grupo étnico diferente do que a maioria portuguesa venham e fiquem a viver cá?*” - rotulado como AT\_IM\_OR - “*Em que medida Portugal deve deixar que pessoas dos países mais pobres da Europa venham e fiquem a viver cá?*” - rotulado como AT\_IM\_E - e “*Em que medida Portugal deve deixar que pessoas dos países mais pobres fora da Europa venham e fiquem a viver cá?*” - rotulado como AT\_IM\_FE - com uma classe de resposta, escalar, variante entre “*deve deixar vir muitas pessoas*”, “*deve deixar vir algumas pessoas*”, “*deve deixar vir poucas pessoas*” e “*não deve deixar vir ninguém*”. A evidência sugere que existe uma clara hierarquia do tipo de migrante preferencial (ESS, 2016), com uma notável maioria das pessoas a preferir migrantes da mesma etnia ou raça que a maioria da população do seu país; com os judeus a serem melhor acolhidos do que os muçulmanos e, com estes últimos, a ganharem algum nível de preferência face aos Roma (ciganos). Por fim, numa abordagem do tipo *custo-benefício*, tendente com a possível competição emergente no mercado de trabalho, com a pressão colocada nos serviços de um país ou com a perda de costumes e tradicionalismos culturais, derivadas do fenómeno imigratório, o ESS utiliza um conjunto de itens para captar esta problemática; na presente dissertação, dados todos os constrangimentos temporais, foram utilizados dois. São eles: “*Continuando a pensar nas pessoas que vêm viver e trabalhar para Portugal, acha que isso é mau ou bom para a economia portuguesa?*” – rotulado como AT\_IM\_Economia - com uma escala de respostas variável entre 0 e 10, em que 0 é indicativo da premissa “*mau para a economia*” e 10 de “*bom para a economia*”; e “*Acha que essas pessoas empobrecem ou enriquecem os costumes, as tradições e a vida cultural em Portugal?*” – rotulado como AT\_IM\_Cultura - com as mesmas unidades de resposta, mas com o 0 a denotar-se indicativo da premissa “*Empobrecem a vida cultural*” e 10 a denotar-se indicativo de “*Enriquecem a vida cultural*”. Portugal tem vindo a apresentar uma polarização mais negativa do impacto da imigração ao nível da economia, contudo, culturalmente, tal não se verifica. Os itens com uma classe de resposta de 4 pontos – AT\_IM\_MR, AT\_IM\_OR, AT\_IM\_E e AT\_IM\_FE - foram tidos como uma medida compósita para efeitos de análise estatística,

rotulada como *Imigr\_1*, onde médias de *scores* mais elevadas são indicativas de atitudes anti-imigração. Os *itens* com uma classe de resposta de 11 pontos – *AT\_IM\_Geral*, *AT\_IM\_Economia* e *AT\_IM\_Cultura* - foram invertidos e tidos como uma segunda medida compósita, para efeitos de análise estatística, rotulada como *Imigr\_2*, de modo a que médias de *scores* mais elevadas fossem, identicamente, indicativas de atitudes anti-imigração. Consequentemente, foi calculada a fiabilidade da primeira medida compósita (*Imigr\_1*), numa perspectiva de consistência interna = correlação entre itens e esta apresentou um valor bastante elevado ( $\alpha = ,973$ ). Adicionalmente, foi calculada a fiabilidade da segunda medida compósita (*Imigr\_2*), nos mesmos termos, e esta apresentou-se igualmente robusta ( $\alpha = ,813$ ).

#### **6.5.5. Atitudes Autoritárias-Libertárias (Variável Dependente)**

Curtice e Bryson (2001) apresentam uma revisão de algumas medidas autoritárias-libertárias a ter em consideração na presente secção. Seguindo as principais normativas operacionais, o *British Election Study* pressupõe o primeiro âmbito de desenvolvimento de uma escala de orientação política contendente com um posicionamento libertário-autoritário. A sua estrutura adopta 6 itens coincidentes com posições mais ou menos liberais – e.g., “*A censura de filmes e revistas é necessária para manter os padrões morais*” (tradução livre) – complementados por uma escala de 5 pontos, tipicamente, Likertiana; A presente proposta de mensuração consagra, consequentemente, um alfa de Cronbach insuficientemente baixo (,50 vs. ,65 escala esquerda-direita). Subsequentemente, o *British Social Attitudes* (BSA) é um questionário anual que data a 1983 e envolve entrevistas a mais de 3000 participantes por meio de amostragem probabilística aleatória; Similarmente ao enquadramento supracitado, trata-se de uma abordagem nacional que consagra uma panóplia de tópicos relativos ao estilo de vida na Grã-Bretanha. Na sua temática política, o BSA inclui uma escala similar à medida libertária-autoritária já descrita, mas que, psicometricamente, se cota razoavelmente melhor. Em 1999 a mensuração alcançou um alfa de Cronbach de ,77, o que lhe confere um nível de fiabilidade respeitável. A sua classe de resposta emprega, similarmente, uma escala de Likert de 5 pontos. Por fim, os estudos de Middendorp (1987, 1991 *cit in* Curtice & Bryson, 2001) desenvolveram um conjunto de escalas a ter, identicamente, em conta; cada uma delas contem itens tendentes a questões como a liberdade de expressão, tolerância em relação a criminosos, tradicionalismo familiar, etc que, em conjugação, i.e., na perspetivação do seus *scores* combinados, formam uma variável libertária-autoritária. A abordagem do autor tinha como principal objectivo a construção dos valores de liberdade e igualdade na população, através da prossecução do seu significado no cerne das atitudes políticas e na operacionalização da dimensão libertária-

autoritária, algumas das suas escalas demonstraram propriedades psicométricas boas ( $\alpha = ,71, ,87$ ), com um aumento exponencial dessas propriedades à medida que mais itens eram inseridos na escala (veja-se a maior escala com 30 itens e  $\alpha = ,90$ ). Por fim, a escala de *Adorno et al.* (1950) denota-se uma medida robusta de autoritarismo, com uma classe de respostas subdividida em 5 níveis, variáveis entre “*concordo fortemente*” e “*discordo fortemente*”, e com uma fiabilidade, geral, demonstrada empiricamente pelos autores, com uma distanciamento temporal de aplicação de uma semana, de ,92.

#### **6.5.5.1.Pré-medida: Itens da escala de Adorno et al. (1950)**

A pré-medida de autoritarismo, utilizada na presente investigação, cronologicamente aplicada uma semana antes do lançamento do estudo concreto, consistiu num aglomerado de itens seleccionados, criteriosamente, pertencentes à escala de *Adorno et al.* (1950), passíveis de mapear um conjunto de dimensões-chave, intrínsecas ao constructo de Autoritarismo. Na sua obra, “*A Personalidade Autoritária*” (Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson & Sanford, 1950), os autores argumentam um módulo compósito de 9 aspectos, tipicamente associados a tendências de resposta autoritária, frequentemente relacionadas com a capacidade intelectual e nível educacional individuais. Dimensionalmente, o constructo é percebido como sendo subdivisível em parâmetros de *Convencionalismo, Submissão Autoritária, Poder e Dureza, Agressão Autoritária, Destrutivismo e Cinismo, Projectividade, Anti-Intracepção, Superstição e Estereotipagem e Sexo (Preocupação exagerada com comportamentos sexuais)*, compostos, individualmente, por uma panóplia de itens com uma classe de resposta, tradicionalmente, escalar. Como tem vindo a acontecer com outras escalas, a base de julgamento estatístico da qualidade de cada item está postulada, literariamente, através do cálculo do poder discriminativo intrínseco a cada elemento e, como tal, existe uma robusta base de referência passível de ser utilizada na selecção partimentada de itens escalares a utilizar no presente estudo. Tendo isto em consideração foram seleccionados, de acordo com o seu poder discriminativo, calculado diferencialmente entre elementos do sexo masculino e elementos do sexo feminino por *Adorno et al.* (1950) e de acordo com a sua inserção dimensional, de forma a abranger a totalidade das dimensões representativas do constructo de autoritarismo, os seguintes itens: (1) Convencionalismo – “*A obediência e o respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças devem aprender.*” - rotulado como “*Q1*”, (DP,  $M = 2,70$  vs  $F = 3,91$ ); (2) Submissão Autoritária/Poder e Dureza - “*O que este país mais precisa, mais do que leis e programas políticos, é de alguns líderes dedicados, corajosos e incansáveis, nos quais as pessoas possam depositar a sua fé.*” – rotulado como “*Q2*”, (DP,  $M = 2,32$  vs.  $F$

= 2,87); (3) Poder e Dureza/Submissão Autoritária – *“O que os jovens mais precisam é disciplina rigorosa, determinação vinda, e vontade de trabalhar e lutar pela sua família e pelo seu país.”* – rotulado como “Q3”, (DP,  $M = 3,60$  vs  $F = 4,03$ ); (4) Destrutivismo e Cinismo – *“Sendo a natureza humana como é, vão existir sempre guerras e conflito.”* – rotulado como “Q4”, (DP,  $M = 2,32$  vs  $F = 2,98$ ); (5) Agressão Autoritária – *“Crimes sexuais, tais como violações e ataques a crianças, merecem mais do que uma mera medida de prisão; Tais criminosos deviam ser publicamente chicoteados ou pior.”* – rotulado como “Q5”, (DP,  $M = 3,68$  vs  $F = 4,32$ ); (6) Projectividade – *“Hoje em dia, quando tantos tipos diferentes de pessoas se movimentam e misturam umas com as outras, uma pessoa tem que se proteger de forma especialmente cuidadosa contra infeções e doenças vindas delas.”* – rotulado como “Q6”, (DP,  $M = 2,82$  vs  $F = 3,52$ ); (7) Anti-Intracção/Agressão Autoritária – *“Se as pessoas falassem menos e trabalhassem mais, toda a gente estaria melhor.”* – rotulado como “Q7”, (DP,  $M = 2,84$  vs  $F = 3,10$ ); (8) Superstição e Estereotipagem – *“A ciência tem o seu lugar, mas existem muitas coisas importantes que nunca poderão ser compreendidas pela mente humana.”* – rotulado como “Q8”, (DP,  $M = 2,55$  vs  $F = 2,89$ ); (9) Sexo – *“A vida sexual selvagem dos antigos Gregos e Romanos era contida quando comparada com algumas situações actuais deste país, passadas, inclusive, em locais onde as pessoas menos esperam.”* – rotulado como “Q9”, (DP,  $M = 2,48$  vs  $F = 3,10$ ). Os itens supracitados foram traduzidos, livremente, numa perspectiva de tradução/retroversão inter-investigadores e foram utilizados com uma classe de resposta escalar de 5 pontos, na qual 1 – Discordo Fortemente e 5 – Concordo Fortemente. Os anteriores itens foram tidos como *score* compósito na fase de análise estatística sob o rótulo de *Adorno\_Score*, sendo que a resultante pré-medida de autoritarismo apresentou uma consistência interna de  $\alpha = ,803$ , com poderes discriminativos singulares adequados, conforme já referido, demonstrando, assim, qualidades de mensuração do constructo de autoritarismo desejáveis. *Scores* mais elevados neste índice são indicativos de atitudes autoritárias.

#### 6.5.5.2. Itens Autoritarismo do ESS

No que diz respeito à medida autoritária-libertária aplicada após o tratamento experimental, existiu uma influência maioritária das propostas e estudo piloto realizados pelo ESS, na demonstração do mais optimal aglomerado de itens inerentes às dimensões do constructo supracitado. Assim, após uma proposta inicial de 5 itens – (1) *“Young people should be taught to respect authority”*; (2) *“There is nothing wrong In homosexuality”*; (3) *“Censorship of films and magazines is necessary to uphold moral standards”*; (4) *“People who propose overthrowing democracy should be free to stand in national elections”*; (5) *“The law*

*should always be obeyed, even when a particular law is felt to be wrong*”; - retirados de uma panóplia de medidas já exploradas na desconstrução operacional do constructo autoritário-libertário, onde a qualidade individual de cada um desses elementos era tida como adequada, a problemática central teve que ver com a relação entre parâmetros de conceptualização inerentes a cada elemento escalar. Isto significa que, embora a orientação libertária sugira que os indivíduos devem ser altamente livres de fazer as suas próprias escolhas morais, isto não implica que os sujeitos tenham que ser, taxativamente, direccionados para uma positividade em relação a desvios à normatividade. Os indivíduos devem defender o direito a esses desvios, mas não têm, necessariamente, que os apoiar. Isto tem causado alguma confusão conceptual e operacional e, no desenvolvimento da presente medida, implicou a exclusão do item (2). Da mesma forma, uma segunda componente L-A de protecção de normas e valores torna questionável os itens (1), pela sua ligação a uma componente educacional e não a uma componente normativa e (5) pela última parte constitutiva desse item – *“even when a particular law is felt to be wrong”*. Assim, após uma revisão literária exaustiva e um conjunto de procedimentos léxico-gramáticos necessários, os autores realizaram uma proposta final de 5 itens. São eles: (1) *“Homosexuals should be free to live their own life as they wish”*; (2) *“Whatever the circumstances, the law should always be obeyed”*; (3) *“Political parties which wish to overthrow democracy should be banned”*; (4) *“Authorities should never interfere with people’s right to take part in non-violent protests and demonstrations”*; (5) *“It is more important for the legal system to protect the innocent than to convict the guilty”*; (6) *“People who want children ought to get married first”*. De acordo com o estudo piloto realizado por si (Curtice & Bryson, 2001) de forma a testar as qualidades operacionais dos elementos supracitados, parecem existir dois factores emergentes na constituição da mensuração referida, com os itens 1, 2 e 6 a denotar-se representativos de uma orientação mais ou menos libertária, os itens 3, 4 e 5 a representar uma componente mais política e a consistência interna para cada factor a denotar-se altamente fraca, com valores de alfa situados nos ,13 e ,33, respectivamente. Uma vez que os itens demonstraram uma fiabilidade superior, singularmente, do que em escala, como foi referido anteriormente, os autores optaram por utilizar os elementos representativos do primeiro factor, com os itens 1 e 2 a demonstrarem-se indicativos de orientações libertárias e o item 3 a demonstrar-se indicativo de orientações políticas libertárias. Tal abordagem foi adoptada, similarmente, no presente estudo. Assim, tendo em conta algumas traduções realizadas pelo ESS, mas seguindo, novamente, uma lógica de tradução livre, com retroversão inter-investigadores, foram utilizados os seguintes itens para mensurar a componente

autoritária-libertária dos sujeitos após o tratamento experimental: (1) “*Os homossexuais devem ser livres de viver a sua vida conforme queiram*” – rotulado como *AT\_Homossexuais*; (2) “*Quaisquer que sejam as circunstâncias, a lei deve ser sempre obedecida*” – rotulado como *AT\_Lei* (3) “*Os partidos políticos que desejam derrubar a democracia deviam ser banidos*” – rotulado como *AT\_Partidos*. Adicionalmente, e por ser do maior interesse à investigação integrar uma componente de punitividade criminal na fase exploratória que é a presente dissertação, foi adicionado um quarto elemento à referida medida, coincidente com a seguinte premissa: (4) “*Para alguns crimes a pena de morte é a sentença mais adequada*” – rotulado como *AT\_PM*. O anterior item foi retirado das séries temporais do *British Social Attitudes*, e todos eles consagraram uma classe de resposta escalar de 5 pontos em que 1- Concordo Fortemente e 5 – Discordo Fortemente. Graças a esta codificação, alguns itens tiveram que ser invertidos em fase de análise estatística – *AT\_Lei* e *AT\_PM* - e os *scores* interpretados cautelosamente. A totalidade dos itens demonstrou um  $\alpha = ,820$ . Os itens supracitados, normais e invertidos, foram tidos enquanto medida compósita ao nível da análise estatística sob o rótulo de *Autor\_I*, onde *scores* mais elevado são indicativos de atitudes autoritárias.

## 6.6. Estratégia Analítica

A fase analítica inicial, inserida na presente segunda etapa de estudo, consagrou um tratamento, preliminar, dos sujeitos amostrais, no constante aos seus parâmetros fisiológicos e auto-reportados. Os participantes sem dados declarativos ou fisiológicos foram considerados nulos. Os casos de ausência de resposta auto-reportada foram considerados indicativos da incompletude do paradigma experimental, por parte do sujeito, e os casos de exclusão, sobretudo de evidência fisiológica, estão relacionados com sinais demasiado ruidosos – indicativos de má colocação dos sensores, demasiado movimento, condições experimentais inadequadas com demasiadas distrações, etc - ou com sinais temporalmente inadequados. No que diz respeito a esta última problemática, foram produzidos gráficos de linhas (os gráficos encontram-se reportados no anexo IV), na sua qualidade de auxiliares visuais da evidência ordenada temporalmente, e excluídos todos os casos com durações excessivamente inferiores ou superiores à duração genérica de 2486 segundos (o equivalente aos 41 minutos de exposição do vídeo)<sup>3</sup>. Esta filtragem preliminar pressupôs a elegibilidade de 24 sujeitos divididos pelas componentes fisiológicas ( $n = 15$ ) e auto-reportadas ( $n = 20$ ) para a fase de análise estatística, subdivisível nas suas componentes descritivas e inferenciais, contudo, somente 11 sujeitos

---

<sup>3</sup> Embora os sujeitos 4996 e 4999 tenham uma temporalidade anómala, foram admitidos na presente análise.

contêm evidência fisiológica e auto-reportada na sua totalidade complementar, i.e., somente 11 sujeitos completaram a componente de exposição e responderam, de seguida, à medida auto-reportada. As estatística inferencial principal dirá respeito a este núcleo. Em termos fisiológicos foram calculados alguns parâmetros de análise, nomeadamente, o número de picos (total), inerente a cada exposição individual mediática, como fase decorrente de uma etapa de tratamento de dados precedente – limpeza, organização dos dados fisiológicos. Aqui, o critério de definição de pico utilizado coincidiu com a premissa: “*qualquer oscilação com onset e offset repentinos, passível de não se confundir com ruído fisiológico*”, tendo sido avaliado por dois investigadores independentes. O número de picos foi calculado, individualmente e comparado em enquadramento inter-investigador, no sentido de se exponenciar a fiabilidade do método adoptado. O *score* de ambos os investigadores foi correlacionado e obteve-se uma correlação inter-cotadores de  $r = ,946$ , tendente para alguma consistência na contabilização feita. Embora se reconheça que tal método não seja o mais robusto, em termos científicos, procurou-se, dadas todas as limitações existentes, introduzir alguma consistência e fiabilidade numa contagem altamente subjectivada, com a estatística correlacional inter-investigador utilizada. Incita-se a adopção de outras técnicas de contabilização de picos em estudos futuros. Após a fase descrita, o número total de picos, de ambos os investigadores, foi somado e dividido, de modo a alcançar-se um valor médio entre as contabilizações de cada um e, de seguida, dividiu-se esse número pelo período de exposição, em segundos, ao estímulo mediático utilizado no paradigma experimental. Isto permitiu a obtenção de um parâmetro de *número de picos por minuto* de cada sujeito. Em jeito de conclusão foi ainda calculada a média de GSR individual, o máximo individual e a amplitude electrodérmica de cada sujeito. Todos os supracitados indicadores são tidos como adequados na análise psicofisiológica (Cacioppo, Tassinary & Bernston, 2007).

## **6.7. Resultados**

### **6.7.1. Estatística Descritiva**

As estatísticas descritivas encontram-se reportadas na tabela 3 e na tabela 4. No que diz respeito a uma primeira abordagem estatística, foram exploradas algumas medidas de tendência central e dispersão, enquanto moldura descritiva geral da evidência obtida. As variáveis de carácter quantitativo como a idade, as variáveis GSR e os *scores* compósitos das várias atitudes autoritárias-libertárias e atitudes imigratórias são preliminarmente bem descritas por médias amostrais ( $\bar{X}$ ) e desvios-padrão ( $SD$ ), com especial importância na identificação precoce de possíveis valores de interesse, outliers, valores extremos, direcionalidades correlacionais ou

mesmo padrões de diferenciação categórica, todos eles aptos a conduzirem os posteriores ensaios estatísticos. As variáveis qualitativas, por outro lado, na sua qualidade de ausência numérica real, substituível por categorias simbólicas de resposta, deverão ser exploradas numa perspectiva de percentagens, como é o caso, por exemplo, do sexo e dos canais de preferência dos sujeitos. Por fim, a opção da utilização de testes paramétricos ou não paramétricos, ao longo da presente etapa, deverá ser avaliada na verificação da normalidade inerente à distribuição dos dados concretos. Como tal, para testar a normalidade, utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov (ver resultados no anexo V). Em termos de avaliação das propriedades psicométricas das várias escalas e índices de itens, utilizou-se uma medida de emparelhamento correlacional interno, o alfa de Cronbach ( $\alpha$ ).

Numa primeira observação, descritiva, as estações televisivas RTP1 e SIC foram as que alcançaram maior preferência de visualização, na presente unidade amostral, dotada de uma ligeira superioridade de elementos do sexo masculino, face a elementos do sexo feminino (58,3% vs 41,7%). De igual forma, os indivíduos parecem auto-reportar uma componente de exposição mediática semanal, média, com maior prevalência nas categorias de menos de meia hora (25%), meia hora a uma hora (25%) e uma hora e meia a duas horas (25%). A quantidade de horas dedicadas a política e programas da actualidade, por sua vez, encontra o seu apogeu nas categorias de menos de meia hora (35%) e de meia hora a uma hora (35%). Tais achados parecem ser indicativos de uma componente amostral com hábitos de visualização, televisivos, fracos a intermédios e uma incidência bastante residual sobre temáticas políticas e da actualidade, com especial preferência pelas estações televisivas RTP1 e SIC. Uma comparação descritiva, adicional, levada a cabo numa perspectiva de segmentação de géneros, sustentou, ainda, alguns parâmetros de interesse, com as mulheres a eleger como canal preferencial a SIC (40%), com alguma margem sobre os restantes e os homens parecem eleger a RTP1 (40%) como estação televisiva de escolha. No que diz respeito à componente quantitativa da presente dissertação, a sua desconstrução, visual, preliminar, sustenta alguns focos de interesse, sobretudo numa componente diferencial entre géneros. Uma vez que as estatísticas descritivas sustentam um foco algo aleatório, a procura de diferenças, substanciais e significativas será realizada, somente, ao nível da secção de estatística inferencial da presente dissertação.



**Tabela 3.** Percentagens Descritivas das Variáveis Categóricas.

Variável	Categorias							
	Sexo	Feminino	Masculino					
		41,7%	58,3%					
Canal de Televisão Preferencial		RTP1	SIC	TVI	SIC N	TVI 24	CMTV	
		30%	30%	10%	25%	5%	0%	
Número de Horas de Tv		Nenhuma	< 0h30m	0h30m a 1h	1h a 1h30m	1h30m a 2h	2h a 2h30m	2h30m a 3h
		0%	25%	25%	20%	25%	0%	5%
Horas dedicadas a Política e Assuntos da Actualidade		Nenhuma	< 0h30m	0h30m a 1h	1h a 1h30m	1h30m a 2h	2h a 2h30m	2h30m a 3h
		20%	35%	35%	10%	0%	0%	0%

**Tabela 4.** Estatísticas Descritivas Quantitativas Gerais e por Género (Sem tratamento de *Outliers*).

Variável	Picos por Minuto		Média		Máximo		Amplitude	
	(GSR)		(GSR)		(GSR)		(GSR)	
	X	SD	X	SD	X	SD	X	SD
Homens	,784	,607	1585,875	887,674	2635,875	1097,283	1050,000	478,706
Mulheres	,514	,329	1297,857	597,038	2658,714	497,629	1360,714	259,279
Geral	,658	,450	1451,467	754,234	2646,533	841,596	1195,000	411,382
	Pré-Medida Autoritarismo		Autoritarismo		Imigração 1		Imigração 2	
	X	SD	X	SD	X	SD	X	SD
Homens	3,58	,707	2,500	,333	2,200	,587	4,967	1,753
Mulheres	3,22	,849	2,625	,517	2,000	,890	5,200	1,932
Geral	3,43	,773	2,563	,428	2,100	,741	5,083	1,800

### 6.7.2. Estatística Inferencial

No que diz respeito à análise correlacional entre variáveis, foram utilizadas medidas de associação que promovem uma quantificação da intensidade e direcção no relacionamento entre duas componentes. Concordantemente com a secção anterior, a distribuição de cada factor foi estimada previamente à utilização de testes paramétricos ou não paramétricos – *Pearson vs Spearman/Kendall's Tau*. O interesse, na presente secção, é compreender se a activação fisiológica resultante de uma exposição mediática está correlacionada com os *scores* nas várias medidas atitudinais, afectivas e cognitivas. Interessarão, sobretudo, correlações moderadas a muito fortes, superiores a  $r = ,40$  (Evans, 1996) e significativas ( $p < ,05$ ). Na comparação de médias, os pressupostos de normalidade mantêm-se como principais norteadores da selecção estatística em ocorrência, tendo sido aplicados, maioritariamente *t-tests/ANOVAS* na procura diferencial significativa de médias, inerente a distribuições normais. Não obstante, foram também utilizados testes U de *Mann-Whitney em alguns casos que assim o exigiram*. O principal interesse da procura diferencial é um de exploração.

#### 6.7.2.1. Pré-Medida de Autoritarismo

Foi conduzido um *t-test* para amostras independentes no sentido de se comparar os *scores* de autoritarismo na pré-medida entre ambos os géneros. Não foram encontradas diferenças significativas entre as condições do *sexo masculino* ( $X=3,58$ ,  $SD = ,707$ ) e do *sexo feminino* ( $X=3,22$ ,  $SD = ,849$ ;  $t(22) = 1,120$ ,  $p = ,275$ ). Isto sugere que os homens e as mulheres não diferem, significativamente, em termos de autoritarismo. Adicionalmente foi produzido um coeficiente de correlação de Pearson no sentido de se avaliar a relação entre a idade e uma componente de autoritarismo captada pelos itens compositores da pré-medida edificada no presente estudo. Foi encontrada uma correlação positiva, moderada e significativa entre as variáveis ( $r = ,570$ ,  $n = 24$ ,  $p = ,004$ ), o que sugere que *scores* mais elevados nos itens agregados, indicativos de níveis mais elevados de autoritarismo, estão correlacionados com idades mais avançadas nos sujeitos. Tal achado é coincidente com literatura passada que postula que sujeitos mais velhos são, usualmente, mais autoritários. Foi ainda produzido um segundo coeficiente de correlação de Spearman entre a pré-medida de autoritarismo e o número de picos fisiológicos por minuto (dadas as violações de normalidade inerentes à distribuição dos *scores* de picos/min). Não foi encontrada uma correlação de interesse na presente desconstrução ( $r = ,018$ ,  $n = 15$ ,  $p = ,949$ ) o que sugere que os indivíduos, *a priori*, mais autoritários não são, necessariamente, mais reactivos, fisiologicamente, a conteúdos mediáticos noticiosos, prolongados.

**Tabela 5.** Coeficientes de Correlação: Pré-medida, Idade e Número de Picos por Minuto.

Variável	Correlações		
	1.	2.	3.
1. Adorno_Score	1		
2. Idade	,570**	1	
3. Picos_Min	,018	,490*	1

\*  $p < ,05$

\*\*  $p < ,01$

#### 6.7.2.2. Género, Reactividade Fisiológica e Atitudes

Tendo em conta os níveis diferenciais observados na estatística descritiva, no respeitante à reactividade fisiológica diferencial entre géneros, foi produzida uma comparação de médias através da utilização de um *Mann-Whitney U Test* – tendo em conta a violação dos pressupostos de normalidade inerentes à variável contínua de interesse – no sentido de se compreender se existe uma verdadeira diferença entre géneros, no respeitante à reactividade fisiológica a conteúdos noticiosos mediáticos de exposição prolongada. De acordo com a estatística supracitada, tendo em conta o presente tamanho amostral ( $n < 61$ ) e a exclusão de *outliers* já descritos previamente ao nível da evidência fisiológica, existe uma diferença significativa entre os níveis de reactividade fisiológica do sexo masculino ( $X = ,573$ ) e os níveis de reactividade fisiológica do sexo feminino ( $X = ,397$ ;  $U = 6,000$ ,  $p = ,032$ ), indicativa de que os homens são fisiologicamente mais reactivos a conteúdos mediáticos prolongados, do que as mulheres. Complementar a esta evidência, foi ainda produzido um último cenário estatístico coincidente com as supracitadas dissemelhanças. Após uma divisão da base amostral por género, com exclusão de devidos *outliers*, produziram-se coeficientes de correlação de Spearman entre o número de picos por minuto masculinos e as variáveis atitudinais imigratórias (Imigr\_1 e Imigr\_2) e o número de picos por minuto femininos e as mesmas variáveis atitudinais imigratórias. De acordo com os resultados obtidos, existe uma correlação forte, positiva, não significativa, entre o número de picos por minuto masculinos e o primeiro conjunto de atitudes imigratórias ( $r = ,778$ ,  $p = ,222$ ) e uma correlação muito forte, positiva, *borderline* não-significativa, entre o número de picos por minuto masculinos e o segundo conjunto de atitudes imigratórias ( $r = ,949$ ,  $p = ,05$ ). Pelo contrário existe uma correlação moderada, negativa, não significativa entre o número de picos por minuto femininos e o primeiro conjunto de itens imigratórios ( $r = - ,617$ ,  $p = ,192$ ) e uma correlação fraca, negativa e não significativa entre o número de picos por minuto femininos e o segundo conjunto de atitudes imigratórias ( $r = - ,143$ ,  $p = ,787$ ). Associadas com a evidência diferencial anteriormente edificada, parecem existir verdadeiras diferenças de activação afectiva, entre géneros, culminantes em relações

diferenciais numa componente atitudinal imigratória. Os homens, mais reactivos fisiologicamente, parecem demonstrar-se, igualmente, mais anti-imigração, pós-exposição mediática, enquanto as mulheres parecem apresentar relações no sentido inverso, com menor força estatística – sem intenção de inferência, causal, contudo, dadas as limitações inerentes ao presente estudo.

**Tabela 6.** Coeficientes de Correlação: Atitudes Imigratórias e Reactividade Fisiológica para o Sexo Masculino.

Variável	Correlações		
	1.	2.	3.
1. Picos_Min	1		
2. Imigr_1	,778	1	
3. Imigr_2	,949	,643*	1

\*  $p < ,05$

\*\*  $p < ,01$

**Tabela 7.** Coeficientes de Correlação: Atitudes Imigratórias e Reactividade Fisiológica para o Sexo Feminino.

Variável	Correlações		
	1.	2.	3.
1. Picos_Min	1		
2. Imigr_1	-,617	1	
3. Imigr_2	-,143	,750*	1

\*  $p < ,05$

\*\*  $p < ,01$

### 6.7.2.3. Reactividade Fisiológica e Atitudes

Foi produzido um conjunto de coeficientes de correlação entre as várias medidas fisiológicas e as medidas atitudinais para explorar possíveis efeitos relacionais importantes. Os resultados encontram-se reportados na tabela 8. Embora não tenham sido encontradas correlações robustas entre o número de picos fisiológicos por minuto e as atitudes autoritárias-libertárias (nem pré, nem pós-exposição), foi encontrada evidência correlacional, moderada e positiva entre este indicador fisiológico e um dos conjuntos de itens relativos às atitudes imigratórias (Imigr\_2;  $r = ,511$ ,  $n = 11$ ,  $p = ,108$ ) através da utilização de um coeficiente de Spearman. Dois pontos a ter em consideração aqui. Em primeiro lugar, a produção da mesma relação sob o enquadramento do coeficiente de Pearson, embora amplificadora da força e significância correlacionais ( $r = ,652$ ,  $n = 11$ ,  $p = ,030$ ) pressupõe a violação da assumpção de normalidade distributiva e torna-se vulnerável à existência de outliers amostrais. Com a produção de *scatter plots* exploratórios (ver gráficos em anexo VI) foi possível a identificação de 1 outlier na evidência fisiológica, pelo que o coeficiente de Pearson, sensível a esta realidade, foi excluído. O coeficiente de Spearman produzido, embora não significativo, é insensível a estes valores extremados, e sustenta uma força correlacional de especial interesse à presente

investigação. Dado o reduzido tamanho amostral, não admira a perda de significância aquando da produção de estatística de generalização correlacional; Contudo, uma relação de ,511 é forte o suficiente para evidenciar que poderá existir uma relação entre a reactividade fisiológica a programáticas noticiosas de longa duração e a esfera atitudinal imigratória individual.

**Tabela 8.** Coeficientes de Correlação entre Variáveis de GSR, Variáveis de Exposição Mediática e Variáveis Atitudinais.

Variável	Correlações							
	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
<b>1.Picos/Minuto</b>	1							
<b>2.Imigração (1)</b>	,351	1						
<b>3.Imigração (2)</b>	,511	,670**	1					
<b>4.Autoritarismo (Pós)</b>	-,149	,428	,199	1				
<b>5.Autoritarismo (Pré)</b>	,018	,545*	,356	,464*	1			
<b>6. Idade</b>	,025	,143	,303	,102	,490*	1		
<b>7. Horas Tv/Semana</b>	,196	,41	,437	,161	,319	,676**	1	
<b>8. Amplitude GSR</b>	-,399	,048	-,064	-,195	,154	,113	,447	1
<b>9. Sexo</b>	-,464	-,174	-,131	,132	-,263	,024	,241	,371

\*p < ,05

\*\*p < ,01

Tal achado suporta a ideia de que sujeitos que experienciam uma maior activação fisiológica e, por consequência, afectiva, perante estímulos mediáticos de longa duração, têm mais atitudes anti-imigração do que os seus pares que experienciam uma menor reactividade psicofisiológica a esses conteúdos. A interpretação da anterior evidência pode pressupor que a activação emocional específica, edificada por segmentos noticiosos prolongados, repletos de notícias de crime e vitimação, pode enfatizar a componente atitudinal individual dos sujeitos que apresentam uma maior reactividade fisiológica (por extensão, sensibilidade fisiológica) a este tipo de programáticas, tornando-os mais anti-imigração, independentemente do seu

posicionamento mais ou menos autoritário. Dadas as limitações experimentais do presente estudo, contudo, a direccionalidade causal da supracitada interpretação não pode ser provada, somente postulada em jeito de suposição. Adicionalmente, o restante conjunto de itens atitudinais imigratórios (Imigr\_1) demonstraram uma correlação, fraca, positiva e não significativa com o número de picos por minuto ( $r = ,351$ ,  $n=11$ ,  $p= ,291$ ). Mais uma vez, este achado deve ser interpretado de acordo com as limitações já supracitadas e poderá abrir caminho para a sua exploração mais aprofundada em estudos futuros. Dado que o conjunto de itens Imigr\_1 reporta uma vertente mais relacionada com a diversidade racial dos imigrantes e não tanto com a questão da imigração, propriamente dita, tal particularidade poderá estar a influenciar a força de correlação obtida. Uma vez que se produziu uma correlação de força moderada entre a reactividade fisiológica a conteúdos noticiosos de longa duração, promoveu-se, como nota de conclusão, uma regressão linear entre o número de picos por minuto, enquanto indicador da activação afectiva à exposição mediática, e o conjunto de atitudes imigratórias gerais, económicas e culturais. Nesta formulação, o indicador fisiológico demonstrou-se explicativo de 43% da variância nas atitudes anti-imigratórias, sendo considerado, inclusive, um preditor significativo ( $B = 5,898$ ,  $p = ,03$ ). Contudo, uma vez que este tipo de estatística se denota sensível à existência de outliers, foi criado um filtro estatístico, após tais resultados, que pressupôs a sua exclusão do modelo. Como consequência, o modelo estatístico produzido denotou-se explicativo de somente 14% da variância na variável atitudinal dependente ( $R^2 = ,144$ ), sendo a variável fisiológica de picos considerada um preditor não significativo ( $B = 5,668$ ,  $p = ,280$ ) do modelo proposto.

#### **6.7.2.4. H2: Hipótese de Mediação**

As fracas e insignificantes correlações obtidas, primariamente, entre a componente atitudinal autoritária e a componente de activação afectiva, nos seus diversos indicadores fisiológicos, seus representativos, pressupuseram a desnecessidade de promoção de uma análise de mediação por meio de regressões lineares entre a pré-medida de autoritarismo e os indicadores GSR e, similarmente, entre estes indicadores e a pós-medida autoritária. A regressão linear parte de uma base correlacional e explora o poder explicativo de preditores concretos num modelo estatístico formulado de forma a ser adequado – *fit* – aos dados existentes. Não havendo essa base correlacional exigível, *a priori*, a promoção da supracitada estatística torna-se irrelevante.

#### 6.7.2.5. Horas de Exposição Mediática, Reactividade Fisiológica e Imigração

Foi, ainda, produzido um conjunto de coeficientes de correlação de Spearman para avaliar a relação entre o montante de horas de exposição mediática semanal, as variáveis fisiológicas e as variáveis atitudinais. Os resultados encontram-se, similarmente, descritos na tabela 8.

De interesse, foi encontrada uma associação moderada, positiva e *borderline* não-significativa entre o número de horas de exposição mediática semanal, individual e a quantidade de atitudes anti-imigração ( $r = ,437$ ,  $n = 20$ ,  $p = ,05$ ). Contudo, é importante notar que as variáveis em associação têm uma natureza distinta e que o número de horas de exposição mediática semanal é, melhor, caracterizado por um enquadramento categórico. Como tal, a estatística anterior não é a mais adequada na procura de associações de interesse. Pelo contrário, a realização de uma ANOVA, poderá denotar-se mais útil no presente enquadramento. As estatísticas relativas a este teste encontram-se plasmadas na tabela 9.

**Tabela 9.** Comparação de atitudes imigratórias de acordo com o número de horas de televisão semanal visualizadas.

	<i>N</i>	<i>X</i>	<i>SD</i>
Menos de 0h30m	5	4,600	,894
Entre 0h30m e 1h	5	3,933	1,877
Entre 1h e 1h30m	4	5,167	1,689
Entre 1h30 e 2h	5	5,800	1,346
Entre 2h30m e 3h	1	9,333	-
Total	20	5,083	1,800

*Between Groups:  $F(4) = 3,223$ ,  $p = ,043$*

O supracitado teste evidenciou, assim, níveis diferenciais de interesse inerentes ao seu principal factor – número de horas de exposição mediática semanais - com os indivíduos que visualizam um maior número de horas de televisão, semanais, a reportar mais atitudes anti-imigração, no respeitante a indicadores culturais, económicos e gerais ( $F(4) = 3,223$ ,  $n = 20$ ,  $p = ,043$ ). Da mesma forma, no que diz respeito ao número de horas de exposição televisiva semanal e resposta fisiológica, foi encontrada uma relação interessante entre o número de horas e a amplitude GSR - calculada pela diferença entre o máximo e a média de GSR – com uma

direcção positiva e uma força moderada, embora não significativa ( $r = ,447$ ,  $n = 11$ ,  $p = ,168$ ). Uma vez mais, pela natureza das variáveis, procedeu-se a uma desconstrução deste achado através da realização de um teste ANOVA. Desta vez, o teste não produziu diferenças significativas entre os vários níveis do factor central. Por fim, a idade parece estar correlacionada, significativamente, positivamente e fortemente com a quantidade de horas semanais de exposição mediática ( $r = ,676$ ,  $n = 11$ ,  $p = ,001$ ), sendo que uma exploração mais aprofundada deste achado, por meio de uma ANOVA, pressupõe que as faixas etárias mais novas ( $X = 25,20$  anos) vejam menos de meia hora de televisão, semanalmente, as faixas etárias intermédias vejam, maioritariamente, entre meia hora e 1 hora de televisão semanal ( $X = 37,80$  anos) e as faixas etárias mais avançadas vejam entre 1 hora e 1h30m de televisão ou entre 1h30m e 2h ( $X = 60,50$  anos e  $X = 54,80$  anos, respectivamente). Tal é indicativo de que quanto mais velhos os sujeitos amostrais, maior é o seu tempo de exposição mediática semanal.

## Capítulo III: Discussão

A presente dissertação teve como principal objectivo investigar os efeitos e relações intrínsecos a uma componente de exposição mediática informativa, tangível a conteúdos, maioritariamente, embora não exclusivamente, criminais, numa panóplia de componentes atitudinais tidas como consequenciais no cerne de literatura passada. Na ausência de resultados diferenciais, reportados numa vertente editorial-estilística preliminar, debatida, taxativamente, na supracitada secção de discussão-piloto, tornou-se foco central do actual corpo de trabalho, a exploração de padrões de activação específicos a um *line-up* noticioso ecologicamente adequado e das subsequentes relações de activação afectiva pós-exposição com uma panóplia de componentes atitudinais, consequenciais. No enquadramento quasi-experimental, tido como designador dos contornos processuais almejados, torna-se indelével a impossibilidade de procura de taxatividade causal, um pouco numa crítica ironizada à formulação de hipóteses experimentais. A prova/contra-prova de tais premissas é, cientificamente, melhor concretizada, num enquadramento epistemológico de falsificação, antagónico a prossecuções confirmatórias rigorosamente determinísticas. Assim, a primeira hipótese postulada (H1), de uma relação entre a activação afectiva, decorrente de uma exposição prolongada a conteúdos noticiosos informativos, e uma componente atitudinal anti-imigratória, não objectivará a prova de causalidade taxativa entre as variáveis. As condições investigativas não o permitem. Contudo,



a evidência produzida, na sua índole exploratória, denota-se fulcral na desconstrução de peças de informação, anteriormente, caóticas. De acordo com os resultados obtidos, foi encontrada uma correlação moderada e positiva ( $r = ,511$ ) entre um dos indicadores de activação fisiológica (Picos\_Min) pós-exposição mediática e a segunda componente atitudinal anti-imigratória dos indivíduos participantes no estudo (Imigr\_2). Embora não seja uma correlação significativa, presumivelmente pelo reduzido tamanho amostral, consagra uma força correlacional forte o suficiente para se postular enquanto parâmetro a explorar em investigação futura. De acordo com os achados de Renshon, Lee e Tingley (2015), a direccionalidade proposta, anteriormente, já foi suportada, empiricamente num outro enquadramento de estimulação. Como tal, embora não comprovada causalmente, H1 encontra suporte condicional e limitado às condições já exploradas, de que a activação afectiva, decorrente de uma exposição mediática prolongada, está correlacionada com uma componente atitudinal anti-imigratória. Uma nota extra exige-se, uma vez que somente um dos indicadores atitudinais imigratórios reportou uma correlação moderada. O restante conjunto de itens é visivelmente representado por uma perda de força correlacional estatística (Imigr\_1). Conforme já debatido anteriormente, tal discrepância de resultados pode dever-se a uma formulação conceptual-operacional distinta entre *Itens*. Enquanto o índice *Imigr\_1* está directamente relacionado com questões de tipologias/etnias de imigrantes, o índice *Imigr\_2* diz respeito a um conjunto de dimensões mais genéricas, económicas e culturais. Não obstante, quando produzidos coeficientes de correlação entre os níveis de activação afectiva e o conjunto de atitudes imigratórias, entre géneros, parecem existir relações fortes a muito fortes, positivas, embora não significativas, entre o número de picos por minuto e um parâmetro atitudinal imigratório pós-exposição e relações fracas a moderadas, negativas, não significativas, entre o número de picos por minuto femininos e um conjunto de atitudes imigratórias pós-exposição mediática. Isto pode significar que, pelo seu carácter fisiologicamente mais reactivo, os homens apresentam um maior número de atitudes anti-imigratórias após a exposição prolongada a conteúdos mediáticos informativos, enquanto as mulheres apresentam um maior número de atitudes pró-imigração. Tal evidência é altamente limitada, por todos os constrangimentos investigativos subjacentes ao actual estudo, contudo, pode denotar-se relevante para investigação futura. No que diz respeito a H2, a hipótese de mediação, não foram encontradas correlações ou preditores fortes o suficiente para a provar cientificamente. Não parece existir uma correlação, *a priori*, entre o nível de autoritarismo individual e os vários indicadores de activação afectiva. Isto significa, que os indivíduos mais autoritários não são, necessariamente, mais reactivos a conteúdos mediáticos criminais,

expectativamente, mais negativos e activadores. Da mesma forma, não parece existir uma relação entre o nível de activação afectiva a esses mesmos conteúdos e uma componente autoritária pós-exposição, o que significa que a hipótese não é provável tendo em conta as condições inerentes à presente investigação. Os indivíduos mais autoritários não parecem reagir mais a conteúdos informativos negativos e activadores e, da mesma forma, esses mesmos indivíduos, não parecem tornar-se mais autoritários após a visualização de tais conteúdos. Tal é verificável pela falta de significância encontrada nas várias regressões lineares realizadas. Não obstante, foram encontrados alguns achados de interesse numa perspectiva exploratória. Em primeiro lugar, foi encontrada uma correlação positiva, moderada e significativa ( $r = ,57$ ,  $n = 20$ ,  $p = ,004$ ; coincidente com literatura passada) entre os *scores* de autoritarismo, mensurados pelos itens retirados da escala de Adorno et al. (1950), e uma variável de idade, indicativa de que indivíduos mais velhos são, probabilisticamente, mais autoritários. Este achado suporta a evidência produzida pelos próprios autores, aquando da formulação da edificação escalar, no entanto, quando correlacionadas as variáveis de idade e autoritarismo, conforme mensurado pela escala retirada do *ESS*, parece existir uma ausência de força e significância correlacional no mesmo achado ( $r = ,102$ ,  $n = 20$ ,  $p = ,667$ ). Isto pode ser interpretado de acordo com duas perspectivas: a discrepância de achados pode dever-se (1) a um efeito de instrumentação, com o autoritarismo a ser mensurado por duas medidas qualitativamente distintas, pré e pós exposição-mediática; (2) ou a um verdadeiro efeito decorrente do fenómeno de exposição mediática, passível de alterar o nível de autoritarismo tido como normativo numa distribuição populacional. Uma vez que não foram encontradas correlações nem, tão pouco, modelos de regressão passíveis de provar uma previsão atitudinal autoritária decorrente de uma específica activação afectiva, intrínseca a uma exposição prolongada a conteúdos mediáticos noticiosos, não é possível provar, no actual enquadramento, efeitos da exposição mediática fortes o suficiente para provocar um *shift* nas atitudes autoritárias dos participantes. Como tal, as diferenças correlacionais observadas são, probabilisticamente, decorrentes de diferenças instrumentais. Ainda numa componente exploratória, foi encontrada uma diferença significativa entre o número de picos por minuto, representante de uma componente de activação afectiva, entre homens e mulheres, com os sujeitos do sexo masculino a apresentarem uma média de picos superior aos sujeitos seus complementares, femininos. Os particularismos desta diferença já foram discutidos na secção de resultados, mas tal achado parece ser indicativo de que os homens são, probabilisticamente, mais reactivos/sensíveis fisiologicamente, perante exposições prolongadas a conteúdos mediáticos criminais, do que as mulheres. Tal evidência,

embora coincidente com literatura passada, na assumpção fisiológica diferencial entre o sexo masculino e o sexo feminino, com os homens a possuírem um maior fluxo sudoríparo decorrente de superiores enervações glandulares (Boucsein, 2012) merece futura exploração em contexto mediático. A segmentação dos achados fisiológicos e atitudinais, por género, poderá albergar importantes contributos científicos caso seja plasmado, em cenário experimental, controlado e taxativo de causalidade. Caso os homens sejam efectivamente mais reactivos a conteúdos mediáticos criminais e caso se verifique que, por este motivo, estes se apresentam mais adversos à problemática anti-imigratória, isto poderá criar um espaço de conversação interdisciplinar altamente relevante a várias áreas científicas. Tal achado deverá ser desconstruído na complementação da evidência produzida por Renshon, Lee e Tingley (2015). Por fim, a produção de uma ANOVA exploratória de possíveis diferenças entre indivíduos, de acordo com o número de horas de visualização televisiva semanal, edificou resultados interessantes para futura exploração. De acordo com a evidência obtida, os indivíduos que visualizam um maior número de horas televisivas semanais parecem apresentar mais atitudes anti-imigração, mensuradas por indicadores gerais, económicos e culturais – *Imigr\_2* – do que sujeitos que visualizam um menor número de horas. Tal achado pode ser interpretado à luz dos efeitos mediáticos, cognitivos e afectivos, referenciados na secção teórica da presente dissertação, com teorias de cultura que instruem uma influência televisiva fundamental nos sujeitos, moldando-os de acordo com as suas programáticas. Embora o presente estudo não tenha um carácter longitudinal, passível de seguir estas tendências a longo prazo, denota-se central ao consagrar a possibilidade relacional entre o número de horas de televisão visualizadas e uma componente consequencial atitudinal individual. Contudo, dado o carácter limitado da presente dissertação, a formulação da anterior suposição relacional, não sendo caracterizada por uma taxatividade causal, pode indicar uma direcionalidade oposta, com os indivíduos mais adversos à imigração a procurarem, activamente, uma maior estimulação mediática semanal. A edificação de evidência concreta, no que diz respeito a esta teorização, deverá adoptar parâmetros experimentais mais robustos para seguir a supracitada direcionalidade.

O reconhecimento das limitações inerentes ao actual estudo permite uma interpretação mais cautelosa dos resultados produzidos e uma componente de auto-crítica importante para a compreensão de aprimoramentos futuros incidentes sobre a temática descrita. Assim, em jeito de sumário interpretativo, notam-se os seguintes pontos como passíveis de influenciar os principais resultados obtidos: (1) O reduzido tamanho amostral decursivo de perdas de unidades

amostrais significativas, por fenómenos de mortalidade amostral e necessárias filtrações fisiológicas, consequentes da exclusão de dados electrodérmicos problemáticos em parâmetros de qualidade (ruído) e temporalidade. Problemática, esta, associada a erros na testagem de hipóteses, frequentemente tidos como ausência de detecção de diferenças/associações e aceitação das hipóteses nulas quando estas são, na verdade, falsas (erro tipo II), com significâncias e forças de teste residuais nas associações e diferenças estabelecidas entre variáveis; (2) Pré-testagem não emparelhada com pós-testagem – ao nível das atitudes autoritárias - e ausência de grupo de controlo, com todas as condicionantes que um desenho quasi-experimental de um grupo com pós-observação representa, e problemáticas associadas à manutenção de possíveis efeitos de variáveis parasitas e ameaças de história. De notar, contudo, que na utilização de medidas semelhantes na pré-testagem e pós-testagem atitudinal, o estudo tornar-se-ia, similarmente, vulnerável a ameaças de instrumentação e *testing*; (3) *Software* de mensuração fisiológica altamente pioneiro, passível de dilatar a temporalidade de recolha, com necessidade de habituação e treinamento prévio por parte dos participantes e com a existência de alguns erros de programação de necessária resolução pré-estudo; (4) Complementarmente, mensuração em contexto ecológico, não laboratorial, sujeito a um menor controlo de condições, mas, igualmente, vantajoso na ultrapassagem de problemas de artificialidade de contexto; (5) Utilização de um conteúdo de telejornal já visualizado pelos participantes. Embora tenha existido o cuidado de se seleccionar um conteúdo noticioso com alguma dilação temporal face à actualidade, pode ter existido uma subestimação de possíveis efeitos de memória/efeitos informativos dos participantes face ao telejornal apresentado. Similarmente, a utilização de um segmento noticioso antigo pode ter extinguido uma componente importante na reactividade fisiológica – a componente de novidade (*novelty*) – provocando, assim, uma subestimação de resultados fisiológicos; (6) A utilização de um conteúdo de estimulação com uma duração demasiado prolongada (~40min) susceptível de induzir, nos participantes, uma panóplia de estados – fadiga, aborrecimento, frustração, etc.; (7) Por fim, a nacionalidade do ofensor terrorista de Nice; Embora se tenha evitado optar por um conteúdo contendente com questões de imigração, a temática terrorista, frequentemente associada a nacionalidades derivadas do médio-orient (não exclusivamente, mas maioritariamente) poderá ter um efeito informativo sobre os participantes, no tocante a imigrantes desta zona geográfica. Como tal, foram utilizadas questões atitudinais imigratórias globais, não focalizadas, exclusivamente, em sujeitos oriundos desta área.

No que diz respeito a investigação futura, contendente com a presente temática, existem alguns achados que, em jeito de opinião pessoal, poderão dar origem a evidência de relevo nos campos criminológicos, psicofisiológicos/psicológicos, sociológicos e jornalísticos. Em primeiro lugar, as diferenças segmentais de género, em componentes atitudinais de imigração e em parâmetros fisiológicos de reactividade a conteúdos mediáticos deverão ser exploradas em maior detalhe. Caso seja factua que os indivíduos do sexo masculino são, efectivamente, mais reactivos, fisiologicamente, a conteúdos mediáticos criminais do que os indivíduos do sexo feminino, deverão ser estudados possíveis efeitos diferenciais desta activação, entre géneros, numa panóplia de componentes atitudinais consequenciais. Para além de relações quantificáveis, deverão ser estudadas, adicionalmente, as direcionalidades dessas mesmas componentes relacionais, uma vez que o presente estudo introduz a ideia de que os sujeitos do sexo masculino, mais activáveis fisiologicamente, após exposições prolongadas a conteúdos mediáticos informativos, se denotam mais anti-imigração do que sujeitos do sexo feminino, menos activáveis, fisiologicamente e mais pró-imigração. Adicionalmente, as relações entre a activação fisiológica, decorrente de exposições prolongadas a conteúdos mediáticos criminais, e uma componente atitudinal imigratória deverão ser exploradas de forma não segmentada e tendo em conta uma panóplia de variáveis pessoais contendente com hipóteses de selectividade mediática, procurando compreender se os sujeitos mais activáveis, escolhem, por eles próprios, num processo análogo a um de *assortative mating*, conteúdos mais activadores. O ser humano não é um recipiente passivo, no que toca às suas influências mediáticas quotidianas, e, desta forma, para que uma exploração detalhada seja produzida na actual temática, deverão ser cobertas todas as etapas da fenomenologia descrita desde (1) a selecção de conteúdos; (2) a exposição a esses mesmos conteúdos; (3) os efeitos decorrentes da supracitada exposição; e (4) o reforço ou afastamento dessas componentes de estimulação mediática seleccionadas numa primeira fase. Investigação futura deverá fragmentar-se e explorar cada uma das unidades fásicas supra-descritas de forma rigorosa e detalha, complementando abordagens multi-metodológicas, qualitativas e quantitativas, preferencialmente em cenários de investigação longitudinais, aptos a desconstruir influências temporais e de maturação inerentes às várias unidades amostrais e complementando a integração de grupos de controlo no sentido de se neutralizarem possíveis ameaças de história e efeitos de variáveis tidas como parasitas ao actual paradigma científico.

## Bibliografia

- Abel, T. M. (1930). Attitudes and the Galvanic Skin Reflex. *Journal of Experimental Psychology*, 13(1), 47-60.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1950). *The authoritarian personality*.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding Attitudes and Predicting Social Behaviour*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Albarracín, D., Johnson, B. T., & Zanna, M. P. (2014). *Handbook of Attitudes*. Mahwah: Taylor and Francis.
- Allen, N. B., Trinder, J., & Brennan, C. (1999). Affective startle modulation in clinical depression: Preliminary findings. *Biological psychiatry*, 46(4), 542-550.
- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In *A Handbook of Social Psychology*, 798-844. Worcester, MA, US: Clark University Press.
- Altheide, D. L. (2003). Mass Media, Crime, and the Discourse of Fear. *The Hedgehog Review*, 5(3), 9-26.
- Anderson, C. A., Berkowitz, L., Donnerstein, E., Huesmann, L. R., Johnson, J. D., Linz, D., & Wartella, E. (2003). The Influence of Media Violence on Youth. *Psychological Science In The Public Interest*, 4(3), 81-110.
- Arul, M. J., & Misra, S. (1977). Measurement of Attitudes. Retrieved 29 July, 2018 from <http://hdl.handle.net/11718/1288>
- Ax, A. F. (1953). The Physiological Differentiation Between Fear and Anger In Humans. *Psychosomatic medicine*, 15(5), 433-442.
- Backs, R. W., da Silva, S. P., & Han, K. (2005). A Comparison of Younger and Older Adults Self-Assessment Manikin Ratings of Affective Pictures. *Experimental aging research*, 31(4), 421-440.
- Bagozzi, R. P., & Burnkrant, R. E. (1979). Attitude Measurement and Behavior change: A Reconsideration of Attitude Organization and Its Relationship to Behavior. In *Advances In Consumer Research*, 295-302.

- Ball-Rokeach, S. J., & DeFleur, M. L. (1976). A Dependency Model of Mass-Media Effects. *Communication Research*, 3(1), 3-21.
- Banaji, M. R., & Heiphetz, L. (2010). Attitudes. Em *Handbook of Social Psychology*, 353–388. New York, NY: Wiley
- Berger, P., & Luckmann, T. (1967). *The Social Construction of Reality*. London: Allen Lane.
- Bernard, C., & Bert, P. (1878). *La Science Expérimentale*. Paris: Librairie J.-B. Baillière & Fils.
- Berner, P. (1988). Emotion, Affect and Mood: A Terminological Introduction. *Psychopathology*, 21(2-3), 65-69.
- Bijttebier, P., Beck, I., Claes, L., & Vandereycken, W. (2009). Gray's Reinforcement Sensitivity Theory as a Framework for Research on Personality–Psychopathology Associations. *Clinical Psychology Review*, 29(5), 421-430.
- Blumer, H. (1986). *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Berkeley: Univ of California Press.
- Boucsein, W. (2012). *Electrodermal Activity* (2<sup>a</sup> Ed). New York: Springer
- Bradley, M. M., & Lang, P. J. (1994). Measuring Emotion: The Self-Assessment Manikin and the Semantic Differential. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 25(1), 49-59.
- Bradley, M. M., & Lang, P. J. (2000). Emotion and Motivation. *Handbook of Psychophysiology*, 2, 602-642.
- Breckler, S. J. (1984). Empirical Validation of Affect, Behavior, and Cognition as Distinct Components of Attitude. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(6), 1191.
- Breckler, S. J., & Wiggins, E. C. (1989). Affect Versus Evaluation In the Structure of Attitudes. *Journal of Experimental Social Psychology*, 25(3), 253-271.
- Breed, W. (1955). Social Control In the Newsroom: A Functional Analysis. *Social forces*, 326-335.
- Bushman, B. J. (1995). Moderating Role of Trait Aggressiveness In the Effects of Violent Media on Aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(5), 950.

- Bushman, B. J., & Huesmann, L. R. (2006). Short-Term and Long-Term Effects of Violent Media on Aggression In Children and Adults. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160(4), 348-352.
- Cacioppo, J. T., & Tassinary, L. G. (1989). The Concept of Attitudes: A Psychophysiological Analysis. Em *Handbook of Social Psychophysiology*, 309-347. University of Manchester: John Wiley & Sons.
- Cacioppo, J. T., Berntson, G. G., Larsen, J. T., Poehlmann, K. M., & Ito, T. A. (2000). The Psychophysiology of Emotion. Em *Handbook of emotions*, 2, 173-191.
- Cacioppo, J. T., Gardner, W. L., & Berntson, G. G. (1997). Beyond Bipolar Conceptualizations and Measures: The Case of Attitudes and Evaluative Space. *Personality and Social Psychology Review*, 1(1), 3-25.
- Cacioppo, J. T., Petty, R. E., & Geen, T. R. (1989). From the Tripartite to the Homeostasis Model of Attitudes. *Attitude Structure and Function*, 275-305.
- Campbell, D. T., & Stanley, J. C. (1963). Experimental and Quasi-experimental Designs for Research. *Handbook of Research on Teaching*, 171-246.
- Cantor, J. (2000). Media Violence. *Journal of Adolescent Health*, 27(2), 30-34.
- Chen, S., & Chaiken, S. (1999). The Heuristic-Systematic Model In Its Broader Context. Em *Dual-Process Theories In Social Psychology*, 15, 73-96.
- Chermak, S. (1995). Crime In the News Media: A Refined Understanding of How Crimes Become. Em *Media, Process, and the Social Construction of Crime: Studies In Newsmaking Criminology*, 10, 95 - 131. New York: Garland Pub.
- Chiricos, T., Padgett, K., & Gertz, M. (2000). Fear, TV News, and the Reality of Crime. *Criminology*, 38(3), 755-786.
- Christie, I. C., & Friedman, B. H. (2004). Autonomic Specificity of Discrete Emotion and Dimensions of Affective Space: A Multivariate Approach. *International Journal of Psychophysiology*, 51(2), 143-153.
- Circumplex Model of Affect and Motivational State. (2016, Janeiro). Retrieved from <http://blog.biopac.com/circumplex-model-affect-motivational-state>



- Cline, V. B., Croft, R. G., & Courier, S. (1973). Desensitization of Children to Television Violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27(3), 360.
- Clore, G. L., Gasper, K., & Garvin, E. (2001). Affect as Information. Em *Handbook of Affect and Social Cognition*, 121-144.
- Coan, J. A., Schaefer, H. S., & Davidson, R. J. (2006). Lending a Hand: Social Regulation of the Neural Response to Threat. *Psychological science*, 17(12), 1032-1039.
- Cohen, S. (2002). *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers* (3<sup>a</sup> ed). Psychology Press.
- Cook, T. D., Campbell, D. T., & Shadish, W. (2002). *Experimental and Quasi-Experimental Designs for Generalized Causal Inference*. Boston: Houghton Mifflin.
- Corr, P. J. (2008). *The Reinforcement Sensitivity Theory of Personality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Critcher, C. (2003). *Moral Panics and the Media*. UK: McGraw-Hill Education.
- Critcher, C. (2008). Moral Panic Analysis: Past, Present and Future. *Sociology Compass*, 2(4), 1127-1144.
- Critchley, H. D., Elliott, R., Mathias, C. J., & Dolan, R. J. (2000). Neural Activity Relating to Generation and Representation of Galvanic Skin Conductance Responses: A Functional Magnetic Resonance Imaging Study. *Journal of Neuroscience*, 20(8), 3033-3040.
- Cronbach, L. J., & Meehl, P. E. (1955). Construct Validity In Psychological Tests. *Psychological Bulletin*, 52(4), 281.
- Curtice, J., & Bryson, C. (2001). European Social Survey Core Questionnaire Development – Chapter 6: The Measurement of Socio-Political Orientations. *European Social Survey*, 233 – 258.
- Dawson, M. E., Schell, A. M., & Filion, D. L. (2007). The Electrodermal System. Em *Handbook of Psychophysiology*, 2, 200-223.
- DeFleur, M. L., & Ball-Rokeach, S. (1982). Toward an Integrated Model of Mass Media Effects. *Theories of mass communication*, 233-255.

- Dienes, Z. (2008). *Understanding Psychology as a Science: An Introduction to Scientific and Statistical Inference*. Macmillan International Higher Education.
- Dixon, T. L. (2007). Black Criminals and White Officers: The Effects of Racially Misrepresenting Law Breakers and Law Defenders on Television News. *Media Psychology*, 10 (2), 270-291.
- Dodd, M. D., Balzer, A., Jacobs, C. M., Gruszczynski, M. W., Smith, K. B., & Hibbing, J. R. (2012). The Political Left Rolls with the Good and the Political Right Confronts the Bad: Connecting Physiology and Cognition to Preferences. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London B: Biological Sciences*, 367(1589), 640-649.
- Dominick, J. R. (1978). Crime and Law Enforcement In the Mass Media. *Deviance and Mass Media*, 105-128.
- Doob, A. N., & Macdonald, G. E. (1979). Television Viewing and Fear of Victimization: Is the Relationship Causal? *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(2), 170.
- Dowler, K. (2003). Media Consumption and Public Attitudes Toward Crime and Justice: The Relationship Between Fear of Crime, Punitive Attitudes, and Perceived Police Effectiveness. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture*, 10(2), 109-126.
- Durkheim, E. (1951). *Suicide: A Study In Sociology*. Glencoe, IL: Free Pr.
- Dziobek, I., Rogers, K., Fleck, S., Bahnemann, M., Heekeren, H. R., Wolf, O. T., & Convit, A. (2008). Dissociation of Cognitive and Emotional Empathy In Adults with Asperger Syndrome Using the Multifaceted Empathy Test (MET). *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 38(3), 464-473.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The Psychology of Attitudes*. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1998). Attitude Structure and Function. Em *The Handbook of Social Psychology*, 269-322. New York, NY, US: McGraw-Hill.
- Ekkekakis, P. (2008). Affect Circumplex Redux: The Discussion on its Utility as a Measurement Framework In Exercise Psychology Continues. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 1(2), 139-159.

- Ekkekakis, P. (2013). *The Measurement of Affect, Mood, and Emotion: A Guide for Health-Behavioral Research*. Cambridge University Press.
- Ekkekakis, P., & Petruzzello, S. J. (2002). Analysis of the Affect Measurement Conundrum In Exercise Psychology: IV. A Conceptual Case for the Affect Circumplex. *Psychology of Sport and Exercise*, 3(1), 35-63.
- Ekman, P., Levenson, R. W., & Friesen, W. V. (1983). Autonomic Nervous System Activity Distinguishes Among Emotions. *Science*, 221(4616), 1208-1210.
- Evans, G., Heath, A., & Lalljee, M. (1996). Measuring Left-Right and Libertarian-Authoritarian Values In the British Electorate. *British Journal of Sociology*, 93-112.
- Fabrigar, L. R., MacDonald, T. K., & Wegener, D. T. (2005). The Structure of Attitudes. *The Handbook of Attitudes*, 79-124.
- Farthing, G. W. (1992). *The Psychology of Consciousness*. Prentice-Hall, Inc.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, Attitude, Intention and Behavior: An Introduction to Theory and Research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Fowles, D. C. (1980). The Three Arousal Model: Implications of Gray's Two-Factor Learning Theory for Heart Rate, Electrodermal Activity, and Psychopathy. *Psychophysiology*, 17(2), 87-104.
- Frijda, N. H. (2009). Emotion Experience and Its Varieties. *Emotion Review*, 1(3), 264-271.
- García, X. L., & Sousa, J. P. (2004). *A Investigación e o Ensino do Xornalismo no Espazo Luso-Galego: Actas do I Congreso Luso-Galego de Estudos Xornalísticos Celebrado os Días 29 e 30 de outubro de 2002 en Santiago de Compostela*. Consello da Cultura Galega.
- Gerbner, G., & Gross, L. (1976a). Living with Television: The Violence Profile. *Journal of Communication*, 26(2), 172-199.
- Gerbner, G., & Gross, L. (1976b). The Scary World of TV's Heavy Viewer. *Psychology Today*, 9(11), 41-45.
- Gerbner, G., Gross, L., Morgan, M., & Signorielli, N. (1986). Living With Television: The Dynamics of the Cultivation Process. *Perspectives on media effects*, 1986, 17-40.
- Gilliam Jr, F. D., & Iyengar, S. (2000). Prime Suspects: The Influence of Local Television

- News on the Viewing Public. *American Journal of Political Science*, 560-573.
- Goode, E., & Ben-Yehuda, N. (2009). *Moral Panics: The Social Construction of Deviance*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A General Theory of Crime*. Stanford University Press.
- Gray, J. A., & McNaughton, N. (2000). Fundamentals of the Septo-Hippocampal System. *The Neuropsychology of Anxiety: An Enquiry into the Functions of Septo-Hippocampal System*, 2nd ed. Oxford University Press, Oxford, 204-232.
- Greenwald, A. G. (1968). On Defining Attitude and Attitude Theory. *Psychological Foundations of Attitudes*, 361-388.
- Greenwald, M. K., Cook, E. W., & Lang, P. J. (1989). Affective Judgment and Psychophysiological Response: Dimensional Covariation In the Evaluation of Pictorial Stimuli. *Journal of Psychophysiology*, 3(1), 51-64.
- Greitemeyer, T. (2011). Effects of Prosocial Media on Social Behavior: When and Why Does Media Exposure Affect Helping and Aggression?. *Current Directions in Psychological Science*, 20(4), 251-255.
- Hall, J. E. (2010). *Guyton and Hall Textbook of Medical Physiology* (12<sup>th</sup> ed.). Elsevier Health Sciences.
- Hall, S. et al. (1973). The Social Production of News: Mugging In the Media. Em *The Manufacture of News: Social Problems, Deviance and the Mass Media*. London: Sage.
- Hardy, C. J., & Rejeski, W. J. (1989). Not What, but How One Feels: The Measurement of Affect During Exercise. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(3), 304-317.
- Heath, A. (1991). *Understanding political change: The British voter 1964-1987*. Pergamon Press.
- Heath, L., & Gilbert, K. (1996). Mass Media and Fear of Crime. *American Behavioral Scientist*, 39(4), 379-386.
- Herman, E. S., & Chomsky, N. (1988). *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. London: Vintage.

- Hibbing, J. R., Smith, K. B., & Alford, J. R. (2014). Differences In Negativity Bias Underlie Variations In Political Ideology. *Behavioral and Brain Sciences*, 37(3), 297-307.
- Hodes, R. L., Cook III, E. W., & Lang, P. J. (1985). Individual Differences In Autonomic Response: Conditioned Association or Conditioned Fear?. *Psychophysiology*, 22(5), 545-560.
- Huesmann, L. R. (1986). Psychological Processes Promoting the Relation Between Exposure to Media Violence and Aggressive Behavior by the Viewer. *Journal of Social Issues*, 42(3), 125-139.
- Huesmann, L. R. (1988). An Information Processing Model for the Development of Aggression. *Aggressive Behavior*, 14(1), 13-24.
- Huesmann, L. R., & Eron, L. D. (2013). *Television and the Aggressive Child: A Cross-national Comparison*. Routledge.
- Huesmann, L. R., & Taylor, L. D. (2006). The Role of Media Violence In Violent Behavior. *Public Health*, 27, 393-415.
- I Baqué, E. F., Catteau, M. C., Miossec, Y., & Roy, J. C. (1984). Asymmetry of Electrodermal Activity: A review. *Biological psychology*, 18(3), 219-239.
- Inglehart, R., & Flanagan, S. C. (1987). Value Change In Industrial Societies. *American Political Science Review*, 81(4), 1289-1319.
- Jacob, R. G., Simons, A. D., Manuck, S. B., Rohay, J. M., Waldstein, S., & Gatsonis, C. (1989). The Circular Mood Scale: A New Technique of Measuring Ambulatory Mood. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 11(2), 153-173.
- Jenkins, G. D., & Taber, T. D. (1977). A Monte Carlo Study of Factors Affecting Three Indices of Composite Scale Reliability. *Journal of Applied Psychology*, 62(4), 392.
- Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political Conservatism as Motivated Social Cognition. *Psychological Bulletin*, 129(3), 339.
- Kahneman, D. (1973). *Attention and Effort*, 1063. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Killgore, W. D. S. (1998). The Affect Grid: A Moderately Valid, Nonspecific Measure of Pleasure and Arousal. *Psychological Reports*, 83(2), 639-642.

- Klapp, O. E. (1972). *Currents of Unrest: An Introduction to Collective Behavior*. Holt McDougal.
- Kothandapani, V. (1971). Validation of Feeling, Belief, and Intention to Act as Three Components of Attitude and Their Contribution to Prediction of Contraceptive Behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 19(3), 321.
- Krosnick, J. A., Judd, C. M., & Wittenbrink, B. (2005). Attitude Measurement. Em *Handbook of Attitudes and Attitude Change*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Kruglanski, A. W. (1989). The Psychology of Being "Right": The Problem of Accuracy In Social Perception and Cognition. *Psychological Bulletin*, 106(3), 395.
- Kruglanski, A. W., & Higgins, E. T. (2007). *Social Psychology: Handbook of Basic Principles*. Guilford Press.
- Kruglanski, A. W., & Thompson, E. P. (1999). Persuasion by a Single Route: A View from the Unimodel. *Psychological Inquiry*, 10(2), 83-109.
- Lang, P. J. (1980). Self-Assessment Manikin. *Gainesville, FL: The Center for Research In Psychophysiology, University of Florida*.
- Lang, P. J., Bradley, M. M., & Cuthbert, B. N. (1998). Emotion, Motivation, and Anxiety: Brain Mechanisms and Psychophysiology. *Biological Psychiatry*, 44(12), 1248-1263.
- Lang, P. J., Greenwald, M. K., Bradley, M. M., & Hamm, A. O. (1993). Looking at Pictures: Affective, Facial, Visceral, and Behavioral Reactions. *Psychophysiology*, 30(3), 261-273.
- Lang, P. J., Ohman, A., & Vaitl, D. (1988). The International Affective Picture System [Photographic Slides]. *Gainesville, FL: Center for Research in Psychophysiology, University of Florida*.
- Lang, P., & Bradley, M. M. (2007). The International Affective Picture System (IAPS) in the Study of Emotion and Attention. *Handbook of Emotion Elicitation and Assessment*, 29-46.
- Larsen, R. J., & Diener, E. (1992). Promises and Problems with the Circumplex Model of Emotion. Em *Review of Personality and Social Psychology*, 13, 25-59. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.

- Likert, R. (1932). A Technique for the Measurement of Attitudes. *Archives of psychology*, 22140, 55.
- Linz, D. G., Donnerstein, E., & Penrod, S. (1988). Effects of Long-Term Exposure to Violent and Sexually Degrading Depictions of Women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55(5), 758.
- Lippmann, W. (1922). The World Outside and the Pictures In our Heads. *Public opinion*, 4, 1-22.
- Lissitz, R. W., & Green, S. B. (1975). Effect of the Number of Scale Points on Reliability: A Monte Carlo approach. *Journal of Applied Psychology*, 60(1), 10.
- Mauss, I. B., & Robinson, M. D. (2009). Measures of Emotion: A review. *Cognition and Emotion*, 23(2), 209-237.
- McGuire, W. J. (1968). Personality and Attitude Change: An Information-Processing Theory. *Psychological Foundations of Attitudes*, 171, 196.
- McRobbie, A., & Thornton, S. L. (1995). Rethinking 'Moral Panic' for Multi-mediated Social Worlds. *British Journal of Sociology*, 559-574.
- Mead, G. H., & Miller, D. L. (1982). *The Individual and the Social Self*. Chicago: University of Chicago Press.
- Meditsch, E. (2010). Jornalismo e Construção Social do Acontecimento. *Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos. Florianópolis: Insular*, 19-42.
- Meyrowitz, J. (1986). *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior*. Oxford University Press.
- Molotch, H., & Lester, M. (1974). News as Purposive Behavior: On the Strategic Use of Routine Events, Accidents, and Scandals. *American Sociological Review*, 101-112.
- Morris, J. D. (1995). Observations: SAM: The Self-Assessment Manikin; An Efficient Cross-Cultural Measurement of Emotional Response. *Journal of Advertising Research*, 35(6), 63-68.

- Morris, J. D., Bradley, M. M., & Karrh, J. A. (1994). *Assessing Affective Response to Television Advertising Using the Self-Assessment Manikin (SAM)*. University of Florida, College of Journalism and Communications.
- Mullen, A., & Klaehn, J. (2010). The Herman–Chomsky Propaganda Model: A Critical Approach to Analysing Mass Media Behaviour. *Sociology Compass*, 4(4), 215-229.
- Mullin, C. R., & Linz, D. (1995). Desensitization and Resensitization to Violence Against Women: Effects of Exposure to Sexually Violent Films on Judgments of Domestic Violence Victims. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(3), 449.
- Mutz, D. C., Sniderman, P. M., & Brody, R. A. (1996). *Political Persuasion and Attitude Change*. University of Michigan Press.
- Nazari, M., Chianeh, G., Vahedi, S., & Rostami, M. (2012). Validity and reliability of Self-Assessment Manikin. *Research In Psychological Health*, 6, 52-61.
- Osgood, C. E., Suci, G., & Percy, H. Tannenbaum (1957). The Measurement of Meaning. *Urbana: University of Illinois Press*, 335.
- Ostrom, T. M. (1969). The Relationship Between the Affective, Behavioral, and Cognitive Components of Attitude. *Journal of Experimental Social Psychology*, 5(1), 12-30.
- Ostrom, T. M., & Upshaw, H. S. (1968). Psychological Perspective and Attitude Change. *Em Psychological Foundations of Attitudes*, 217-242.
- Ostrov, J. M., Gentile, D. A., & Crick, N. R. (2006). Media Exposure, Aggression and Prosocial Behavior During Early Childhood: A Longitudinal Study. *Social Development*, 15(4), 612-627.
- Oxley, D. R., Smith, K. B., Alford, J. R., Hibbing, M. V., Miller, J. L., Scalora, M., & Hibbing, J. R. (2008). Political Attitudes Vary with Physiological Traits. *Science*, 321(5896), 1667-1670.
- Patterson II, J. C., Ungerleider, L. G., & Bandettini, P. A. (2002). Task-Independent Functional Brain Activity Correlation with Skin Conductance Changes: An fMRI Study. *Neuroimage*, 17(4), 1797-1806.



- Patwardhan, P., & Yang, J. (2003). Internet Dependency Relations and Online Consumer Behavior: A Media System Dependency Theory Perspective on Why People Shop, Chat, and Read News Online. *Journal of Interactive Advertising*, 3(2), 57-69.
- Perloff, R. M. (1993). *The Dynamics of Persuasion: Communication and Attitudes In the 21st Century*. Routledge.
- Petty, R. E., Cacioppo, J. T., Strathman, A. J., & Priester, J. R. (2005). To Think or not to Think. *Persuasion: Psychological Insights and Perspectives*, 81-116.
- Piquero, A. R., & Weisburd, D. (2010). *Handbook of Quantitative Criminology*. New York: Springer.
- Posner, J., Russell, J. A., & Peterson, B. S. (2005). The Circumplex Model of Affect: An Integrative Approach to Affective Neuroscience, Cognitive Development, and Psychopathology. *Development and Psychopathology*, 17(3), 715-734.
- Redondo, J., Fraga, I., Padrón, I., & Comesaña, M. (2007). The Spanish Adaptation of ANEW (Affective Norms for English Words). *Behavior Research Methods*, 39(3), 600-605.
- Remington, N. A., Fabrigar, L. R., & Visser, P. S. (2000). Reexamining the Circumplex Model of Affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(2), 286.
- Renshon, J., Lee, J. J., & Tingley, D. (2015). Physiological Arousal and Political Beliefs. *Political Psychology*, 36(5), 569-585.
- Richmond, J., & Wilson, J. C. (2008). Are Graphic Media Violence, Aggression and Moral Disengagement Related? *Journal of Managerial Psychology*, 15(2), 350-357.
- Rodrigo Alsina, M. (1989). La Producción de la Noticia. Em *La Construcción de la Noticia* (1ª ed.), 140–200. Barcelona: Paidós.
- Rodrigues, A. D. (1993). O Acontecimento. Em *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, 27-33. Lisboa: Vega.
- Rosenberg, M. J. (1960). Cognitive, Affective, and Behavioral Components of Attitudes. Em *Attitude Organization and Change: An Analysis of Consistency Among Attitude Components*. New Haven: Yale University Press.

- Russell, J. A. (1980). A Circumplex Model of Affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(6), 1161.
- Russell, J. A. (2003). Core Affect and the Psychological Construction of Emotion. *Psychological Review*, 110 (1), 145.
- Russell, J. A., & Barrett, L. F. (1999). Core Affect, Prototypical Emotional Episodes, and Other Things Called Emotion: Dissecting the Elephant. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(5), 805.
- Russell, J. A., & Mehrabian, A. (1974). Distinguishing Anger and Anxiety In Terms of Emotional Response Factors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(1), 79.
- Russell, J. A., & Mehrabian, A. (1977). Evidence for a Three-Factor Theory of Emotions. *Journal of Research In Personality*, 11(3), 273-294.
- Russell, J. A., & Steiger, J. H. (1982). The Structure In Persons' Implicit Taxonomy of Emotions. *Journal of Research In Personality*, 16(4), 447-469.
- Russell, J. A., Lewicka, M., & Niit, T. (1989). A Cross-Cultural Study of a Circumplex Model of Affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(5), 848.
- Russell, J. A., Ward, L. M., & Pratt, G. (1981). Affective Quality Attributed to Environments: A Factor Analytic Study. *Environment and Behavior*, 13(3), 259-288.
- Russell, J. A., Weiss, A., & Mendelsohn, G. A. (1989). Affect Grid: A Single-Item Scale of Pleasure and Arousal. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(3), 493.
- Scholsberg, H. (1941). A Scale for the Judgment of Facial Expressions. *Journal of Experimental Psychology*, 29 (6), 497.
- Schlosberg, H. (1952). The Description of Facial Expressions In Terms of Two Dimensions. *Journal of Experimental Psychology*, 44(4), 229.
- Schudson, M. (1988). Porque é que as Notícias são como são. *Comunicação e Linguagens*, 8, 17-27.
- Schwartz, G. E., & Davidson, R. J. (1997). Neuroanatomical Correlates of Happiness, Sadness, and Disgust. *The American Journal of Psychiatry*, 154, 7.

- Schwarz, N. (1990). Feelings as Information: Informational and Motivational Functions of Affective States. Em *Handbook of motivation and cognition: Foundations of Social Behavior*, 2, 527-561. New York, NY, US: Guilford Press.
- Schwarz, N. (2011). Feelings-as-Information Theory. *Handbook of Theories of Social Psychology*, 1, 289-308.
- Schwarz, N., & Clore, G. L. (1983). Mood, Misattribution, and Judgments of Well-being: Informative and Directive Functions of Affective States. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(3), 513.
- Schwarz, N., & Clore, G. L. (1996). Feelings and Phenomenal Experiences. *Social psychology: Handbook of basic principles*, 2, 385-407.
- Sherrington, C. S. (1906). Observations on the Scratch-Reflex In the Spinal Dog. *The Journal of Physiology*, 34(1-2), 1-50.
- Shields, S. A., MacDowell, K. A., Fairchild, S. B., & Campbell, M. L. (1987). Is Mediation of Sweating Cholinergic, Adrenergic, or Both? A Comment on the Literature. *Psychophysiology*, 24(3), 312-319.
- Silveira, P., & Marôpo, L. (2014). Jornalismo e Construção Social da Realidade. *Revista Comunicando*, 3, 7-19.
- Skin Conductance Explained, (n.d.). Em Psychlab. Retrieved August 7, 2018, from [http://www.psychlab.com/SC\\_explained.html](http://www.psychlab.com/SC_explained.html)
- Skogan, W. G., & Maxfield, M.G. (1981). *Coping with Crime: Individual and Neighbourhood Reactions*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Sloan, D. M., Strauss, M. E., Quirk, S. W., & Sajatovic, M. (1997). Subjective and Expressive Emotional Responses In Depression. *Journal of Affective Disorders*, 46(2), 135-141.
- Smith, A. (1980). *Goodbye, Gutenberg: The Newspaper Revolution of the 1980s*. Oxford Univ Pr.
- Smith, K. B., Oxley, D., Hibbing, M. V., Alford, J. R., & Hibbing, J. R. (2011). Disgust Sensitivity and the Neurophysiology of Left-Right Political Orientations. *PLoS ONE*, 6(10).

- Smith, M. B. (1947). The Personal Setting of Public Opinions: A Study of Attitudes Toward Russia. *Public Opinion Quarterly*, 11(4), 507-523.
- Smith, S. L., & Donnerstein, E. (1998). Harmful Effects of Exposure to Media Violence: Learning of Aggression, Emotional Desensitization, and Fear. In *Human Aggression* (pp. 167-202).
- Sousa, Jorge Pedro (1999). *As Notícias e os seus Efeitos. As Teorias do Jornalismo e dos Efeitos Sociais dos Media*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação.
- Sousa, Jorge Pedro (2002). *Por que as Notícias são como são?* Biblioteca Online de Ciências da Comunicação.
- Strack, F., & Deutsch, R. (2004). Reflective and Impulsive Determinants of Social Behavior. *Personality and Social Psychology Review*, 8(3), 220-247.
- Sveback, S., & Murgatroyd, S. (1985). Metamotivational Dominance: A Multimethod Validation of Reversal Theory Constructs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 107-116.
- Thayer, R. E. (1997). *The Origin of Everyday Moods: Managing Energy, Tension, and Stress*. Oxford University Press, USA.
- Thiruchselvam, R., Blechert, J., Sheppes, G., Rydstrom, A., & Gross, J. J. (2011). The Temporal Dynamics of Emotion Regulation: An EEG Study of Distraction and Reappraisal. *Biological psychology*, 87(1), 84-92.
- Thurstone, L. L. (1928). Attitudes Can be Measured. *American journal of Sociology*, 33(4), 529-554.
- Traquina, N. (1993) - As Notícias. Em *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega.
- Traquina, N. (2002) - (*O Que É*) *Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- Tritt, S. M. (2014). *A Generalized Arousal Model of Political Orientation* (Dissertação de Doutoramento).
- Tritt, S. M., Inzlicht, M., & Peterson, J. B. (2013). Preliminary Support for a Generalized Arousal Model of Political Conservatism. *PLoS One*, 8(12).

- Tuchman, G. (1973). Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected. *American Journal of Sociology*, 79 (1), 110-131.
- Wagner, H. E., & Manstead, A. E. (1989). *Handbook of Social Psychophysiology*. John Wiley & Sons.
- Wallin, B. G. (1981). Sympathetic Nerve Activity Underlying Electrodermal and Cardiovascular Reactions In Man. *Psychophysiology*, 18(4), 470-476.
- Walshe, F. M. R. (1924). Observations on the Nature of the Muscular Rigidity of Paralysis Agitans, and on Its Relationship to Tremor. *Brain*, 47(2), 159-177.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1997). Measurement and Mismeasurement of Mood: Recurrent and Emergent Issues. *Journal of Personality Assessment*, 68(2), 267-296.
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a Consensual Structure of Mood. *Psychological Bulletin*, 98(2), 219.
- Watson, D., Wiese, D., Vaidya, J., & Tellegen, A. (1999). The Two General Activation Systems of Affect: Structural Findings, Evolutionary Considerations, and Psychobiological Evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(5), 820.
- Weisburd, D. (2017). *Quantitative Methods in Criminology*. Routledge.
- Weitzer, R., & Kubrin, C. E. (2004). Breaking News: How Local TV News and Real-World Conditions Affect Fear of Crime. *Justice Quarterly*, 21(3), 497-520.
- White, D. M. (1950). The Gatekeeper: A Case Study on the Selection of News. Em *People, Society and Mass Communications*, 160-172.
- Wolf, M., & de Figueiredo, M. J. V. (1987). *Teorias da comunicação*. Presença.
- Wolf, S., & Wolff H.G. (1947) *Human Gastric Function*. New York: Oxford University Press.
- Wundt, W. M. (1912). *An Introduction to Psychology*. Macmillan.
- Zajonc, R. B. (1980). Feeling and Thinking: Preferences need no Inferences. *American Psychologist*, 35(2), 151.
- Zillmann, D. (1988a). Mood Management Through Communication Choices. *American Behavioral Scientist*, 31(3), 327-340.

Zillmann, D. (2015). Mood Management: Using Entertainment to Full Advantage. Em *Communication, Social Cognition, and Affect (PLE: Emotion)*, 163-188. Psychology Press.

## Anexos

### Anexo I - Percentagens de Audiência SIC, SIC Notícias, CMTV.



Fonte - GFK | 2016

Universo - 9.7 milhões de indivíduos com 4 ou mais anos residentes em Portugal Continental

[GateScope](#) - Compare com outros canais

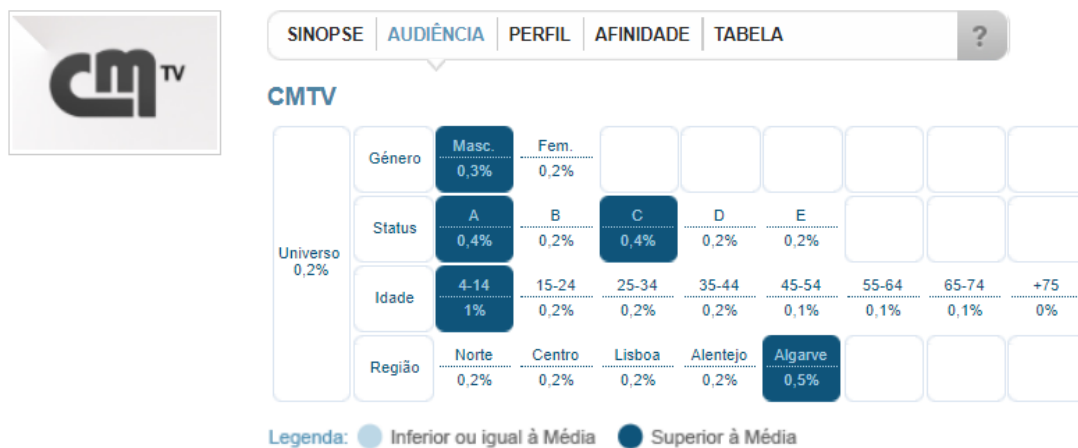


Fonte - GFK | 2016

Universo - 9.7 milhões de indivíduos com 4 ou mais anos residentes em Portugal Continental

[GateScope](#) - Compare com outros canais

## Anexo I (Cont.)

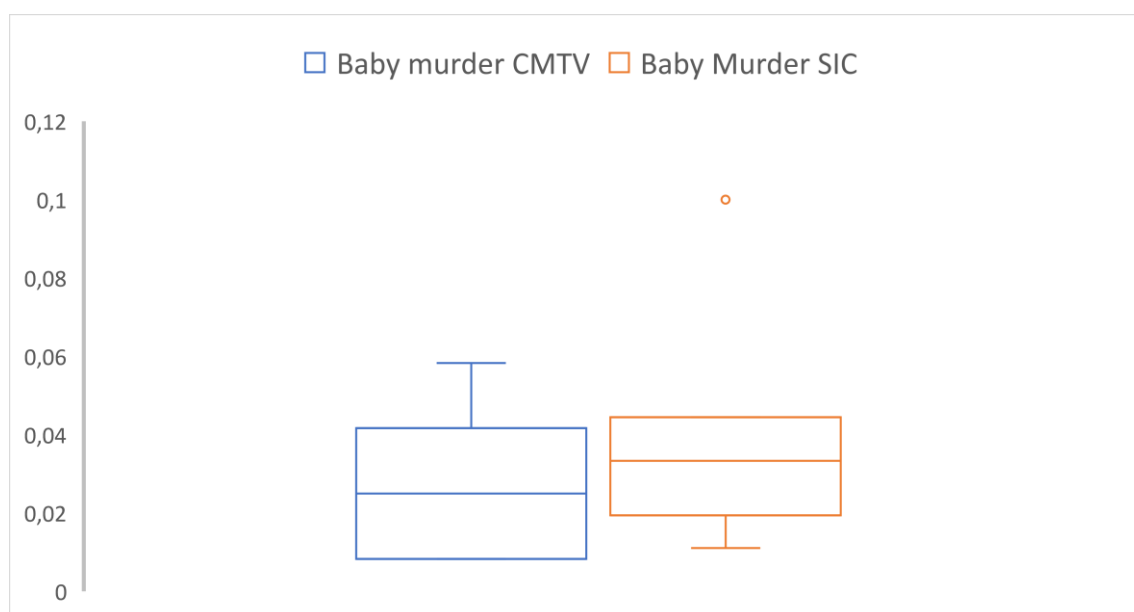
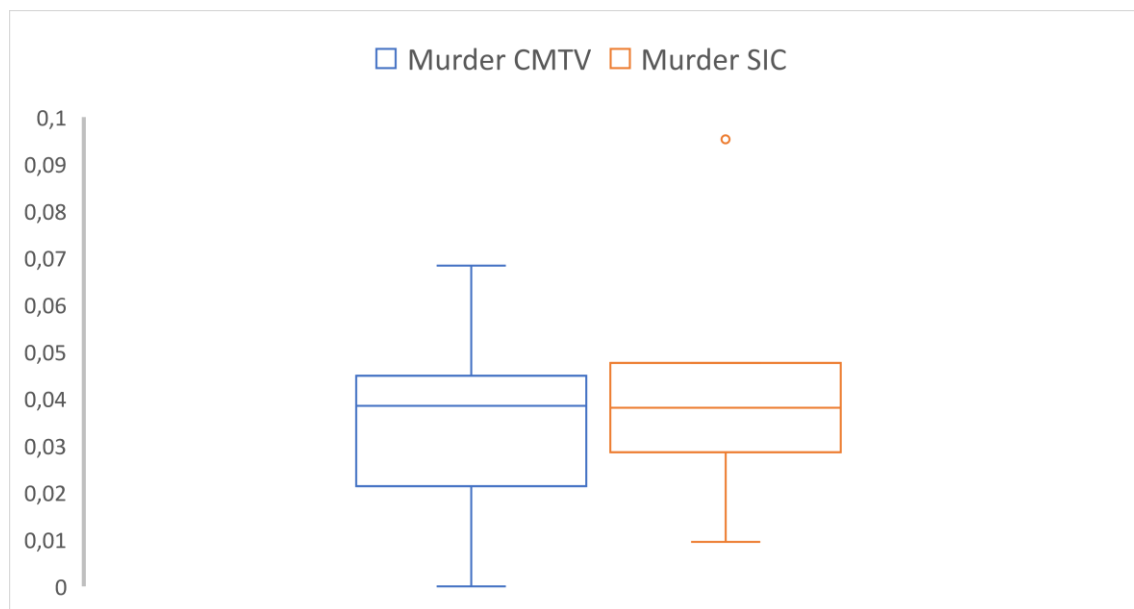


Fonte - GFK | 2016

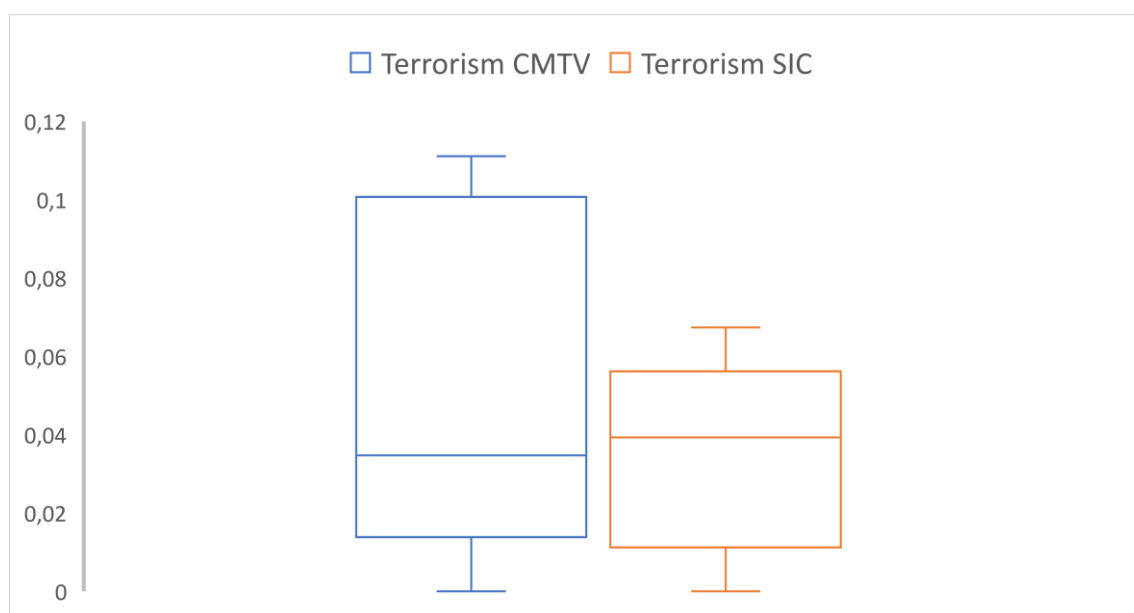
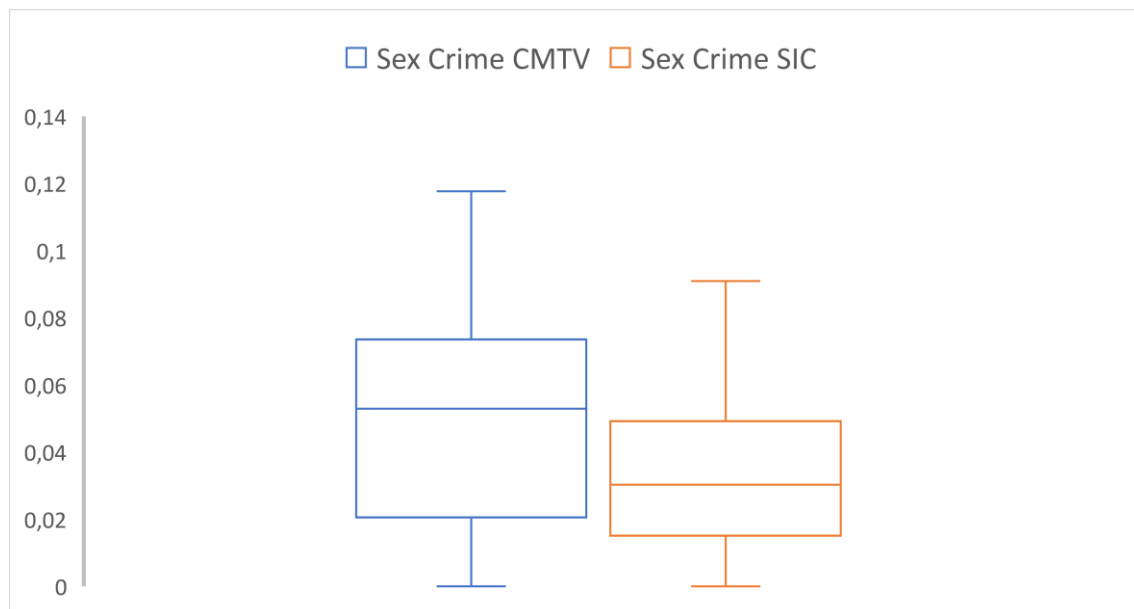
Universo - 9.7 milhões de indivíduos com 4 ou mais anos residentes em Portugal Continental



**Anexo II – *Boxplots*: Comparação de Médias de Activação Fisiológica entre CMTV e SIC por conteúdo**



## Anexo II (Cont.)



## Anexo II (Cont.)

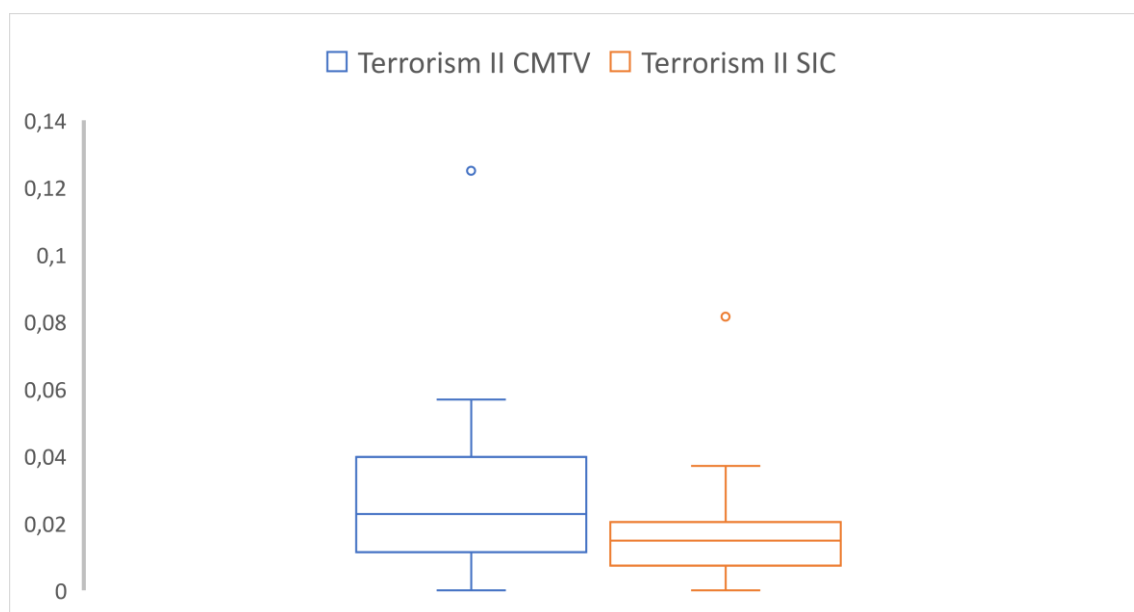


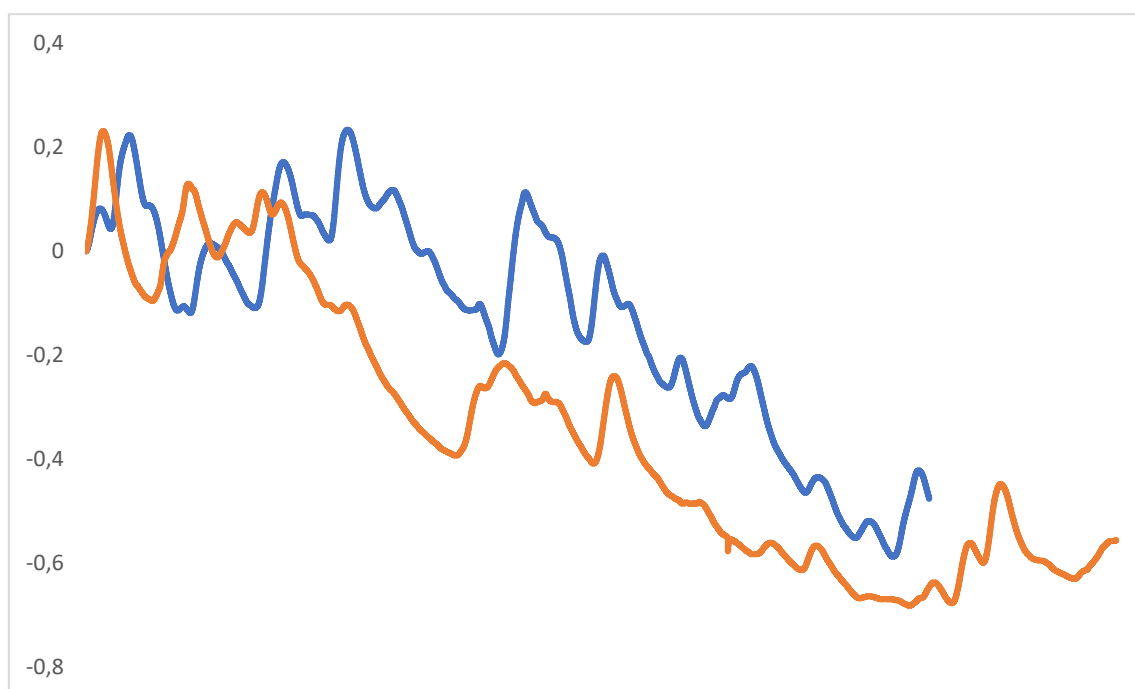
Gráfico 1: Comparação Crime Sexual I SIC vs. CMTV.



120

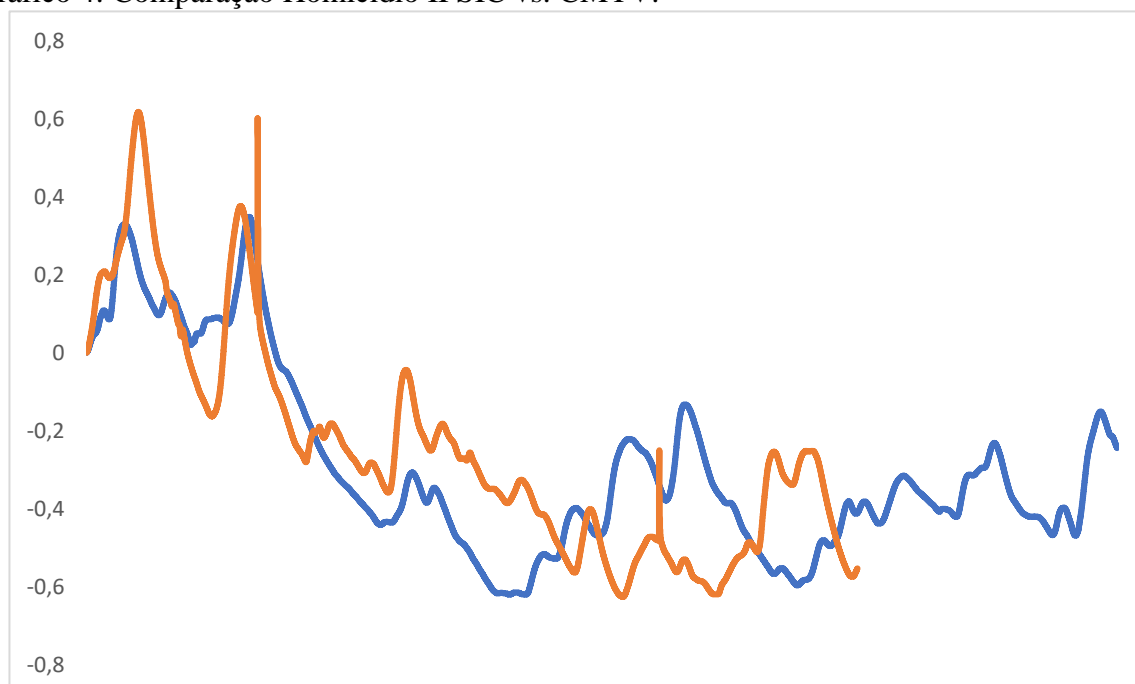
### Anexo III (Cont.)

Gráfico 3: Comparação Terrorismo I SIC vs. CMTV.



-- CMTV – SIC

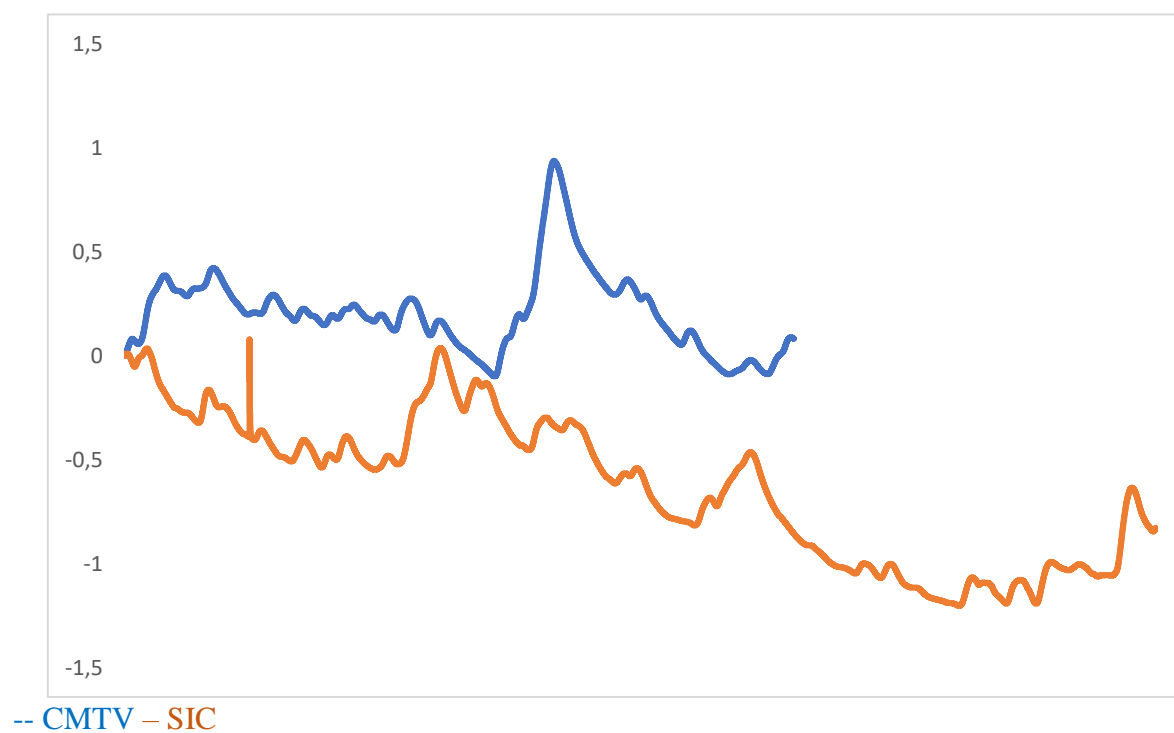
Gráfico 4: Comparação Homicídio II SIC vs. CMTV.



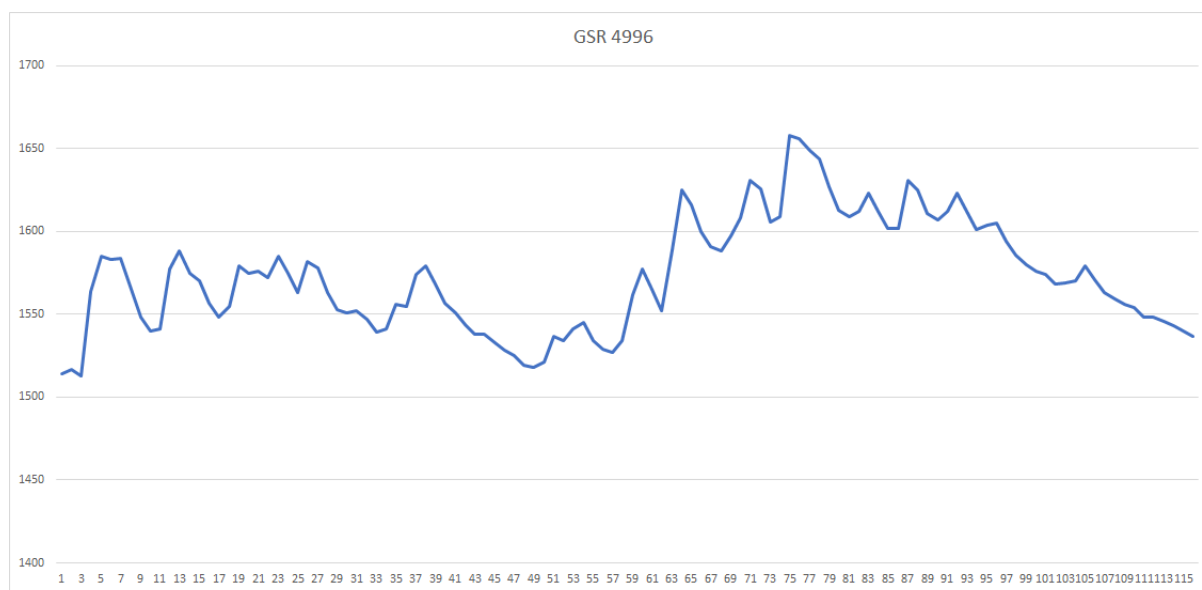
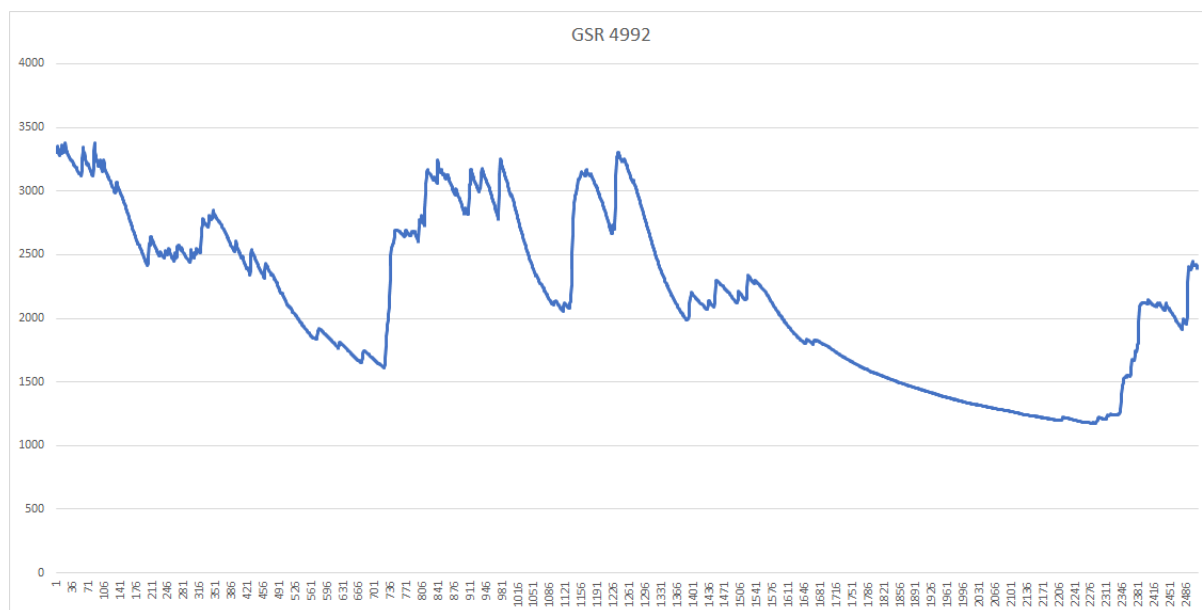
-- CMTV – SIC

### Anexo III (Cont.)

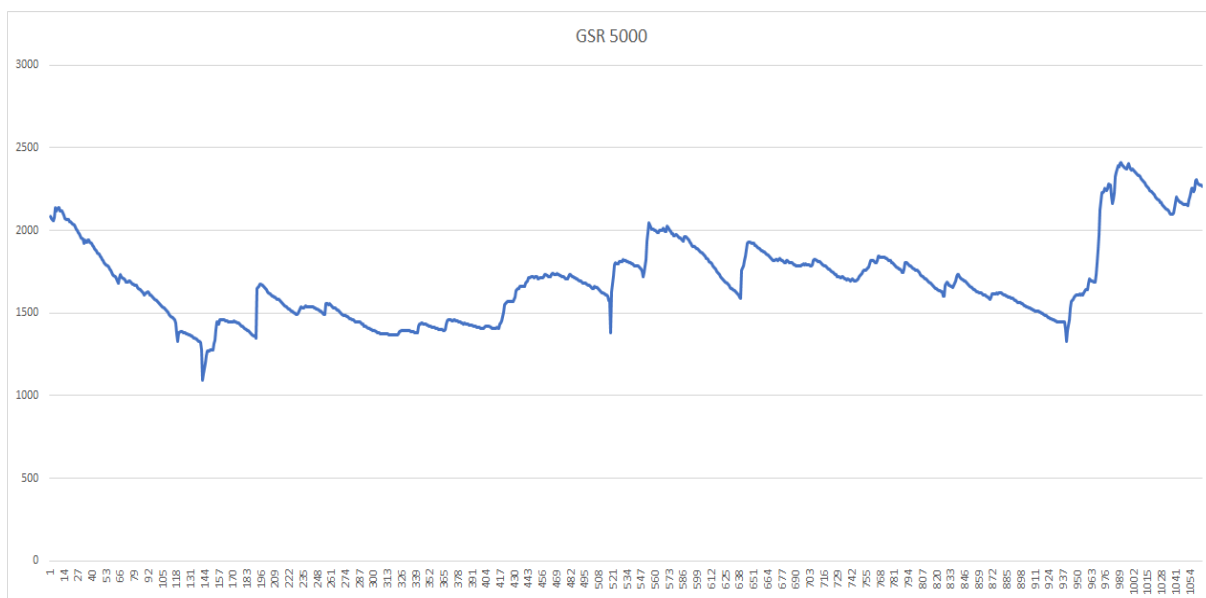
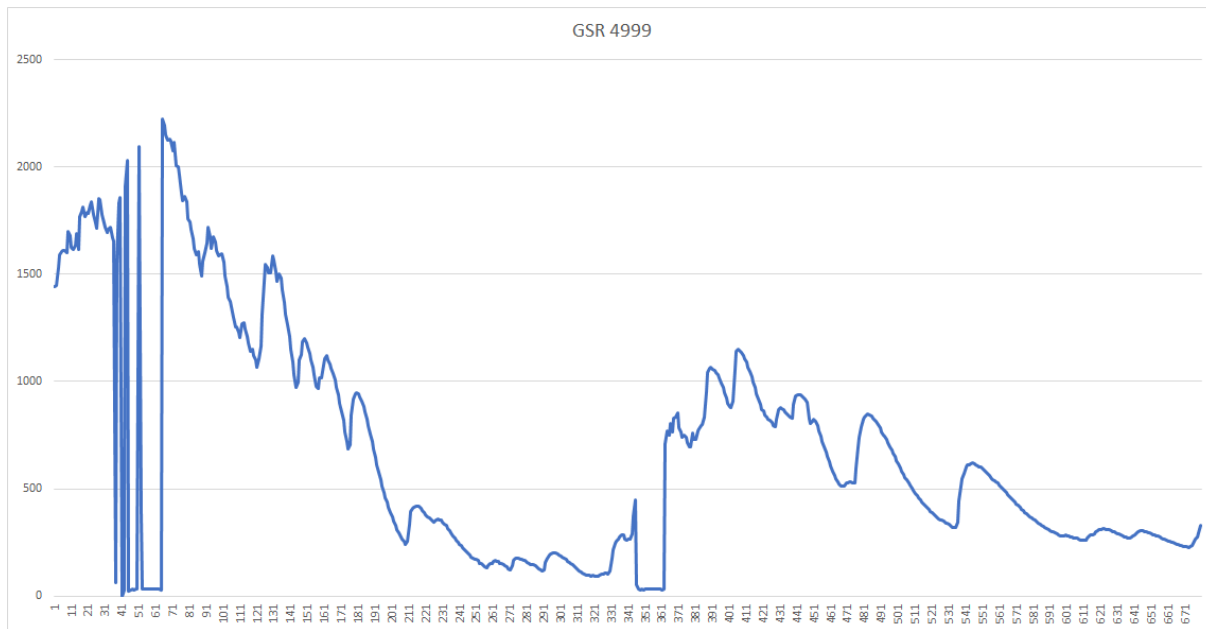
Gráfico 5: Comparação Terrorismo II SIC vs. CMTV.



## Anexo IV – Gráficos de Activação Electrodérmica/Minuto. Sujeitos admitidos no Estudo I.

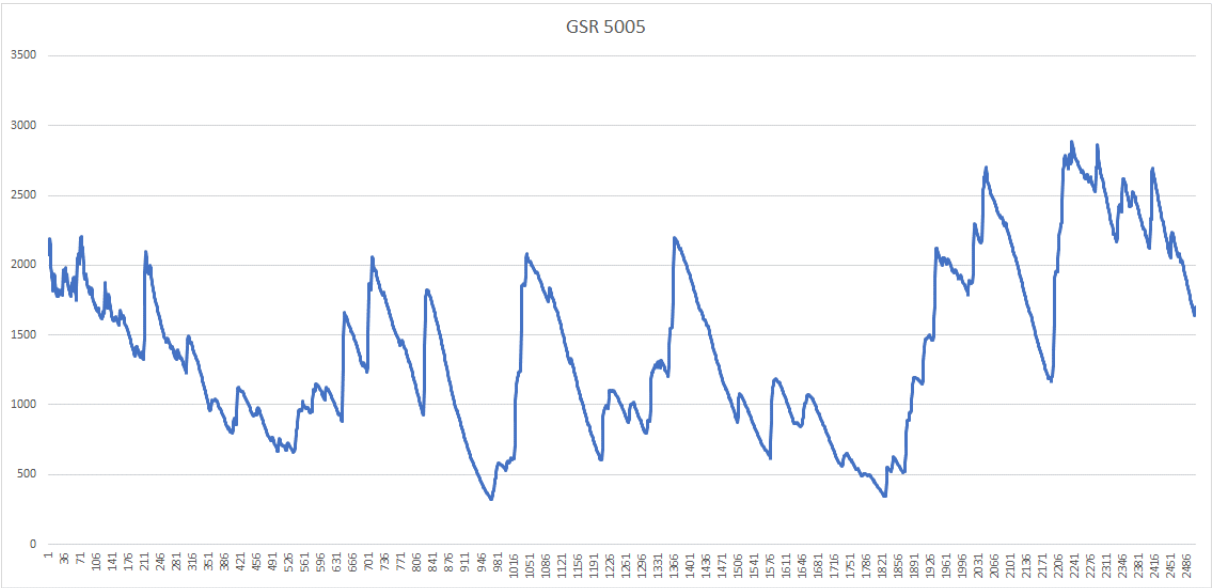
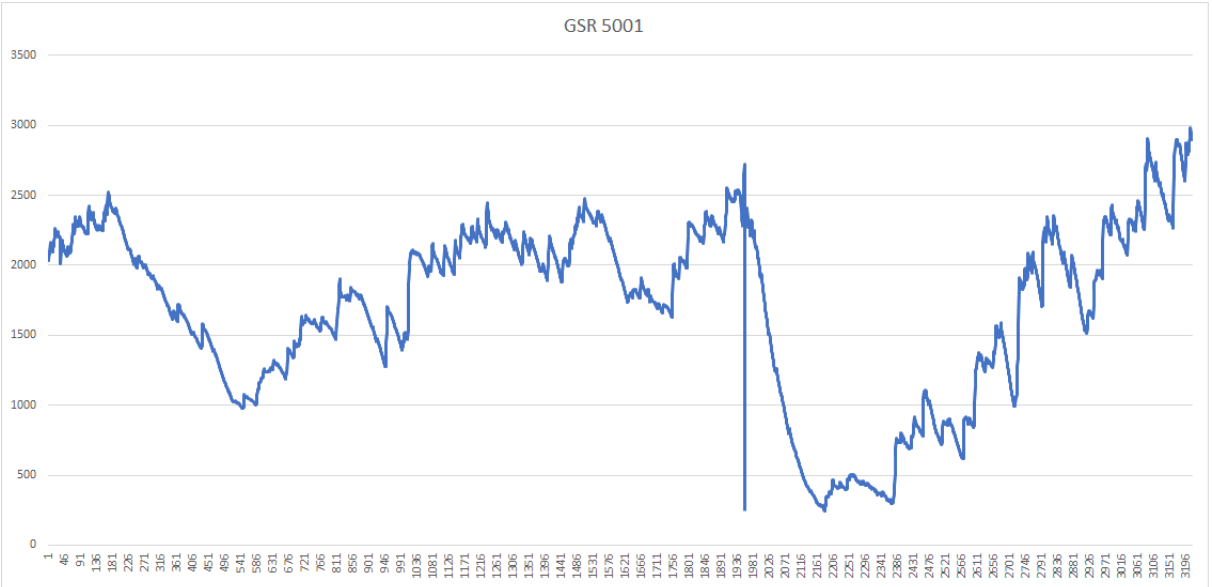


## Anexo IV (Cont.)

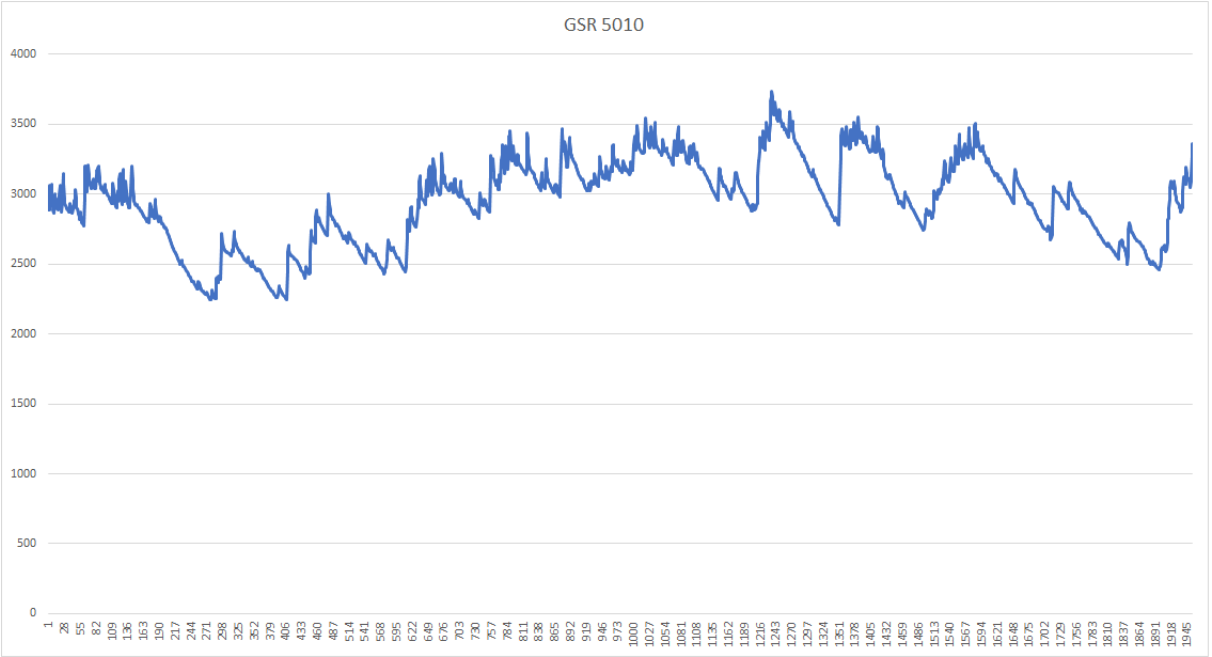
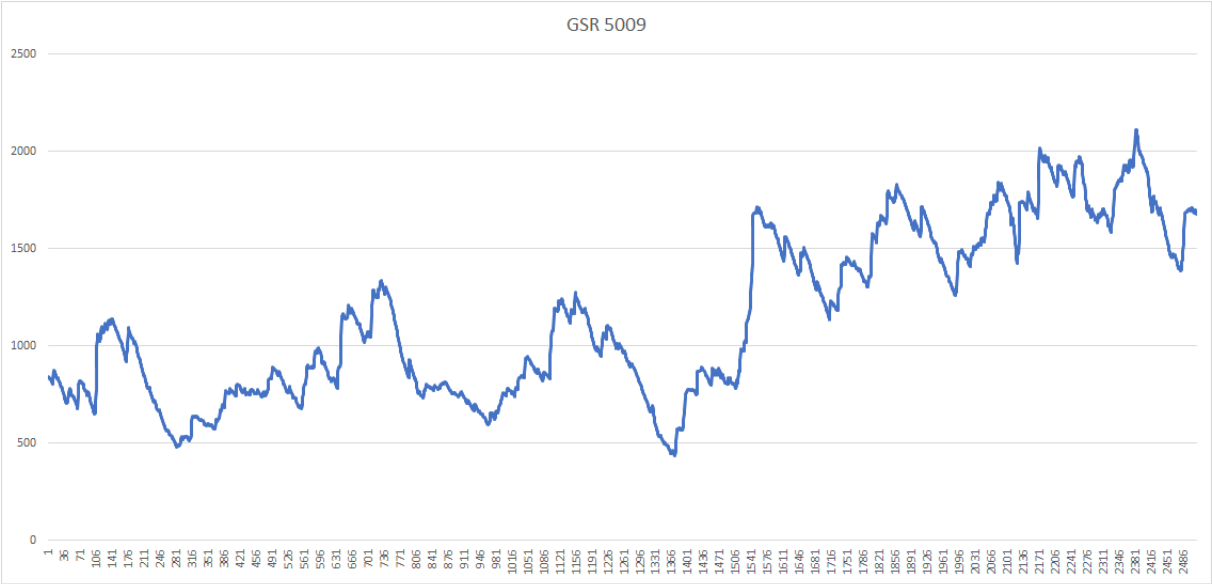




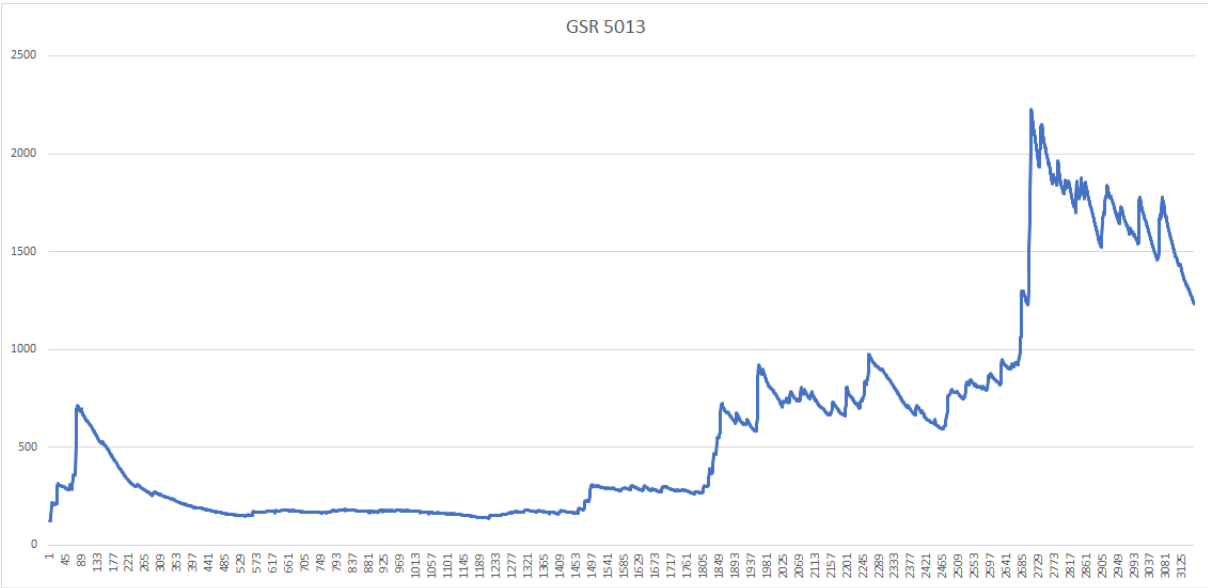
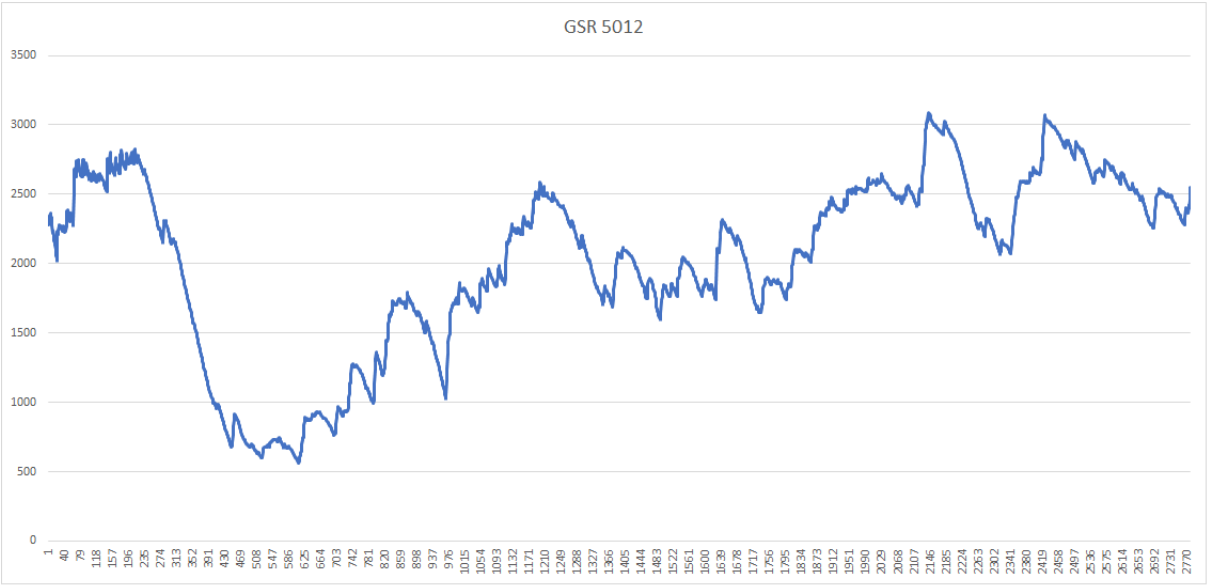
Anexo IV (Cont.)



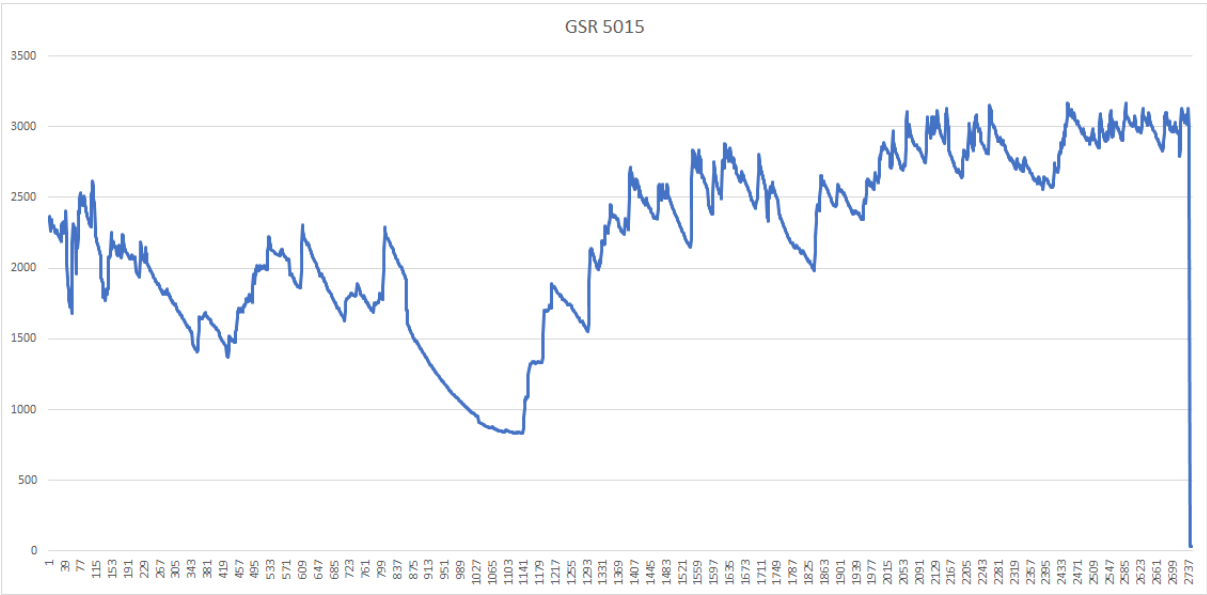
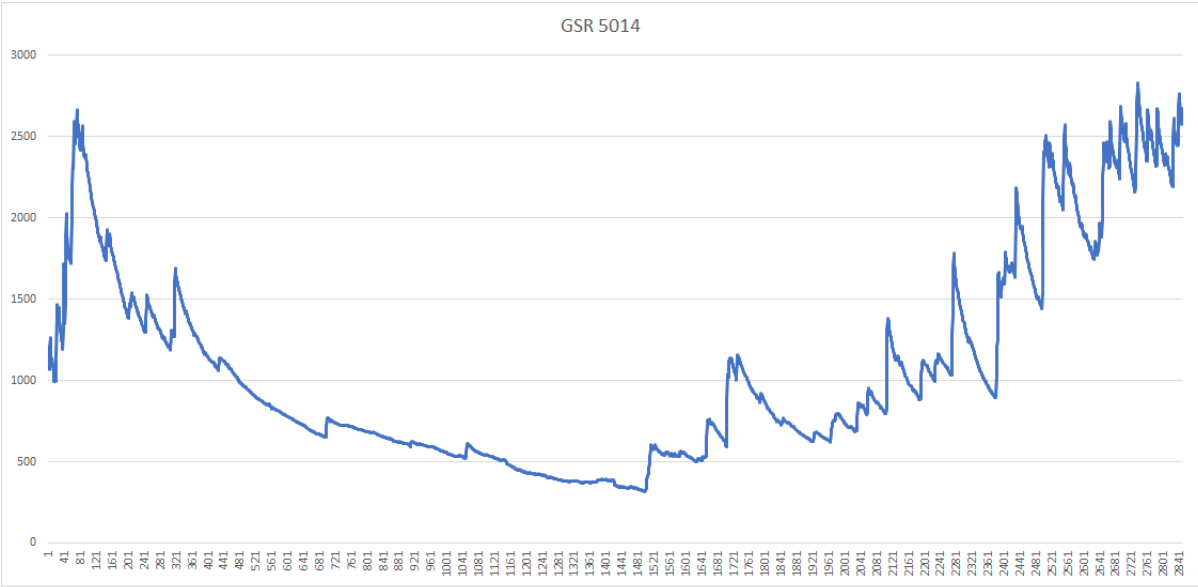
Anexo IV (Cont.)



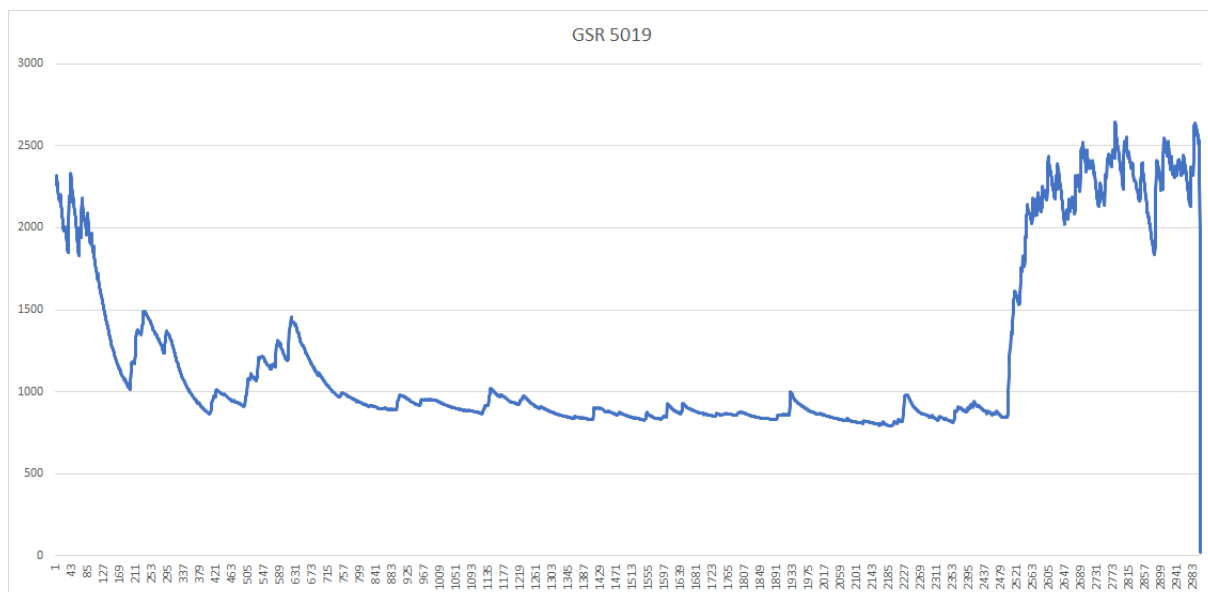
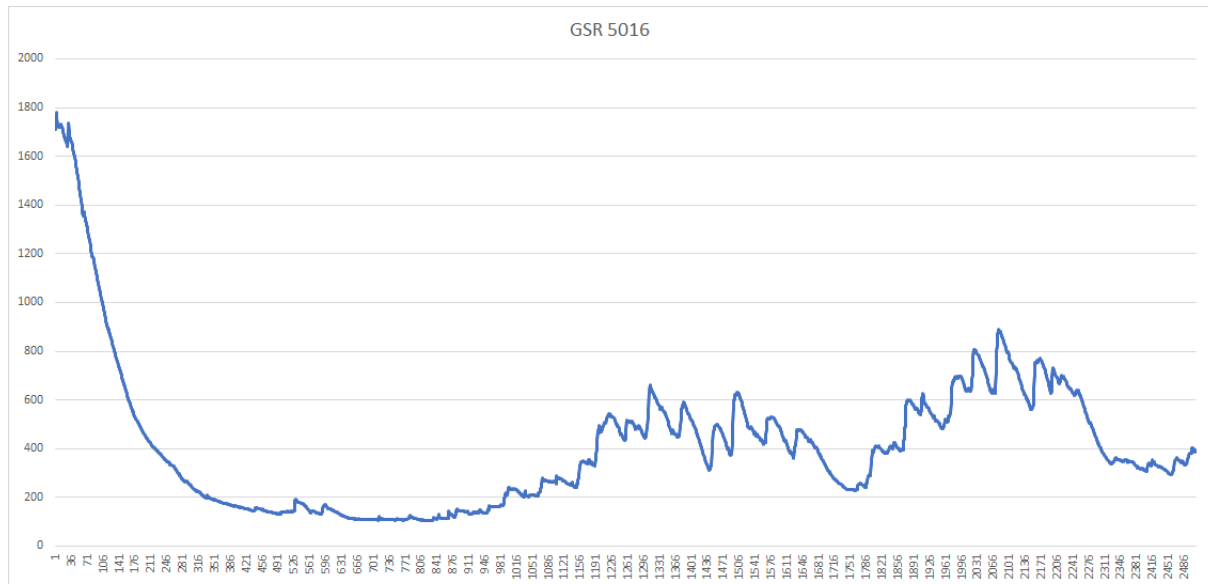
Anexo IV (Cont.)



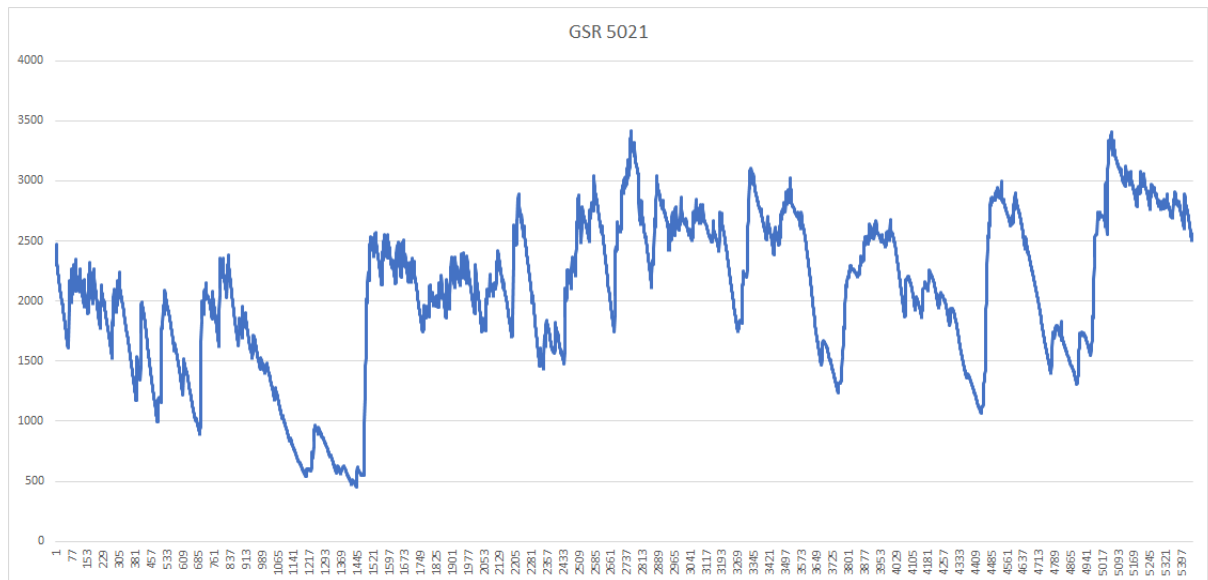
Anexo IV (Cont.)



## Anexo IV (Cont.)



## Anexo IV (Cont.)



**Anexo V – Resultados dos Testes de Normalidade (KS e SW) para as variáveis em estudo.**

	Kolmogorov-Smirnov		Shapiro-Wilk	
	<i>Statistic</i>	<i>Sig.</i>	<i>Statistic</i>	<i>Sig.</i>
Picos_Min	,258	,039	,814	,014
Media_gsr	,204	,200*	,902	,195
Maximo_gsr	,152	,200*	,947	,605
Amplitude_gsr	,171	,200*	,912	,254
Idade	,195	,200*	,945	,575
Adorno_Score	,163	,200*	,931	,426
Autor_1	,159	,200*	,934	,454
Imigr_1	,234	,094	,913	,262
Imigr_2	,189	,200*	,964	,823

## Anexo VI – Identificação de Outliers em Gráfico de Dispersão

